

unesp



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”

Faculdade de Ciências e Letras

Campus de Araraquara - SP

DANIELLE URT MANSUR BUMLAI

ANÁLISE METALEXICOGRÁFICA DE UMA OBRA INDÍGENA GUATÓ



ARARAQUARA – SP

2022

DANIELLE URT MANSUR BUMLAI

ANÁLISE METALEXICOGRÁFICA DE UMA OBRA INDÍGENA GUATÓ

Tese de Doutorado, apresentada ao Conselho do Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Doutor em Linguística e Língua Portuguesa.

Linha de pesquisa: Estudos do Léxico

Orientador: Profa. Dra. Cristina Martins Fargetti

Bolsa: CAPES

ARARAQUARA – SP
2022

B941a Bumlai, Danielle Urt Mansur
Análise Metalexicográfica de uma Obra Indígena Guató / Danielle
Urt Mansur Bumlai. -- Araraquara, 2022
205 p. : il., fotos, mapas

Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista (Unesp),
Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara
Orientadora: Cristina Martins Fargetti

1. Léxico. 2. Língua Indígena. 3. Linguística. 4. Metalexicografia.
5. Revitalização. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca da Faculdade de
Ciências e Letras, Araraquara. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

DANIELLE URT MANSUR BUMLAI

ANÁLISE METALEXICOGRÁFICA DE UMA OBRA INDÍGENA GUATÓ

Tese de Doutorado, apresentada ao Conselho do Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Doutor em Linguística e Língua Portuguesa.

Linha de pesquisa: Estudos do Léxico

Orientador: Profa. Dra. Cristina Martins Fargetti

Bolsa: CAPES

Data de defesa: 09/05/2022

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

Presidente e Orientadora: Profa Dra Cristina Martins Fargetti
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP/FCLAr

Membro Titular: Profa Dra Gladis Massini-Gagliari
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP/FCLAr

Membro Titular: Profa Dra Adriana Viana Postigo Paravisine
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul/Câmpus do Pantanal – UFMS/CPAN

Membro Titular: Profa Dra Natalina Sierra Assencio Costa
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul - UEMS

Membro Titular: Prof Dr Mateus Cruz Maciel de Carvalho
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo - IFSP/Câmpus Salto

Membro Suplente: Prof Dr Daniel Soares Costa
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP/FCLAr

Membro Suplente: Profa Dra Maria do Socorro Melo Araújo
Universidade Estadual de Roraima - UERR

Membro Suplente: Prof Dr Jairzinho Rabelo
Universidade Estadual de Roraima - UERR

Local: Universidade Estadual Paulista
Faculdade de Ciências e Letras
UNESP – Câmpus de Araraquara

A todos os Guató
A toda população indígena
A amada Dalva Maria de Souza Ferreira
que nos dedicou todo seu amor para que esta pesquisa pudesse ser realizada.
In memoriam de Eufrásia Ferreira

AGRADECIMENTOS

A Deus, que me deu saúde e forças para superar todas as noites e dias longos, porém firmes, cheios de vida e vontade;

Aos Espíritos de Luz e Amor;

Aos professores por todo o ensinamento, aos colaboradores, ao Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa, à Agência de Fomento Capes, por possibilitarem a execução desta pesquisa;

Em especial à minha professora orientadora Cristina Martins Fargetti, que desde o início acreditou no potencial desta pesquisa, por todo apoio, dedicação, incentivo, ternura, ao longo desses anos. Ter sido acolhida como uma filha, representa muito para mim;

À minha mãe Suely e ao meu pai Mansur, por serem essenciais na minha vida, sempre me apoiando e estimulando a concretização dos meus objetivos de vida, são minha base para que todos os sonhos pudessem se realizar;

Aos meus irmãos Renam e Daniel, que sempre estão ao meu lado, me fortalecendo, ajudando, tornando os momentos difíceis mais tranquilos e seguros;

Ao meu filho Luan, que é a maior força na minha vida, meu estímulo, meu parceiro, meu grande amigo, e que desde sempre é o meu maior estímulo;

À minha querida tia Sônia, madrinha, por sempre incentivar nos caminhos da pesquisa e educação com todo amor;

Ao Cacique Luis Carlos Alvarenga, liderança da Aldeia Uberaba, minha gratidão pelo apoio à pesquisa;

À toda comunidade Guató, por me receberem e acreditarem na importância da Educação e Pesquisa;

À querida dona Dalva, que, desde a primeira vez, me recebeu de braços e coração abertos, cheia de vida, guerreira, amável. Permitiu que fossem compartilhados e estudados os registros da língua Guató feitos ao longo de mais de 20 anos, me escolhendo nessa jornada para ser a mediadora disso tudo. Foram dias e dias, horas que deslizavam no tempo, meses, de muita conversa boa, de uma troca infinita de experiências. Sem a sua permissão, nada disso seria possível;

À dona Eufrásia (*In Memoriam*), pois foi a partir dela que iniciei os estudos com os Guató, e que de todas as maneiras se fez e esteve presente dentro do seu máximo de possibilidades. Agradeço do fundo do meu coração;

Aos colegas de pesquisa e amigos, em especial ao Iago e ao Rajabo;

À minha amiga Mariana por estar presente em minha vida nos momentos que mais precisei, por todo amor, força, incentivo e apoio incondicional. Sua amizade é muito valiosa para mim;

À querida Adriana, por toda a ajuda e apoio durante este período tão importante não somente da minha formação acadêmica, mas da minha vida. Me apresentou aos Guató, acreditou e desde então segue comigo nesta caminhada;

Aos membros da banca examinadora de Qualificação, Prof.^a Dr.^a Adriana Viana Postigo Paravisini, Prof.^a Dr.^a Gladis Massini-Cagliari, que tão gentilmente aceitaram participar e colaborar com esta tese e com os estudos relacionados às línguas indígenas;

Aos membros da banca examinadora de defesa que se fizeram presentes nesta pesquisa, pelas brilhantes considerações que guiaram a confecção final deste trabalho;

A todas as pessoas que direta ou indiretamente contribuíram para a realização desta pesquisa e fizeram parte desta etapa da minha vida;

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

Minha eterna Gratidão!

[...]

*Sombra-Boa tem hora que entra
em pura decomposição lírica:
"Aromas de tomilhos dementam cigarras."
Conversava em Guató, em português, e em Pássaro...*

"Sombra-Boa"
Manoel de Barros, "O livro das ignoranças" (1994)

RESUMO

Esta tese tem como objetivo de estudo uma análise metalexigráfica de uma Obra na língua Guató, de autoria de dona Dalva Maria de Souza Ferreira, indígena de corpo e alma, pertencente à etnia. Os dados apresentados foram coletados por meio de pesquisa de campo, com o auxílio de uma colaboradora que mora na Aldeia Uberaba na Terra Indígena Guató, no Estado de Mato Grosso do Sul. Este estudo possui informações sobre o povo Guató, sua situação linguística, algumas considerações sobre a escola na aldeia, a metodologia utilizada para a coleta de dados em campo e a análise, sob os pressupostos teórico-metodológicos apoiados na Terminologia Etnográfica por Fargetti (2018a,b), nas Ciências do Léxico – lexicologia, lexicografia, terminologia – por Biderman (1981,1984,1996,1998a,b,c,d, 1999, 2001 e 2003), Oliveira e Isquerdo (1998, 2011) e especialmente nas reflexões metalexigráficas por Haensch (1982), Porto-Dapena (2002) e Welker (2004). A revisão bibliográfica aborda a literatura existente sobre o povo e sua língua, as listas de palavras, os estudos prévios e a filiação genética da família linguística. A coleta e análise desta Obra é um marco para o seu povo, pois além de ser uma publicação inédita, todo o material linguístico foi coletado por uma índia por mais de vinte anos, com falantes Guató. Esperamos que essa Obra venha somar a outros materiais existentes na língua para que seja possível determinar a melhor forma de utilizá-lo para o ensino-aprendizagem na escola da Aldeia e comunidade em geral. E, que determine um salto qualitativo na preservação dessa língua que se encontra em “quase” extinção. Esta tese, portanto, busca contribuir para a documentação e revitalização das línguas indígenas brasileiras, em especial a língua Guató, pertencente ao tronco linguístico macro-jê, além de contribuir para a sua preservação cultural e linguística.

Palavras – chave: Léxico; Línguas Indígenas; Metalexigrafia; Guató; Revitalização.

ABSTRACT

This dissertation aims to study a metalexigraphic analysis of a Work in the Guató language, by Dona Dalva Maria de Souza Ferreira, indigenous in body and soul, belonging to the Guató ethnic group. The data presented were collected through field research, with the help of a collaborator who lives in Aldeia Uberaba, Guató Indigenous Land, in the State of Mato Grosso do Sul. This study has information about the Guató people, their linguistic situation, some considerations about the school's village, the methodology used to collect data in the field and analysis, under the theoretical-methodological assumptions supported in Ethnographic Terminology by Fargetti (2018a,b), in the Lexicon Sciences - lexicology, lexicography, terminology - by Biderman (1981,1984,1996,1998a,b,c,d, 1999, 2001 and 2003), Oliveira and Isquerdo (1998, 2011) and especially in the metalexigraphic reflections by Haensch (1982), Porto-Dapena (2002) and Welker (2004). The bibliographic review addresses the existing literature on the people and their language, word lists, previous studies and the genetic affiliation of the language family. The collection and analysis of this Work is a milestone for its people, because in addition to being an unprecedented publication, all the linguistic material was collected by an Indian woman for more than twenty years, with Guató speakers. We hope that this Work will add to other existing materials in the language, so that it is possible to determine the best way to use it for teaching and learning in the village's school and community in general. And that determines a qualitative leap in the preservation of this language that is in a near-extinction state. This thesis, therefore, seeks to contribute to the documentation and revitalization of Brazilian indigenous languages, especially the Guató language, which belongs to the macro-jê linguistic branch, in addition to contributing to its cultural and linguistic preservation.

Keywords. Lexicon; indigenous languages; metalexigraphy; Guató; revitalization.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Canoa Guató.Casa tradicional Guató ao fundo. Aldeia Uberaba.	19
Figura 2	No aguardo do barco freteiro. Aldeia Uberaba-Ilha Ínsua.	22
Figura 3	Casa tradicional Guató. Madeira com telhado de palha de acuri.	31
Figura 4	Casa tradicional Guató. Madeira com telhado de zinco.	32
Figura 5	Parte interna casa Guató.	32
Figura 6	Cozinha Guató.	33
Figura 7	Casa tradicional Guató. Famílias conversando.	33
Figura 8	Construção de canoa Guató.	34
Figura 9	Construção de canoa Guató	34
Figura10	Barco com motor rabeta	35
Figura11	Artesanato Guató, feito por dona Francisca.	36
Figura12	Artesanato Guató, por dona Catarina e mulheres da comunidade.	37
Figura13	Dona Catarina colhendo Aguapé no rio Paraguai	38
Figura 14	Dona Catarina remando com canoa Guató	39
Figura 15	Pequeno Dicionário da língua Guató (2002)	47
Figura16	Nilo, Lena e Amérino no rio Paraguai, Pantanal/MS	52
Figura 17	Dona Eufrásia em frente à sua casa, no município de Corumbá/MS	57
Figura18	Seu Vicente em sua casa no Baixo Pantanal – Barra de São Lourenço	58
Figura19	Rio Paraguai. Vista da Ilha Ínsua – Aldeia Uberaba	63
Figura20	Visita da Assistente Social. Casa de dona Eufrásia.	66
Figura21	Dona Eufrásia.	66
Figura22	Reunião de autorização para realização desta pesquisa	68
Figura23	Barco Guató I	68

Figura 24	Barco freteiro. Amolar	70
Figura25	Vista da Aldeia Uberaba	71
Figura26	Chegada na Aldeia Uberaba.	72
Figura27	Escola Estadual Indígena Joao Quirino de Carvalho “Thogopanaã”	72
Figura28	Desenhos feitos pelos alunos da escola “Thogopanaã”	73
Figura29	Canoa Guató retratada pelos alunos da escola “Thogopanaã”	73
Figura30	Miniaturas de peças artesanais Guató.	74
Figura31	Gerador de energia	75
Figura32	Posto de saúde. Aldeia Uberaba.	75
Figura33	Posto de saúde. Placa solar. Aldeia Uberaba.	76
Figura34	Dona Dalva e seu Severo. Aldeia Uberaba.	76
Figura35	Casa Guató. Telha de amianto.	77
Figura36	Casa Guató. Com acuri.	77
Figura37	Casa Guató	78
Figura38	Comemoração Festa Junina com as crianças da escola.	79
Figura39	Bricadeiras com prendas.	79
Figura40	Cacique Luis Carlos Alvarenga e Vice-cacique Laucídio. Festa junina.	80
Figura41	Festa junina da comunidade. Fogueira.	80
Figura42	Festa junina da comunidade.	81
Figura43	Festa junina da comunidade. Dança.	81
Figura44	Parte interna de casa Guató.	82
Figura45	Parte interna da casa Guató.	82
Figura46	Dona Francisca, índia Guató.Artesã.	83
Figura47	Artesanato feito por dona Francisca.	83

Figura48	Braco freteiro na volta da Aldeia Uberaba.	84
Figura49	Cacique Luis Carlos, Vice Cacique Laucídio, FUNAI Valmir Correa.	85
Figura50	Chegada na cidade de Corumbá/MS. Porto Geral.	85
Figura51	Dona Dalva e eu na sua casa em Corumbá/MS	88
Figura52	Dona Dalva, sua netinha e eu. Corumbá/MS	90
Figura53	Orelhão. Aldeia Uberaba.	90
Figura 54	Dona Dalva e seu Severo no Porto Geral de Corumbá/MS	100
Figura 55	Recorte dissertação Palácio (1984)	107
Figura 56	Recorte no caderno de dona Dalva Maria de Souza Ferreira	108
Figura 57	Recorte no caderno de dona Dalva Maria de Souza Ferreira. Lema Boca	109
Figura 58	Recorte dissertação Palácio (1984)	109
Figura 59	Recorte dissertação Palácio (1984)	109
Figura 60	Recorte dissertação Postigo (2009)	110
Figura 61	Recorte dissertação Postigo (2009)	111
Figura 62	Recorte dissertação Postigo (2009)	111
Figura 63	Recorte dissertação Postigo (2009)	111
Figura 64	Recorte lema <sol>	112
Figura 65	Recorte lema <sol>	112
Figura 66	Recorte lema <nascer do sol>	113
Figura 67	Recorte lema <por do sol>	113
Figura 68	Recorte lema < trovão>	113
Figura 69	Recorte lema < trovão>	113
Figura 70	Recorte lema < lua>	114
Figura 71	Recorte lema < lua>	114
Figura 72	Recorte lema < lua>	114

Figura 73	Recorte lema <sentar>	114
Figura 74	Recorte lema <sentar>	115
Figura 75	Recorte lema <sentar>	115
Figura 76	Recorte lema <sentar>	115
Figura 77	Recorte lema <sentar>	115
Figura 78	Recorte Lema <vamos fumar>	116
Figura 79	Recorte lema <peixe>	117
Figura 80	Recorte lema <vamos pescar>	117
Figura 81	Recorte lema <dente de onça>	117
Figura 82	Recorte lema <onça>	118
Figura 83	Recorte lema <onça>	118
Figura 84	Recorte lema <onça>	118
Figura 85	Recorte lema <casa>	118
Figura 86	Recorte lema <casa>	118
Figura 87	Recorte lema <casa>	119
Figura 88	Recorte lema <casa>	119
Figura 89	Recorte lema <canoa>	119
Figura 90	Recorte lema <canoa>	119
Figura 91	Recorte lema <canoa>	119
Figura 92	Recorte lema <canoa>	119
Figura 93	Recorte lema <flor>	120
Figura 94	Recorte lema <flor>	120
Figura 95	Recorte lema <flor>	120
Figura 96	Recorte lema <flor selvagem>	120
Figura 97	Recorte lema <flor selvagem>	120

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Descrição de termos de acordo com os dados EGIDS	25
Quadro 2: Variadas formas do verbo	116

LISTA DE MAPAS

Mapa 1	Terras Indígenas – Terra Indígena dos Guató.	27
Mapa 2	Imagem satélite <i>Google Maps</i> /19	28
Mapa 3	Terras Indígenas.	28

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CRAS	Centro de Referência de Assistência Social
ECOA	Ecologia e Ação
EGIOS	Escala Graduada Expandida de Interrupção Intergeracional
FUNAI	Fundação Nacional do Índio
ISA	Instituto Socioambiental
LINBRA	Grupo de estudos de Línguas Indígenas Brasileiras
RANI	Registro Administrativo de Nascimento Indígena
SED/MS	Secretária de Educação do Estado de Mato Grosso do Sul
SESAI	Secretaria Estadual de Saúde Indígena
SPI	Serviço de Proteção Indígena
TE	Terminologia Etnográfica
TI	Terra Indígena
UFMS	Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
CV	Consoante vogal
V	Vogal
VSO	Verbo -Sujeito-Objeto

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	19
CAPÍTULO 1	22
O POVO E A LÍNGUA GUATÓ	22
1.1 Considerações acerca do material Lexicográfico indígena no Brasil	23
1.2 Termo língua moribunda	24
1.3 O povo Guató	26
1.3.1 Os Guató da Aldeia Uberaba	27
1.3.2 Espalhamento Guató e sua “quase extinção”	29
1.3.3 Modo de Vida	31
1.4. Estudos antropológicos e linguísticos – Séc. XVI ao XIX	39
1.4.1 Possíveis fatores da perda linguística	42
1.4.2 Estudos Antropológicos e Linguísticos – Séculos XX ao XXI	43
1.5 Literatura e cinema	50
1.6 Falantes, Semi-falantes, Lembrantes ou Esquecentes	53
1.7 Filiação genética	53
1.8 Situação linguística atual dos Guató	55
1.8.1 Escola estadual indígena João Quirino de Carvalho “Thogopanaã”	59
1.9 Colaboração de nossa pesquisa para a revitalização da língua Guató	61
CAPÍTULO 2	63
METODOLOGIA	63
TRABALHO DE CAMPO	63
2.1. Etapas da pesquisa	64
2.2. Campo antes da alteração do projeto	65
2.3. Campo de pesquisa após a alteração do projeto	86
CAPÍTULO 3	92

REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO	92
3.1 Lexicografia e a Metalexigrafia	96
3.2 Terminologia e Terminologia Etnográfica	97
CAPÍTULO 4	100
ANÁLISE METALEXICOGRÁFICA DA OBRA INDÍGENA GUATÓ.....	100
CONCLUSÕES	122
REFERÊNCIAS	124
APÊNDICES	135
APÊNDICE I – Pedido de solicitação de autorização de Ingresso em Terra Indígena Guató.....	135
.....	135
APÊNDICE II– Autorização de Ingresso em Terra Indígena Guató.....	136
.....	136
APÊNDICE III – Termo de Autorização para publicação de uso de material.....	137
APÊNDICE IV – História de vida de Dona Dalva.....	138
APÊNDICE V – Edição digitada (tipo Diplomática)	148
.....	148
ANEXO.....	194
ANEXO I - Reprodução de matéria feita com Dona Dalva Maria.....	194

Gôcôo Arerho tyto vogum odjekôn
“Nossas Vidas são os rios porque somos das águas
(Maghatûn)

(Canoeiros do Pantanal)”

INTRODUÇÃO

Figura 1: Canoa Guató. Casa Tradicional Guató ao fundo. Aldeia Uberaba – Ilha Ínsua



Fonte: Danielle Urt Mansur Bumlai, 2019.

A realização desta tese e a escolha do objeto de estudo alinham-se às preocupações relacionadas às línguas indígenas em vias de extinção, especialmente a língua Guató. Tais preocupações se deram por dois motivos: primeiro pelo fato dos critérios da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) apontarem a língua Guató como criticamente ameaçada de extinção e segundo pelo fato de o último “falante”, ser considerado por pesquisadores e por nossa pesquisa como “lebrante” ou mesmo “esquecente”.

Perante tais afirmações, a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO, 1996), por meio da Declaração Universal dos Direitos Linguísticos, garante, entre muitos outros direitos, o direito individual e coletivo de grupos linguísticos de empregarem suas línguas e culturas. Portanto, são prioridades ações que assegurem aos povos indígenas as condições necessárias para transmitir suas línguas às novas gerações (RODRIGUES, 2005, p.36), sendo mais do que urgente fazer a documentação das línguas indígenas, antes que elas se extingam de vez (KRAUSS, 1992).

Além disso, conhecer as línguas indígenas e estudá-las é contribuir para o desenvolvimento de projetos que visem à valorização dessas línguas, da cultura e da identidade dos povos indígenas, muitas vezes esquecidos chegando até mesmo ao seu desaparecimento.

A partir de entrevista realizada com Luis Carlos Alvarenga, em 2017, liderança da Terra Indígena (TI) Guató até 2020, na cidade de Corumbá/MS, evidenciamos um grande interesse e um grito de socorro na questão do fortalecimento e da revitalização da língua Guató. Nesse encontro pode ser verificado, no que diz respeito à língua, à cultura e à identidade, que o povo Guató possui muitos desafios a serem enfrentados. Portanto, foi preciso buscar, por meio da pesquisa, estudos que pudessem contribuir para a documentação e a revitalização da língua, tanto para fins científico-acadêmicos quanto escolares. Esta etapa de revitalização já vem sendo desenvolvida entre os Guató, inclusive por outros pesquisadores, que apontam o risco iminente de perda linguística.

Os Guató estão localizados nos estados de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul e nesta nossa pesquisa temos como foco os Guató do estado de Mato Grosso do Sul, da Terra Indígena Guató, com aproximadamente 198 indígenas morando na comunidade, sem contabilizar os que moram nos arredores, como nas cidades de Corumbá e região. A língua Guató, de acordo com a classificação de Rodrigues (1986), possui certo parentesco com o Bororo, o Kaingang, o Karajá e o Xokleng, sendo classificada como uma língua única dentro da família Guató, pertencente ao tronco linguístico Macro-Jê, porém no decorrer dos anos,

outros estudos foram apresentados sobre o tronco linguístico ao qual ela pertence, os quais foram discutidos e apresentados nesta pesquisa, contudo sem chegar a uma definição, o que deixa uma lacuna para que novos estudos possam ser realizados e possam somar a esses já existentes.

Buscamos realizar em nossa pesquisa uma análise metalexigráfica sobre a obra indígena Guató de autoria de Dalva Maria de Souza Ferreira, a fim de contribuir para sua documentação e revitalização, uso na Escola Estadual Indígena João Quirino de Carvalho “Toghopanaã” e de toda sua comunidade. Todo material que possa vir a somar e fazer com que a língua Guató possa ser revitalizada é de grande valia e contribuição para que não se extinga de vez.

Nossa pesquisa possui natureza qualitativa e documental. Para este trabalho, fizemos a documentação e a análise do léxico disposto no material da autora, o qual ela nomeia de “Dicionário”.

A organização de nossa pesquisa foi dividida em Introdução e quatro capítulos, conforme descrito a seguir.

No capítulo 1 - descrevemos o povo e a língua Guató e dividimos em - : 1.1 considerações acerca do material Lexicográfico indígena no Brasil; 1.2 conceituo o Termo “Língua moribunda”; 1.3 O povo Guató - contém informações sobre quem são os Guató, onde vivem, demografia e localização; os Guató da Baía Guató e da Terra Indígena Guató da Aldeia Uberaba; espalhamento e sua “quase” extinção, trajetória de reconhecimento da etnia Guató, perpassando pela demarcação das terras, até os dias atuais; 1.4 estudos antropológicos e linguísticos do século XIX ao XX; estudos antropológicos e linguísticos do século XX ao XXI; 1.5 literatura e cinema; 1.6. falantes, semi-falantes, lembrantes ou esquecentes; 1.7 Refere-se à filiação genética; 1.8. Situação linguística atual e a Escola Estadual Indígena João Quirino de Carvalho “Thogopanaã”; 1.9 Colaboração de nossa pesquisa para a revitalização da língua Guató.

No segundo capítulo, foram descritos os procedimentos metodológicos adotados no desenvolvimento da pesquisa; 2.1 etapas da pesquisa; 2.2. Campo de pesquisa antes da alteração do projeto; 2.3. Campo de pesquisa depois da alteração do projeto.

Foram apresentadas no terceiro capítulo as questões teóricas que orientaram as análises realizadas e as teorias que embasaram nossa metodologia.

No quinto capítulo apresentamos a análise metalexigráfica da obra indígena Guató, objeto deste estudo. Por fim, foram apresentadas as Conclusões, as Referências Bibliográficas, Anexos e Apêndices que complementam esta pesquisa.

CAPÍTULO 1

O POVO E A LÍNGUA GUATÓ

Figura 2: No aguardo do barco freteiro. Aldeia Uberaba - Ilha Ínsua



Fonte: Danielle Urt Mansur Bumlai, 2019.

Este capítulo busca apresentar algumas considerações acerca do material Lexicográfico indígena no Brasil; definições relacionadas ao termo língua moribunda; revisão bibliográfica sobre o povo e a língua Guató, abordando todos os estudos já realizados a que tivemos acesso no decorrer desta pesquisa, que se encontram datados e referenciados.

1.1 Considerações acerca do material Lexicográfico indígena no Brasil

De acordo com Isquierdo (2011), a lexicografia no Brasil teve início desde que o país foi povoado, por meio de relatos que foram descritos pelos viajantes e cronistas, como, por exemplo, o material produzido com os Guató por Schmidt (1905[1942a]), no início do século XX, como resultado de sua expedição pelos caminhos percorridos no Brasil, os quais embasaram e continuam a embasar os estudos sobre a cultura e o léxico das comunidades indígenas com que se encontrou. Isquierdo (2011, p. 117) discorre que esses viajantes “[...] exercitavam, de certa forma, a prática da definição de palavras”, o que contribuiu para os estudos de revitalização do léxico indígena do Brasil e tornou-se referência para estudos de documentação e comparação dos materiais lexicais. A autora expõe que os jesuítas produziram materiais bilíngues dos/para os povos indígenas como forma de realizar sua catequização.

No decorrer do século XX e século XXI os materiais lexicográficos indígenas tiveram as pesquisas acadêmicas como apoio, o que resultou na elaboração de materiais como os descritos pelos estudos de Fargetti (mais de 30 anos de pesquisa e coordenadora do grupo de pesquisa de Línguas Indígenas Brasileiras), Silva (2013), Mondini (2014), Mateus (2017, 2019), entre muitos outros trabalhos realizados no âmbito acadêmico.

Com relação aos trabalhos feitos pelos próprios indígenas, realizamos buscas no *Google*¹ Brasil para verificar como se mostra esse cenário e o mais próximo que encontramos foi uma obra produzida por educadores da região Serra da Lua e coordenada pelo professor indígena Odamir de Oliveira, com o apoio do programa da Universidade Federal de Roraima para valorização das línguas e culturas Macuxi e Wapichana, com recursos do Ministério da Educação, lançado em maio de 2013. Essa obra foi coordenada, mas não produzida por um índio e isso revela uma escassez no que tange tais materiais.

¹ *Google*: A empresa foi fundada por Larry Page e Sergey Brin em 4 de setembro de 1998 e sua oferta pública inicial foi realizada em 19 de agosto de 2004. A missão declarada da empresa desde o início foi "organizar a informação mundial e torná-la universalmente acessível e útil". (<https://canaltech.com.br/>)

Delimitamos outras buscas no *Google* Bolívia e no *Google* Peru, pois esses dois países pertencem à América do Sul, e em especial a Bolívia que faz fronteira com o Brasil, inclusive com a Terra Indígena Guató, e encontramos nos dois países algumas obras com a participação de indígenas, mas não tendo eles como autores dessas obras. Um projeto interessante que nos chamou a atenção foi o projeto de *Diccionarios Audiovisuales Comunitarios* com os povos indígenas do Peru, com participação de toda a comunidade, principalmente de crianças e adolescentes, em seis idiomas: *quechua, aimara, matsigenka, yine, shipibo-konibo y ese eja*. A saber, nesse país sul-americano existem 55 povos indígenas que falam 48 línguas – 4 delas nos Andes e 44 na Amazônia, segundo a Base de Dados de Povos Indígenas do Ministério da Cultura do País.

Todas as buscas, apesar de limitadas por sites da *internet*, nos levaram a concluir que os indígenas não possuem obras lexicográficas que sejam de sua autoria, seja a obra que for – vocabulário, glossário, dicionário, listas -, a não ser as realizadas com uma equipe de pesquisadores. No caso do material do léxico Guató, dona Dalva teve interesse próprio para sua realização, por meio da sua vivência com falantes Guató e de seus estudos referentes à língua, pois a autora e idealizadora preocupou-se com a perda linguística de sua comunidade e a perda linguística das futuras gerações, pois com isso perderiam toda sua cultura e história do seu povo.

Dessa forma, seu estudo merece atenção especial, não somente pelo fato de ser um material de cunho lexicográfico de uma língua moribunda, mas também por ter sido realizado por uma índia, apesar das críticas pela ausência de estudos teóricos e metodológicos da linguística, seguiu seus instintos fonológicos. Guató de coração! Sementes foram plantadas desde 1984 e ela teve a sensibilidade de aprender algo que muitos desprezaram.

1.2 Termo língua moribunda

Utilizamos neste nosso estudo o termo “moribunda” para nos referirmos à língua Guató, de acordo com a escala EGIDS descrita por Lewis e Simons (2010). Tais níveis da escala foram pensados para corresponder em grande maioria com a Escala de Disrupção Intergeracional Graduada de Fishman, ou GIDS (FISHMAN, 1991), e podem ser aplicados a todas as línguas do mundo. O EGIDS utiliza letras para diferenciar os níveis divididos para preservar o posicionamento da numeração com o GIDS mais reputado de Fishman (1991). Os números EGIDS também receberam um rótulo de uma ou duas palavras que substanciam o estado de desenvolvimento ou vitalidade da língua. Os rótulos disponibilizam oferecer

mnemônicos, ou seja, palavras ou frases relacionadas com o assunto que se pretende memorizar, para facilitar a escolha de usar palavras ao invés de números.

Quadro 1: Descrição de termos de acordo com os dados EGIDS

Nível	Etiqueta	Descrição
0	Internacional	A linguagem é amplamente usada entre as nações no comércio, troca de conhecimento e política internacional.
1	Nacional	A linguagem é usada na educação, trabalho, mídia de massa e governo em nível nacional.
2	Provincial	A linguagem é usada na educação, trabalho, mídia de massa e governo nas principais subdivisões administrativas de uma nação.
3	Comunicação mais ampla	A linguagem é usada no trabalho e na mídia de massa sem status oficial para transcender as diferenças linguísticas em uma região.
4	Educacional	A linguagem está em uso vigoroso, com padronização e literatura sendo sustentadas por meio de um amplo sistema de educação institucionalmente apoiado.
5	Em desenvolvimento	A linguagem está em uso vigoroso, com literatura de forma padronizada sendo usada por alguns, embora isso ainda não seja difundido ou sustentável.
6a	Vigoroso	A linguagem é usada para comunicação face a face por todas as gerações e a situação é sustentável.
6b	Ameaçado	A linguagem é usada para comunicação face a face em todas as gerações, mas está perdendo usuários.
7	Mudança	A geração fértil pode usar a linguagem entre si, mas ela não está sendo transmitida às crianças.
8a	Moribundo	Os únicos usuários ativos restantes do idioma são membros da geração dos avós e mais velhos.
8b	Quase extinto	Os únicos usuários restantes do idioma são membros da geração dos avós ou mais velhos que têm poucas oportunidades de usar o idioma.
9	Dormente	A linguagem serve como um lembrete de identidade patrimonial para uma comunidade étnica, mas ninguém tem mais do que proficiência simbólica.
10	Extinto	A língua não é mais usada e ninguém mantém um senso de identidade étnica associado à língua.

Fonte: Eberhard, David M., Gary F. Simons e Charles D. Fennig (eds.), 2021.²

De acordo com Lewis e Simons (2010), o quadro acima disponibiliza definições resumidas de dez níveis, com cada número mais alto na escala caracterizando um nível maior de interrupção na transmissão intergeracional da língua. A língua Guató está representada no quadro 1, de Lewis e Simons (2010), pelo nível 8a, tido como Moribundo “Os únicos usuários restantes do idioma são membros da geração dos avós ou mais velhos que têm poucas oportunidades de usar o idioma.”

² Disponível em: <http://www.ethnologue.com>. Acesso em: 15 dez. 2021.

1.3 O povo Guató

Os Guató vivem nos estados de Mato Grosso do Sul, na Terra Indígena Guató, município de Corumbá, podendo ser encontrados também em bairros da cidade e em outros lugares da região pantaneira, além da Bolívia; entretanto não há estudos, até o momento, que comprovem sua existência no país vizinho.

Conforme Alves (2017), no Mato Grosso, na Terra Indígena Baía dos Guató, município de Barão de Melgaço e Poconé existe um terceiro grupo vivendo nas proximidades de Cáceres, porém, sem dados relacionados ao número de habitantes e área que ocupam. De acordo com os dados da Secretaria Especial de Saúde Indígena e do Sistema de Informação da Atenção à Saúde Indígena (SESAI, 2014), os dois estados possuem o número total de 419 índios Guató. Cabe apontar aqui que os Guató, tanto de Mato Grosso quanto de Mato Grosso do Sul, não se relacionam entre si até a atual data e, segundo Luis Carlos Alvarenga, Cacique à época da Aldeia Uberaba-MS, ele gostaria de marcar um encontro e trocar informações entre as comunidades, podendo assim estreitar os laços e se unirem em prol de um bem comum: o fortalecimento identitário do povo e da língua Guató.

No estado de Mato Grosso, a Terra Indígena Baía dos Guató foi recentemente homologada por meio do DECRETO Nº 9.356 de 26 de abril de 2018 (FUNAI, 2020). Com relação ao número total da população Guató, de acordo com dados do Instituto Socioambiental (ISA, 2019), que está representado no Mapa 1, a população é de 202 habitantes, numa área de 19.216 hectares, localizada no Município de Barão de Melgaço. De acordo com Eremites de Oliveira (2019), foi realizado um laudo pericial a pedido da Justiça Federal de Cuiabá, para atestar a presença dos Guató que vivem nessa região. Nesse laudo, foi constatado que estão distribuídos em três aldeias – Aterrado, Acuri e São Benedito e que seguem com suas construções ocupando aterros, confirmando desse modo, de acordo com Eremites de Oliveira (2019), uma antiga tradição de mais de 8.000 anos.

Mapa 1: Terras Indígenas. Terra Indígena Baía dos Guató

Fonte: ISA,2020.

1.3.1 Os Guató da Aldeia Uberaba

No Pantanal Sul-mato-grossense, os Guató concentram-se na Terra Indígena Guató - Aldeia Uberaba, situada na Ilha Ínsua, banhada pelas lagoas Uberaba, Gaíva (ou Gaíba) e o Rio Paraguai, e em outras cidades, principalmente nos arredores de Corumbá, Ladário e região. A Ilha Ínsua, conhecida também por Bela Vista do Norte, está localizada a aproximadamente 350 km do município de Corumbá-MS, na região de divisa entre os estados de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, fazendo fronteira com a Bolívia. Na ilha Ínsua, em sua ponta, fica uma terra militar pertencente ao Exército Brasileiro e conhecida como Porto Índio. Os Guató possuem um bom convívio com os militares que vivem ali e antigamente, antes de existir a escola na Aldeia, as crianças frequentavam a escola sediada em Porto Índio.

O mapa 2, abaixo, representa a localização da Terra Indígena Guató, e por meio do *Google Maps* podemos verificar as divisas de área e a proximidade com outras localidades, o que facilita a troca e o encontro entre indígenas e outras populações que fazem parte de todo entorno territorial.

Mapa 2: Aldeia Uberaba-Terra Indígena Guató/MS

Fonte: Google Maps, 2022

No mapa 3 está representado uma população registrada de 198 indígenas em uma área de 10.984 hectares, de acordo com os dados abaixo do Instituto Socioambiental (ISA, 2019), porém a atualização do número de habitantes da ilha Ínsua será realizada no senso deste ano de 2022, portanto pode ser para mais ou menos o número de indígenas que ali vivem.

Mapa 3. Número de habitantes Terra Indígena Guató.

Fonte: Instituto Socioambiental (ISA,2020)

Os dados acima foram confrontados juntamente com dados coletados com o Diretor da Escola Estadual Indígena João Quirino de Carvalho “Toghopanaã” que possui sede administrativa na cidade de Corumbá, para confirmação do número de habitantes registrados na Aldeia Uberaba, em 2019. De acordo com o resultado dos dados coletados, na Aldeia Uberaba vivem 35 famílias, totalizando 198 habitantes; dessas famílias, 53 indígenas são alunos matriculados na escola da Aldeia. Cabe salientar que esses dados englobam somente os indígenas que vivem na Terra Indígena Guató, não considerando aqueles que optaram por viver fora ou foram obrigados a deixar a Terra e irem para outra parte da região do Pantanal, um lugar extenso, com acesso inclusive para outro país.

Algumas famílias Guató que vivem na Aldeia possuem casa na cidade de Corumbá. De algum modo, tendo casa na cidade ou não, no período de férias escolares ou por alguma necessidade, grande parte da comunidade desloca-se para a cidade, principalmente para compras de comida e vendas de produtos, como artesanato e peixe, entre outras demandas.

Esse deslocamento para a cidade de Corumbá era feito com uma embarcação tipo chalana, pertencente à comunidade e utilizada para transporte da mesma, de professores e como meio de subsistência, como a pesca e o artesanato. Essa embarcação foi adquirida no período em que o senhor Severo Ferreira era a liderança Guató. Infelizmente, o Barco “Guató I” encontra-se em reforma, e de acordo com a liderança (dado de 2019) está sendo providenciado para que o transporte volte a ser feito o mais rápido possível, pois sem a existência de um meio de transporte os Guató passam por dificuldades, e desde então, precisaram encontrar alternativas para realizar esse deslocamento, como por: lancha “voadeira” pertencente à FUNAI, que comporta até 5 passageiros; um barco pequeno com motor de rabeta; ou barco freteiro, com valor da passagem por pessoa (ida ou volta) de cento e vinte reais, o que torna a viagem com custo elevado para todas as famílias. Algumas vezes não cabem todos que precisam vir até a cidade, tendo de encontrar alternativas. Geralmente, a vinda para a cidade acontece a cada dois meses, que é quando os professores têm a sua folga de 15 dias, podendo suceder outras idas em casos extremamente necessários.

1. 3.2 Espalhamento Guató e sua “quase extinção”

Durante a década de 1940 e 1950, Eremites de Oliveira (1995) relata que os índios Guató foram forçados a retirarem-se de suas terras pelos fazendeiros e negociantes de peles de animais, sendo obrigados a trabalhar como mão de obra escrava, ou viveram em condições deploráveis. Com toda essa situação, de acordo com dados do Instituto Socioambiental (ISA,

2019), os Guató sentiram-se perseguidos e com isso foram para outros lugares da região do Pantanal, como o município de Corumbá, Ladário, Aquidauana, Poconé, Cáceres, Barão de Melgaço, podendo ter ido para a Bolívia, ou até mesmo para outras regiões, ficando apenas algumas poucas famílias na ilha Ínsua.

Com toda movimentação e espalhamento do povo Guató, o Serviço de Proteção Indígena - Órgão Indigenista Oficial do governo os considerou extintos no ano de 1957, com isso perderam todos os seus direitos de povos indígenas, conforme aponta Martinelle (2012). E com a perda de seus direitos, sua cultura e sua língua estavam ameaçadas.

Porém, nos anos de 1976, a irmã Ada Gambarotto, missionária da Pastoral Indigenista, uniu-se a outros órgãos e apoiadores, como a linguista Adair Palácio, e juntos iniciaram o processo de identificação dos índios Guató que viviam nos arredores do município de Corumbá. A partir dessa identificação e reconhecimento, por parte dos Guató, houve um fortalecimento identitário, o qual clamou pela intervenção da FUNAI para que pudessem ter suas Terras Indígenas reconhecidas por direito.

Para esse reconhecimento por parte das autoridades competentes, foram realizadas três Expedições da Equipe Indigenista de Corumbá e da FUNAI, até a ilha Ínsua, fazendo seu mapeamento em toda região pantaneira. As duas primeiras aconteceram no ano de 1977 e a terceira em 1978, conforme aponta o Instituto Socioambiental (ISA, 2019). Em 1978, o relatório da FUNAI descreveu o mapeamento do município de Corumbá e toda região do Pantanal sul-mato-grossense, o qual identificou 382 índios Guató que viviam com suas famílias, sendo que menos de dez por cento tinham fluência na língua Guató e pouca no português, o restante foi apontado como falantes do português ou do espanhol. Essa perda e mistura linguística se deu pelo fato do espalhamento da comunidade e da aproximação do índio com a cidade.

A FUNAI seguiu com as averiguações juntamente com outros órgãos, e teve apoio da comunidade indígena, com representação de seu Severo (cacique na época) e de dona Dalva (sua esposa) e foi após muita luta, que, no ano de 1994, a ilha Ínsua teve seu reconhecimento como Terra Indígena Guató, conforme explica Martinelli (2012). Quase dez anos depois, o Decreto de 10 de fevereiro de 2003 homologou a demarcação administrativa da Terra Indígena Guató, localizada no Município de Corumbá, no Estado de Mato Grosso do Sul. Porém, apesar de sua homologação, muitos não voltaram, e ficaram espalhados pela região. Com isso, o povo se dispersou e a língua foi se perdendo em meio a tantos conflitos vividos pelos Guató.

1.3.3 Modo de Vida

De acordo com a tradição, a qual perpassou todos os tempos, as famílias Guató organizam-se em grupos familiares e autônomos, distinguindo-se de outros povos indígenas, e que de acordo com Martinelli (2012), a cada porção de terra ocupada é colocado o nome de seu líder, pertencendo assim a uma única família, como é o caso, por exemplo, do “Aterro João Quirino”, que pertencia ao seu João Quirino, cujo nome foi dado à escola da Aldeia. Suas habitações são rústicas, podendo ficar a quilômetros de distância uma da outra, algumas são feitas de madeira com telhado de palha de acuri³ (Figura 3), outras de madeira com telhado de zinco (Figura 4), e há também as com parede de barro. A organização das casas é feita pelas mulheres as quais cuidam muito bem e com extrema dedicação, como representado pelas figuras 5 e 6.

Figura 3: Casa Tradicional Guató. Madeira com telhado de palha de acuri.



Fonte: Danielle Urt Mansur Bumlai, 2019.

3 O acuri (*attalea phalerata*) é uma palmeira nativa, comum no centro oeste e no pantanal. O fruto apresenta polpa doce contendo três saborosas amêndoas. As castanhas que se encontram no interior dos frutos do acuri são o principal alimento da araraúna e da arara-zaul, únicas aves a conseguir abrir o duro fruto. Representam mais de 90% da sua dieta. A água do fruto, estéril, pode ser usada como colírio. Os guató usam a palha do acuri para cobrir suas casas, para fazer artesanato e para beber. A bebida é feita com a seiva ou palmito da palmeira misturada com milho e possui o nome de chicha. O país vizinho, Bolívia, também possui o costume de beber chicha, que é comercializada nas ruas e consumida por todos. (Retirado do site: “Almanaque do campo: tudo sobre o mundo rural”. Disponível em: <http://www.almanaquedocampo.com.br/verbete/exibir/414>. Acesso em: 17 de agosto de 2019)

Figura 4: Casa Tradicional Guató. Madeira com telhado de zinco.



Fonte: Danielle Urt Mansur Bumlai, 2019.

Figura 5: Parte interna Casa Guató.



Fonte: Danielle Urt Mansur Bumlai, 2019.

Figura 6: Cozinha Casa Guató.



Fonte: Danielle Urt Mansur Bumlai, 2019.

Figura 7: Casa Tradicional Guató. Famílias conversando.



Fonte: Danielle Urt Mansur Bumlai, 2019

Além da arquitetura das casas que são construídas por eles, são conhecidos, tanto por todos que vivem na região pantaneira quanto na literatura, como índios canoeiros do Pantanal.

Essa referência foi dada pelo fato de serem exímios pescadores, com tais habilidades desenvolvidas desde crianças. Constroem suas próprias canoas que geralmente são feitas de madeira cambará, utilizam-se de remos grandes que possuem quase dois metros e meio, tendo a proa uma forma cônica e a popa mais larga para servir de assento (SCHMIDT, 1942b). Martinelli (2012) retrata a construção de uma canoa abaixo.

Figura 8: Construção da canoa Guató.



Fonte: MARTINELLI, Fábio, 2012.

Figura 9: Construção da canoa Guató.



Fonte: Fábio Martinelli, 2012.

Além dos remos, utilizam-se também de um motor que possui o nome de rabeta⁴ representado na Figura 10. Eles descem de rabeta até o município de Corumbá, e é incrível ver o movimento que possuem quando estão navegando com suas canoas nas águas do rio Paraguai. Nesse movimento de ir e vir é perceptível e admirável como o rio para eles é o mesmo que as estradas são para nós.

Figura 10: Barco com motor rabeta. Canoa Guató. Ancorados à margem do rio Paraguai/Aldeia Uberaba.



Fonte: Danielle Urt Mansur Bumlai, 2019.

O modo de sobrevivência Guató é a caça, que se utiliza da espingarda, e a pesca; a agricultura, especialmente o acuri que serve para a elaboração de utensílios, para a cobertura das casas; e o cultivo da terra vai depender de cada família, podendo ser plantado mandioca, abóbora, banana, cana-de-açúcar, entre outros. De acordo com Martinelli (2012), o ciclo da lua é respeitado, existem luas favoráveis para cada afazer, e também na época de caça a ação do vento é essencial para a decisão a ser tomada. O Cacique Luis Carlos relatou que esses ciclos não são mais seguidos, mas que pretende resgatar por meio dos mais velhos que vivem na comunidade.

⁴ Rabeta - motor de barco com três hélices. Pequeno motor de propulsão que, acoplado na traseira de pequenas embarcações ou barcos, é conduzido manualmente, com a ajuda de um bastão que determina as direções. [Por Extensão] pequena embarcação com esse motor; canoa motorizada. Disponível em: www.dicio.com.br. Acesso em: 14 de dez. 2022.

Como a cultura material está basicamente ligada à sobrevivência dos Guató, foi exposta por Eremites de Oliveira (1995) a confecção de arco e flecha, zagaias, remos e zingas (uso para lugares na água de pouca profundidade); porrete para a atividade de pesca; peças feitas em madeira, cerâmica, como: panelas pequenas, pratos, bilhas d'água; trançados de couro e tecelagem. Na comunidade Adelino, índio Guató, confecciona arco e flecha e outros materiais como forma de comercialização mostrando suas habilidades. Infelizmente, não consegui encontrá-lo na comunidade em meu campo de pesquisa, inclusive tinha uma encomenda para fazer, somente vi o material produzido por ele.

Conhecemos o artesanato feito pelas mulheres que moram na comunidade, como dona Francisca (Figra 11), e Lenir, nora de dona Dalva, entre outras mulheres que dominam a arte do fazer aprender e desenvolvem peças como cestas, porta pratos, porta coisas, brincos, colares, entre outras preciosidades. Esse trabalho é feito com folha de aguapé⁵ e folha de lança⁶.

Figura 11: Artesanato Guató feito de folha de lança por dona Francisca, moradora da Aldeia Uberaba.



Fonte: Danielle Urt Mansur Bumlai, 2019.

⁵ Folha de aguapé: Totalmente flutuante, o aguapé (*Eichhornia crassipes*) alcança um metro de altura, do topo dos talos, acima d'água, às pontinhas das raízes que se estendem abaixo da superfície. (John, Liana. CONEXÃO PLANETA, 2017)

⁶ Folha de lança: A planta aquática chapéu-de-couro-folha-fina (*Echinodorus paniculatus*) pode atingir 1,8 m de altura e tem forma de roseta. Seu pecíolo ('cabinho' das folhas) é mais comprido que a própria folha. (NEVES; SANTOS, 2008)

Esse artesanato também pode ser encontrado na cidade de Corumbá na Casa do Artesão⁷(Figura 12), com dona Catarina que além de fazer seu artesanato representa as mulheres da comunidade com a venda dos produtos Guató. Uma sorridente e habilidosa senhora, dona Catarina, realiza o processo de colheita da planta, todo o processo de secagem e preparo para confeccionar as peças e vendê-las. Encontrei com dona Catarina duas vezes, depois não a vi mais, porque ela havia ido para Cuiabá, no estado do Mato Grosso, e não tinha previsão de voltar, pois com a Pandemia que estamos vivendo desde 2020, ela estava receosa e acabou ficando um tempo por lá. Até o momento, não voltei a vê-la.

Figura 12:Artesanato Guató. Por dona Catarina e mulheres da comunidade. Casa do Artesão Corumbá/MS.



Fonte: ECOA, 2020.

O jornalista Fábio Pellegrine, em 2012, publicou uma matéria no jornal eletrônico⁸, Oeco, do processo de confecção do artesanato (Figura 13) e história de vida de dona Catarina.

⁷ Casa do Artesão A Casa do Artesão de Corumbá funciona em um prédio histórico, patrimônio da cidade que até o ano de 1970 abrigou o presídio municipal. As celas reformadas passaram a ser espaço de criação e comercialização das obras ali produzidas. Dona Catarina é também conhecida como índia, e resgata suas raízes da etnia guató através do trabalho na fibra de aguapé coletada nas regiões alagadas do município. (ARTESOL,2019)

⁸ Disponível em: <https://oeco.org.br/reportagens/25916-artesa-da-etnia-guato-e-remanescente-de-pratica-sustentavel-secular/>. Acesso em: 08 jan. 2020.

Ela relata que já nasceu remando (Figura 14), mesmo não ficando muito tempo na Aldeia Uberaba e mudando para a cidade de Corumbá ainda nova. Muito do que aprendeu foi com sua sogra e assim colocou em prática, vivendo de artesanato desde então. Com isso, representa toda comunidade por onde chega!

Figura 13: Dona Catarina colhendo aguapé no Rio Paraguai



Fonte: Pellegrine, 2012.

Figura 14: Dona Catarina remando com canoa Guató.



Fonte: Pellegrine, 2012.

Além dessa representação na cidade de Corumbá, no final do ano de 2019, foi inaugurada na Aldeia Uberaba uma Casa de Cultura, como representação da cultura indígena Guató, com a exposição e a comercialização de materiais de artesanato feito pela comunidade e na comunidade. Esta Casa da Cultura é aberta para visitação turística, ou para visitação de toda e qualquer pessoa que se interesse pelos materiais. A Aldeia Uberaba foi incluída na rota turística da região pantaneira, com isso os barcos de turismo possuem autorização de ancorar na Aldeia para visitação e comércio.

1.4. Estudos antropológicos e linguísticos – S c. XVI ao XIX

Os primeiros contatos com os Guat  foram descritos por volta do século XVI por  lvar Nu es Cabeza de Vaca (1555), em Comentários, que foi reorganizado em 1984, referente ao ano de 1543, quando Cabeza de Vaca (1555) esteve no Pantanal e descreveu o modo de vida Guat . Também em 1543, há algumas pequenas citações por Irala (1545) que os localizou entre as lagoas Uberaba e Gaíva, na região do Pantanal, no município de Corumbá; Tieffemberg (2012) em suas pesquisas faz referências ao viajante Ruy Díaz Guzman que os localizou na Baía de Cáceres entre Puerto Suárez, na Bolívia, e em Corumbá.

Já no século XIX, ocorreu a Expedição Langsdorff, entre 1825 a 1829, comandada pelo C nsul e Barão Russo Georg Heinrich Von Langsdorff (BECHER,1990) tendo como integrante da expedição Hércules Florence (1876), desenhista francês. A expedição teve duas partes e na segunda, no ano de 1826, chegou a Corumbá-MS e seguiu o fluxo do rio até chegar em Cuiabá-MT, localizando os Guat  vivendo às margens dos rios Paraguai e São Lourenço. Esses registros apontados por Langsdorff, em seu diário de bordo, estiveram desaparecidos por cem anos, e no ano de 1930 foram encontrados na Rússia. Desse modo, os registros dessa expedição, até o momento da descoberta dos diários de Langsdorff, tinham sido publicados somente por Hercules Florence, em 1876.

Como a expedição não conseguiu acesso a todas as regiões do Alto Pantanal, como a lagoa Gaíva, Florence (1876) pode somente registrar trezentos  ndios Guat , porém, estimou-se que esse número poderia ser muito maior, numa margem de dois mil  ndios. O desenhista descreveu a rotina dos Guat , como índios canoeiros, e a colheita de arroz selvagem, seus hábitos alimentares, a caça de jacarés, a pesca e a agricultura com plantios de milho e raízes, tudo registrado em desenhos belíssimos.

Os caminhos percorridos pela Expedição de Langsdorff foram refeitos por Castelnau (1949[1951]), o qual não só apontou as aptidões que os Guat  possuíam e as retratou em

desenhos, como foi o primeiro a registrar um vocabulário de 164 palavras do léxico Guató, em seu livro *Expédition dans les parties centrales de l’Amérique du Sud* (1949[1851]), que foi dividido em seis partes, sendo a quinta parte dedicada ao registro lexical Guató.

Mais de meio século depois, início do século XX, Max Schmidt (1905, 1912, 1914, 1928, 1942a e 1942b), etnólogo alemão, realizou três expedições pela região do Pantanal, 1901 – 1910 – 1928, nas quais foram feitos registros dos Guató e seus costumes, sua história e sua língua, sendo considerada a maior expedição etnográfica até hoje, com publicações primeiramente em alemão e espanhol.

Schmidt em sua obra *Die Guató un ihr Gebiet. Ethnologische und archäologische Ergebnisse der Expedition zum Caracara-Flusa in Matto-Grosso* (1902) descreveu seu povo e apontou quarenta e seis índios Guató situados na Ilha Ínsua, na atual TI Guató.

Em seu segundo trabalho, *Indianerstudien in Zentralbrasilien* (1905[1942b]), produto do convívio de três semanas entre eles, apresentou informações linguísticas e no seu capítulo IX, intitulado “Índios guató - Linguagem”, uma apreciação sobre a formação de palavras – radicais e sua derivação, fonemas e modificações fonéticas, e um vocabulário dividido em partes do corpo, natureza, elementos etnográficos, relações de parentesco, animais, plantas, numerais, verbos, composto por 507 palavras e 39 frases, além de apresentar uma descrição sobre padrão silábico. Os dados foram coletados com os Guató das lagoas Gaíba e Uberaba, entre os meses de outubro a novembro de 1901, e, além da descrição detalhada da cultura Guató, foi feito um vocabulário e algumas proposições sobre a língua. Na segunda parte, relativa à formação de palavras, Schmidt aponta a “simplicidade na formação de palavras e frases” (1905[1942b], p.204) e considera que grande parte de seu léxico “consiste em radicais monossilábicos” os quais utilizam-se do prefixo ma-, na maioria do léxico descrito.

E a terceira e última expedição, que ocorreu entre 1927 e 1928, foi descrita por Schmidt em “Resultados de mi tercera expedicion a los guatos efectuada en el año de 1928” (1942b), em que foi registrada a existência de famílias Guató morando às margens do rio Paraguai, além de outra lista constituída por 106 frases e 4 contos – *Thimotheo morreu e não tem mais filhos; O velho Caetano está vivo; eu quero visitar Magalhães no Amolar; vamos matar uma onça com lança* (tradução nossa).

Postigo (2009a) reconhece a importância dos trabalhos realizados por Schmidt, porém o Guató ainda carece de estudos linguísticos. Postigo (2009a) nos anexos da sua dissertação, deixou acessível a outros pesquisadores todo o material utilizado, com a intenção/objetivo de tornar viável a continuação da pesquisa. É preciso considerar que todos os registros feitos por Schmidt são valiosos e de extrema importância para a contribuição da revitalização da língua,

pois foi a partir da análise feita por ele que muitos estudos puderam prosseguir e se desenvolver.

Em alusão à obra de Schmidt (1942a) *Estudos de Etnologia Brasileira*, esta foi traduzida inteiramente pela primeira vez do alemão para o português por Catharina Baratz Cannabrava (SCHMIDT, 1942a). E em 2018, o capítulo 9 desse livro intitulado “Guató, a língua” teve uma nova tradução por Balykova (2019), que afirma que a tradução foi resultado do subprojeto de revitalização da língua Guató pela UFRJ, o qual teria o consentimento do povo da Terra Indígena Baía dos Guató, no processo de revitalização da língua. Ela apontou também como argumento para a nova tradução as inconsistências encontradas no texto traduzido por Cannabrava. A existência de duas propostas de tradução para o português aponta a importância do estudo de Schmidt e pode fortalecer o processo de revitalização linguística do povo Guató, por consistir em um registro antigo da língua, que, obviamente, sofreu variações e mudanças ao longo do tempo, mas que, mesmo assim, deve ter mantido traços de sua estrutura básica entre seus ainda falantes.

Na sequência dada à literatura encontrada no século XX, citamos o livro *Viagens e Caçadas em Matto-Grosso*, escrito por Cunha (1919), que descreveu os Guató como grandes canoeiros e caçadores de onças (Ibidem, p.82); contudo o autor não faz menção à língua, somente ao povo e a sua cultura.

Encontramos a obra *Na Rondônia Ocidental*, escrita por Rondon (1938), que descreveu o encontro que teve com os índios Guató no caminho percorrido entre Corumbá e Cáceres. O autor relatou sobre o fato de a gripe espanhola ter quase dizimado os Guató, em 1919. Rondon contou com a ajuda de três colaboradores bilíngues em Guató e português, o que foi determinante para elaborar um vocabulário contendo 84 palavras e 15 frases em Guató.

Outros 201 vocábulos foram transcritos foneticamente por Wilson (1959) e descritos em *Guató Word List*, trabalho não publicado, embora tenha uma cópia feita por M. Sheffler datada no ano de 1962, à disposição para consultas no Museu Nacional do Rio de Janeiro. Cabe ressaltar que em 2 de setembro de 2018 ocorreu um incêndio de grandes proporções no Museu que destruiu muitos itens e, não se sabe ao certo o que foi perdido, portanto, não podemos afirmar se esses documentos continuam disponíveis ainda.

Esses autores, que apresentamos até o momento, contribuíram não somente com estudos culturais e linguísticos. Indo além de qualquer representatividade, não importando a quantidade do léxico coletado, seu valor se situa principalmente na construção e no

fortalecimento da identidade do índio Guató, o que reforça as propostas da comunidade e colabora com o processo de revitalização de sua língua.

1.4.1 Possíveis fatores da perda linguística

Como mostra a literatura, as pesquisas de uma forma geral eram centradas nas questões históricas, de cunho etnográfico, as quais retratavam, em sua maioria, a cultura, os costumes, o modo de viver do povo Guató e algumas contribuíram com o léxico geral da língua. Por não haver, desde tempos remotos, uma preocupação maior com a língua, aos poucos ela se perdia e apontava para o cenário linguístico que temos hoje, o de uma língua moribunda, quase esquecida no tempo.

Essa perda linguística deveu-se a alguns possíveis fatores, entre os quais citamos, tendo em vista toda revisão bibliográfica que fizemos e nossa própria observação: influência de contato com outras línguas, em grande parte o português e o espanhol, devido a sua localização geográfica e conseqüente união entre povos; o espalhamento do povo pela região do Pantanal devido a tantos conflitos vividos - alguns preferiram viver na cidade, abandonando de vez o contato com sua comunidade de origem; casamentos com não-índios que muitas vezes os obrigavam a não falar mais o idioma Guató; a perda dos anciãos e com ela, perda de conhecimentos antigos; a falta de ensinamento da língua pelos anciãos para as crianças da comunidade.

Em meio a tantos enfrentamentos, a literatura apontou um período de aproximadamente vinte anos de interrupção nas pesquisas relacionadas ao Guató, o qual provavelmente estava atrelado aos conflitos existentes durante esse tempo, como guerras, doenças, perseguições e expulsão de suas terras, tendo que viver escondidos, tornando-se marginalizados, chegando a ser considerados extintos pelo Serviço de Proteção Indígena (SPI).

Porém, apesar de tudo que passaram, ainda no século XX os estudos linguísticos e antropológicos retornaram e com isso o povo Guató se organizou em busca de seu reconhecimento. Todas as pesquisas foram e são essenciais para o fortalecimento e o reconhecimento da identidade Guató, fundamentais no processo de reconquista do território “quase” perdido, a Terra Indígena Guató e a língua de seu povo.

1.4.2 Estudos Antropológicos e Linguísticos – Séculos XX ao XXI

No cenário antropológico, foram apresentadas por Eremites de Oliveira (1995), por meio de uma bibliografia comentada, a coleta e a sistematização de dados com o objetivo de elaborar um acervo cultural, o qual apresenta a cultura material e o modo da organização social dos Guató, em sua dissertação de mestrado intitulada “Guató: Argonautas do Pantanal”, além de outras obras de Eremites de Oliveira (1994, 1995, 1996a, b, c, 1997a, b, 1998, 2001, 2002, 2003, 2004, 2008, 2009 e 2019).

Nesse renascer Guató, além dos estudos já mencionados, o início das pesquisas com aprofundamento nas questões linguísticas partiu de Palácio (1984), a qual se tornou uma referência para muitos estudos e no processo de revitalização linguística, com sua tese de doutorado *Guató, a língua dos índios canoieiros do rio Paraguai*.

A pesquisa de Palácio⁹ (1984) teve início em 1977, quando começou a procurar para pesquisar uma língua que não tivesse sido analisada e assim encontrou o Guató, e como ponto de partida o estudo de Rodrigues¹⁰ (1966). Desse modo, foi para o município de Corumbá, no estado de Mato Grosso do Sul, ver o que poderia ser feito. Foram quatro viagens para Corumbá – 1977, 1978, 1979, 1984.

Palácio (1984) em sua tese descreveu que aproximadamente cinquenta indígenas sabiam a língua Guató, desses vinte ou trinta faziam uso ativo da língua, sendo em sua maioria bilíngues em Guató e Português e alguns monolíngues em português, no entanto, nenhum monolíngue em Guató foi encontrado. A autora contou com cinco colaboradores, sendo eles: Josefina – sua principal colaboradora-, Francolina, Estelita, João Quirino e Cipriano.

⁹ Adair Pimentel Palácio foi Professora emérita da Universidade Federal de Pernambuco, onde fundou o Núcleo de Estudos Indigenistas do departamento de Letras da UFPE que completou 40 anos de existência, e foi docente da Universidade Federal de Alagoas (UFAL). Fez história como a primeira pesquisadora brasileira a escrever uma tese sobre uma língua indígena nacional, com a pesquisa intitulada “Guató: a língua dos índios canoieiros do rio Paraguai”, de 1984. Atuou na Associação Brasileira de Linguística (Abralín) (1981-1983 e 1995 -1997), e foi conselheira por duas outras gestões (de 1991 a 1995). Faleceu em dezembro de 2020.

¹⁰ Aryon Dall'Igna Rodrigues foi um linguista brasileiro, considerado um dos mais renomados pesquisadores de línguas indígenas no Brasil. Responsável por motivar diversos pesquisadores no Brasil a dedicarem a pesquisa linguística para a descrição de línguas indígenas. Atuou no Laboratório de Línguas Indígenas da Universidade de Brasília, como Professor emérito e doutor honoris causa. Foi Professor honoris causa da Universidade Federal do Paraná e membro honorário da Linguistic Society of America (LSA) e da Society for the Study of the Indigenous Languages of the Americas (SSILA). Foi o primeiro presidente da Associação Brasileira de Linguística (ABRALIN). Foi presidente honorário do Instituto Aryon Dall'Igna Rodrigues (IADR). Faleceu em abril de 2014, aos 89 anos.

A autora apresentou sua tese em três capítulos – Fonologia; Gramática: morfologia; e Gramática: sintaxe. Dentro desses capítulos estão contidos três anexos: textos, vocabulário e numerais. Foram identificados por Palácio (1984, p.26) “30 fonemas segmentais, dos quais 17 são consoantes - /p, b, t, d, tʃ, dʒ, k, g, kʷ, gʷ, f, v, h, m, n, r, j/ e 13 são vogais - /i, í, u, e, o, ε, ə, a/, com cinco contrapartidas nasais /ĩ, ã, õ, ê, ã/ e dois fonemas prosódicos, os tons alto e baixo” e, para representação fonética, utilizou-se do Alfabeto Fonético Americano PIKE (1948). Ainda de acordo com a autora “das manifestações prosódicas a altura é fonologicamente relevante”, tons baixos e altos (PALÁCIO,1984, p.33).

Com relação ao padrão silábico (PALÁCIO,1984, p.34) sustenta que o “guató tem dois padrões silábicos: CV e V” e destaca que “a maioria das consoantes forma sílaba com a maioria das vogais. CV é o padrão silábico mais produtivo (*Ibidem*, p.35), além de classificar “os numerais por um conjunto de palavras que formam de base quinária até o número 20 e um sistema decimal para os demais” (*Ibidem*, p.82-83).

Sua análise apontou que “o Guató é uma língua basicamente VSO. A topicalização do sujeito é obtida pelo preposicionamento deste ao verbo. O objeto muito raramente precede o sujeito, mas quando o faz recebe um marcador especial” (PALÁCIO, 1984, p.22). Mais à frente, destacamos outros trabalhos realizados pela autora: “Aspects of the morphology of Guató” (*Idem*, 1986), “Guató: uma língua redescoberta” (*Idem*, 1987), “Sistema numeral em Guató” (*Idem*, 1996), “Situação dos índios Guató em 1984” (*Idem*, 1998) e “Alguns aspectos da língua Guató” (*Idem*, 2004).

Outro estudo linguístico foi realizado por Postigo (2009a) em sua dissertação de mestrado, intitulada *Fonologia da língua guató*, que teve a oportunidade de desenvolver seus estudos e coletar dados linguísticos por meio de pesquisa de campo com poucos colaboradores bilíngues em guató e português: Francolina, Josefina e Veridiano.

Em 2006, Postigo inicia os estudos linguísticos com o Guató, fazendo uma atualização dos dados de Palácio (1984) e outros pesquisadores, com o intuito de contribuir com uma atualização dos dados por meio da descrição fonológica da língua; com anexos que foram disponibilizados com o intuito da dissertação apresentar uma breve “documentação” haja vista a situação vulnerável em que a língua se encontrava. Apresentou um quadro sistematizado a partir de dados obtidos em seu estudo e outras análises comparativas com outras pesquisas como: Castelnau (1949[1851]), Schmidt (1905), Rondon (1938), Wilson (1959), Palácio (1984), Pequeno Dicionário da Língua Guató (2002).

Postigo contribuiu com estudos sobre: “Os ditongos em Guató: uma proposta de análise” (2008a); “Aspectos linguísticos e históricos da língua guató” (POSTIGO e

FERREIRA, 2007); “Padrão silábico e ressilabação em Guató (Macro-Jê)” (POSTIGO, 2008b); “Nasalidade e assimilação nasal em Guató (Macro-Jê) (POSTIGO, 2008c)””; “Alguns apontamentos bibliográficos sobre a língua guató (Macro-Jê)” (POSTIGO, 2009b); “Estudos fonológicos da língua guató (Macro-Jê) (POSTIGO e FERREIRA, 2010)””; “Apontamentos fonológicos sobre as listas de palavras guató (Macro-Jê)” (POSTIGO, 2011); “Segmentos fonológicos e convenções ortográficas da língua guató (Macro-Jê)” (PARAVISINE, 2017).

Todo material coletado por Postigo (2009) em seu trabalho de campo, como os áudios gravados, as fotografias, vídeos, foram cedidos para a Universidade Federal do Rio de Janeiro¹¹ como forma de colaborar com a documentação de estudos indígenas, como forma de colaborar para os futuros estudos com a língua guató.

De acordo com Silva (2018), os dados coletados e cedidos por Postigo (2009a, b) foram utilizados no subprojeto Guató que teve início no ano de 2014 e encerramento em 2018, que contemplou os índios Guató no que tange a documentação e a revitalização da língua, com a organização de um acervo digital do seu povo, incluindo os dados coletados com os últimos falantes ou como nomeou Balykova (2019, p.12) os últimos “lembrantes” da língua, dona Eufrásia (in memoriam) e seu Vicente, além de todo material linguístico existente sobre a língua.

Com o desejo e a iniciativa do povo Guató de revitalizar a língua, foi elaborada por representantes membros da comunidade uma obra indígena, intitulada *Pequeno dicionário da língua Guató* (2002), que teve o apoio, para sua elaboração e produção, do Ministério da Educação e Cultura (MEC), do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE) e da Secretaria de Estado de Educação - Governo Popular de Mato Grosso do Sul – Equipe de Educação Escolar Indígena, tendo como autores do levantamento dos vocábulos: dona Dalva Maria de Souza Ferreira e Anísio Guató e também outros membros da Comunidade.

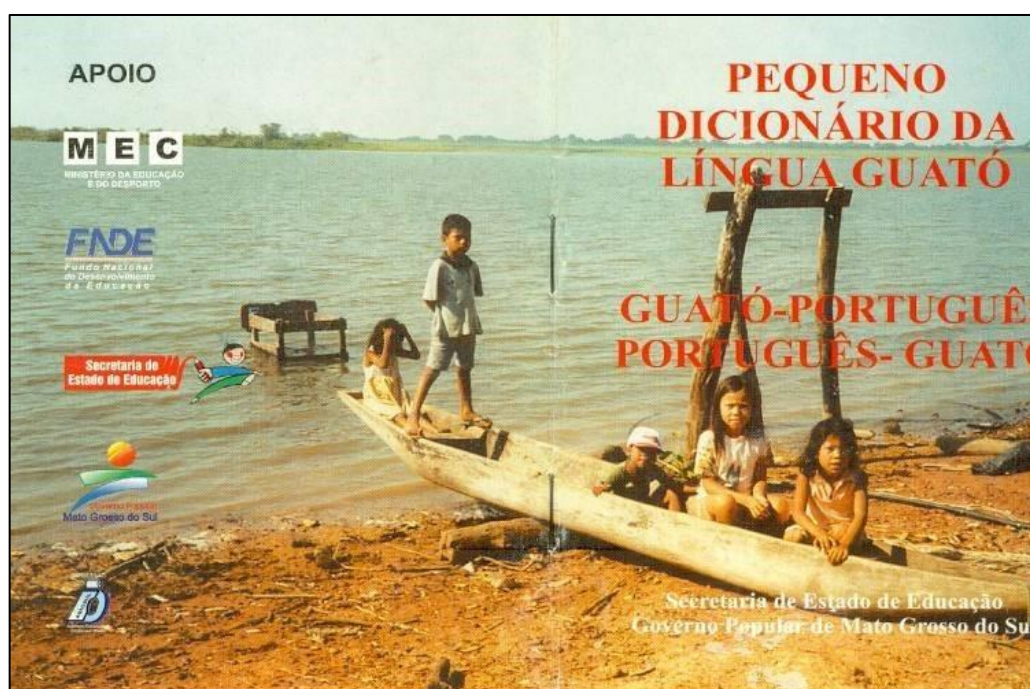
Sua macroestrutura possui 170 entradas, entre palavras e algumas frases, contém uma Apresentação, a qual se refere ao material a ser direcionado para a educação escolar indígena e para contribuir com a valorização da identidade de seu povo e, um *Breve Perfil dos Guató* o qual apresenta uma população de 650 habitantes; porém esse número não foi encontrado em nenhum estudo por esta pesquisa. Outro fato que chamou a atenção foi que, desde 2002, há

¹¹ Universidade Federal do Rio de Janeiro. <https://ufrj.br/>

quase 20 anos, a alimentação dos Guató é integralizada por meio de cestas básicas doadas pelo governo; tal informação foi constatada no dicionário consultado, ao qual tivemos acesso.

As entradas lexicais estão em ordem alfabética e em versão bilíngue: Guató-português e Português-Guató, e de acordo com o Prof. Antônio Carlos Biffi, o léxico coletado foi grafado e traduzido pelos membros da comunidade. Foram impressos e distribuídos trezentos exemplares, os quais foram entregues para a comunidade na tentativa de preservar a cultura e sua língua, sendo mais um material de contribuição no processo de documentação e revitalização da língua Guató, para utilização na escola da Aldeia, apesar de não ter a participação de especialistas, linguistas ou antropólogos, somente de seu próprio povo, para quem é considerado de grande valia.

Figura 15: Pequeno Dicionário da Língua Guató. (2002).



Fonte: SED-MS, 2002

Seguindo nesse cenário de contribuição para a revitalização da língua, foi localizada a tese de doutorado “Dando a palavra aos Guató: alguns aspectos sociolinguísticos”, de Lima (2002), a dissertação de mestrado “Língua, cultura e sociedade Guató: universo léxico-semântico da fala indígena”, de Costa (2002), e a Tese de Doutorado de Costa (2010) “Variações entoacionais na língua portuguesa falada por mulheres guató.”, que descreve a entonação da língua portuguesa falada por mulheres Guató, comparando-as com mulheres não – índias e a prosódia da língua Guató.

Outra colaboração foi a Dissertação de Mestrado de Wounnsoscky (2020) “Guató: navegante sublime desde o mar de Xarayés. O último indígena canoeiro de água pantaneiras, que aborda o processo histórico e de formação dos indígenas, especialmente os Guató.

Com esse olhar voltado para a revitalização da língua Guató, outros estudos contribuem para que a língua não se perca e para que possa, de alguma forma, tornar-se viva, ativa e volte a ser utilizada por toda a comunidade. Devemos sempre pensar e refletir sobre língua, pois quando utilizamos o termo ‘língua’ ele já vem carregado de outros, como cultura, história, sociedade, e nunca de uma forma isolada. Portanto, pensar em revitalizar uma língua é trilhar um fortalecimento da comunidade e fazer um resgate de toda sua história, tornando um processo natural para o ensino e aprendizado daquele outro mundo.

Com outras contribuições, Franchetto e Godoy (2017), apresentam um artigo intitulado “Primeiros passos da revitalização da língua guató: uma etnografia”, no qual foi descrito o processo de revitalização de documentação cujo resultado foi uma cartilha. O Guató, de acordo com os autores, foi parte do Projeto de línguas indígenas ameaçadas, coordenado por Franchetto (2014-2018). Nesse relato foi apontado que não existe nenhum falante da língua no Estado de Mato Grosso, apenas em Mato Grosso do Sul, dona Eufrásia (*in memoriam*) e seu Vicente, ambos idosos com mais de 70 anos. Godoy relata seu encontro com seu Vicente e o definiu como “esquecente” da língua, pois vive isolado e não conversa com alguém desde o falecimento de sua mãe dona Júlia Caetano, há mais de cinco anos. Dona Eufrásia (*in memoriam*), de acordo com Godoy, não falava a língua há mais de 40 anos e conforme relatado não lembrava como era seu nome em Guató, apenas de seus pais, e após escutar algumas frases coletadas de seu Vicente ela se lembrou de algumas palavras e frases. Foi frisado a todo o momento que os falantes já não falam mais a língua, apenas lembravam.

Em nossa pesquisa, com relação à dona Eufrásia, as únicas palavras que ela lembrou foi o nome de seus pais, seu nome, e o nome do peixe pacu. A todo o momento ela dizia não saber e ter esquecido, pois não falava há muito tempo e relatou que quando foi casada com Davi, índio Guató, ele a proibia de falar a língua, e que depois se casou com seu Geraldo, não índio, que não conhecia a língua, ficando assim esquecida a ponto de quase não lembrar seu nome. Já com relação ao seu Vicente, não tivemos a oportunidade de chegar até o local em que vive, por ser no meio do Pantanal, local de difícil acesso, localizado na Barra de São Lourenço, divisa com Mato Grosso. É conhecido como Porto Guató. A família de seu Vicente, conforme relatos, chegou em 1964 ao local, os donos fazendeiros haviam deixado a propriedade porque a enchente começou a levar tudo. Ali os bichos vivem soltos e em convívio com a casa.

De acordo com o Diário Corumbaense (2011) nas paredes da casa de seu Vicente ou “Mané” como ele afirma ser seu nome, apesar do documento de identidade constar o nome com o qual é chamado, estão dispostas as zagaias, que são um tipo de uma lança artesanal, resistente e pontiaguda, usado desde antigamente até os dias atuais na caça das onças, pelos Guató.

Na sequência, seguiu a monografia de Alves (2017) intitulada “O sistema numeral da língua Guató”, que abordou o Sistema numeral Guató descrito por Palácio (1984, 1996) e acrescentou um diagnóstico com dados elicitados com dona Eufrásia e explicações relacionadas ao sistema de numerais utilizados na escola da Aldeia Uberaba.

Paralelamente a esses estudos foi registrada uma narrativa Guató contada por dona Eufrásia, e descrita por Balykova e Godoy intitulada “O guaribão pegou uma mulher” em Balykova; Godoy e Ferreira (2019). De acordo com os autores, essa é a primeira narrativa Guató com registro, análise e publicação na língua. Porém, como descrito pelos autores, a narrativa não possui fluência na língua Guató e sim no português, língua falada com fluência por dona Eufrásia. Foi descrito que nos dados elicitados a língua Guató apresentou a ordem SVO e não VSO como analisado por Palácio (1984), o que mostra de acordo com esse estudo a influência do português na língua materna da colaoradora.

Levando em consideração que dona Eufrásia desde os anos 80 falou muito pouco a língua indígena materna ou praticamente nada, pode-se afirmar que no ano de 2020 ela tinha raras lembranças ou “nenhuma” de sua língua, como pode ser comprovado em nossa pesquisa, quando apresentamos a ela essa narrativa. Inicialmente foi feita uma leitura em português da história por ela narrada, contudo, ela dizia que não se lembrava, que havia esquecido - “já esqueci, não sei mais...”; após inúmeras tentativas, conseguimos uns trechos que pareciam memórias misturadas e inventadas, tudo em português, infelizmente não conseguimos, nem em português quiçá em Guató. De todo modo, Balykova e Godoy conseguiram esse feito desse material único e riquíssimo com uma das últimas “falantes” Guató.

Nesse ritmo de pesquisas, foi publicado por Silva (2018) em seu trabalho de conclusão de curso *Guató como língua tonal: uma análise acústica de pares opositivos*, os mesmos dados que Palácio (1984) utilizou, somados a novos dados, com a finalidade de comprovar os tons distintivos na língua Guató. Esses novos dados aos quais a autora se refere tiveram como base as pesquisas de Balykova e Godoy (2019), Balykova; Godoy e Ferreira (2019) e Alves (2017), todos ligados ao projeto de “Línguas Indígenas Ameaçadas: Pesquisa e Teorias Linguísticas para a Revitalização” da UFRJ.

Adiante Balykova traduziu o capítulo 9 do livro de Schmidt “Guató: A Língua”, que já citamos mais acima, cujo original em alemão havia tido tradução completa para o português por Cannabrava (SCHMIDT, 1942a). Nessa nova tradução, Balykova acrescenta em cima dos dados aos estudos de Schmidt com algumas atualizações fonológicas e morfológicas com base em Palácio (1984), Postigo (2009) e trabalho de campo feito por Balykova e Godoy (2019) entre 2016 e 2017; também possui um prefácio escrito por Balykova e Godoy (BALYKOVA, 2019) que reúne elementos relacionados aos Guató, seu povo e sua língua.

Balykova e Godoy (2019) apontam que esse trabalho é resultado do subprojeto de revitalização da língua Guató, desenvolvido pela UFRJ, por uma equipe de pesquisadores da referida Universidade. Essa tradução vem somar ao cenário de revitalização linguística pela qual passa o Guató e que trazemos como objetivo também em nossa pesquisa. Vale ressaltar, para fins de fixar um termo, que os autores ficaram e deixaram o leitor confuso ao descreverem seus colaboradores de pesquisa - seu Vicente e dona Eufrásia – ora como falantes, ora como lembrantes, ora como semi-falantes, ora como esquecentes. Realmente é difícil fixar um termo que possa descrever em uma ou duas palavras as duas últimas pessoas que possuíam referência da língua, e essa falta de definição foi reafirmada e é recorrente, como apontam estudos feitos por Alves (2017), Silva (2018), Balykova; Godoy e Ferreira (2019), Balykova (2019).

Confesso que também encontrei essa dificuldade no decorrer do campo de pesquisa com dona Eufrásia, com a qual pude conviver por alguns anos, e, infelizmente, durante esse período, seu Vicente não tive a oportunidade de conhecer. Para essa discussão, seriam necessários estudos terminológicos para especificar melhor a situação linguística de dona Eufrásia (in memoriam) e seu Vicente.

Complementando os estudos linguísticos atuais, citamos Balykova (2019), em sua dissertação de mestrado *Expressão de Propriedades no Guató e no Wa'ikhana*, a qual faz uma análise morfossintática dos lexemas¹² com semântica adjetival no Guató, que os coloca como isolado na família linguística. A autora descreve as expressões de propriedades no Guató, e argumenta que os lexemas de semântica adjetival se comportam como verbos, apresentando as suas funções sintáticas e sua morfologia, assim como, um relato de coleta de seu *corpus* de pesquisa, o qual descreve suas viagens de campo, apontando dona Eufrásia (in memoriam)

¹² “Unidade léxica abstrata que faz parte do léxico de uma língua. Ele se atualiza no discurso na forma de uma palavra flexionada com todas as marcas gramaticais exigidas pelo contexto.” (BIDERMAN, 1984)

como sua principal colaboradora, referindo-se a ela como “lebrante”, termo usado em suas pesquisas, uma vez que ela conseguiu lembrar números até cinco e algumas palavras e frases.

Ao finalizarmos este capítulo, reiteramos a importância de todas as pesquisas, e que a nossa pesquisa venha contribuir e somar com os estudos já realizados referentes ao povo e à língua Guató, por meio da coleta e análise metalexográfica da Obra Indígena Guató, de autoria de dona Dalva Maria Ferreira de Souza. Em memória de dona Eufrásia, que muito nos ensinou sobre sua história, suas dores, seus amores!!

1.5 Literatura e cinema

Outras referências relacionadas ao Guató foram expressas por meio da literatura e do cinema. Manoel de Barros (1916-2014), no seu mundo de encantamentos, consegue transformar em poesia e registrar as sensações que sente quando descreve o som da língua Guató de forma poética em seu livro “Ensaio Fotográfico” (2010) “A língua dos índios Guató é múmura: é como se ao dentro de suas palavras escorresse um rio entre pedras”. As palavras de Manoel de Barros foram sentidas por mim nos áudios coletados com falantes Guató por Postigo (em 2009), aos quais tive acesso e os quais tive a felicidade de ouvir, para sentir a língua Guató na sua essência, na comunicação registrada entre seus últimos falantes.

Manoel de Barros conta que convivia com os Guató, que jogava bola com os meninos quando era criança, que os escutava conversando por horas e que tinha total encantamento por tudo, assim o poeta traduziu seu sentimento em palavras e escreveu o poema "Sombra-Boa - 'X'", do "O livro das ignoranças"(1994) o qual retrata o universo pelos olhos de Rogaciano, índio Guató. Sua poesia é interpretada por ele no Documentário de Joel Pizzini (2004), “500 Almas”. Pizzini retrata todo o processo de reconstrução da memória e da identidade dos índios Guató, com elementos sobre seu (res) surgimento na região do Pantanal. Teve a participação da comunidade; da linguista Adair Palácio – com elicitación de palavras, do historiador e arqueólogo Jorge Eremites de Oliveira; da irmã Ada Gambarotto, pessoa importante no processo de reconhecimento e luta pela Terra Indígena Guató. O Diretor registra quatro falantes Guató: Júlia, José, Veridiano e Vicente, a última família a empregar a língua. De todos ficou apenas o seu Vicente, que vive sozinho no baixo Pantanal. Além deles, foram registradas as irmãs Josefina e Negrinha, já falecidas também.

Desse modo, o longa metragem transmitiu através do cinema a cultura do universo Guató, em sons, tons, e imagens surreais, o qual conseguiu capturar a luta de um povo pelo seu reconhecimento, sua língua, para fortalecimento da identidade e mostrar singularidades de como (sobre)vivem nas águas do Pantanal.

Em 2020, foi lançado o documentário “Guató: uma remada no tempo”, apresentado pelo Canal OFF, disponibilizado na plataforma globo play, contendo oito episódios de 24 a 28 minutos, com Direção de Ricardo Faissol e dois protagonistas, o casal Américo Pinheiro e Lena Ribeiro, que estão entre os melhores remadores de stand up paddle do mundo. Lena é campeã sulamericana de *standup padlle*, casada com Américo que também é seu técnico.

Os dois participaram de um evento no Pantanal e encontraram um remo de madeira. Curiosos perguntaram aos locais e eles disseram que era dos Guató, indígenas, conhecidos por remarem em pé em uma canoa de um pau só. Na sequência, descobrem que a canoa de um pau seria a representação de um Stand up primitivo. O Documentário revela várias perpesctivas e conta com entrevistas e relatos da História, com ribeirinhos, fazendeiros, e muitos outros personagens icônicos, tendo como foco principal a remada secular dos Guató.

Seguem em busca das riquezas do Pantanal e juntando-se a eles no trajeto de volta da Aldeia Uberaba, Nilo, índio Guató, na sua canoa de um pau só, com toda destreza e domínio sob as águas do rio Paraguai. Está classificado no gênero aventura e na descrição da sinopse “Américo e Lena fazem uma viagem de *standup paddle* pelo rio Paraguai até Corumbá, junto a Nilo (Figura 16). Será uma viagem ao passado onde os povos se orientavam pelos sinais da natureza.”

Figura 16: Nilo, Lena e Américo no rio Paraguai, Pantanal/MS



Fonte: Faissol Filmes, 2020

Na abertura fica expresso que o conteúdo foi captado/filmado antes da pandemia e antes do pantanal ter queimado 26% de sua área de extensão. Com imagens feitas embaixo d'água poemas na abertura de cada capítulo, e imagem geral das águas do rio Paraguai vista de cima da canoa com trilha sonora instrumental. Mostra a força da natureza e a impotência do ser humano diante dela, ali no meio do Pantanal o relógio tem outro tempo, onde planejar nem sempre é possível. O movimento nas águas é revelado de forma surreal, com uma fotografia que parece ter saído dos quadros. Impactante e emocionante, conhecer e fazer com que o mundo veja e desmistifique o estereótipo com relação aos indígenas, sua cultura e identidade.

Em entrevista ao Correio Braziliense (2020) Ricardo Faisol relata que um dos pontos altos foi quando entraram na mata à procura de uma árvore perfeita para confeccionar uma canoa, outro são os estudos dos arqueólogos da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. O diretor relatou que esse tempo mostrou que não podemos julgar as pessoas, que o tempo que passou lá robusteceu, que não devemos julgar pelas aparências. Conta que viu um menino com calça jeans caçando com arco e flecha e que esse convívio com os índios Guató foi importante para conhecer o modo de vida deles. Com isso, revelou que seja possível que ele faça o filme dos Guató, para que o mundo saiba e conheça a história dos povos originários do Pantanal. Vamos aguardar!

1.6 Falantes, Semi-falantes, Lembrantes ou Esquecentes

Dona Eufrásia nasceu em 1946 e faleceu em 2021. Índia Guató de pai e mãe, possuía fluência na língua portuguesa, e apesar de sua primeira língua ser Guató, ela passou por um processo de esquecimento da língua materna. Foi casada com Davi, índio Guató, e morou com ele por anos às margens do rio Paraguai. Ela nos contou que sofreu demais por ele ter problemas com o álcool e já nos anos 1980 ela foi para a cidade e nunca mais voltou, nem para Davi nem para sua comunidade. Na época em que foi casada, era proibida de falar a língua Guató por seu então marido, iniciando a partir daí uma perda linguística progressiva. Dona Eufrásia) foi para a cidade e começou a trabalhar em casa de famílias, segundo ela não tinha contato com nenhum falante Guató, somente raras as vezes que ia de visita na casa de algum que estava pela cidade. Nisso, formou uma união estável com seu Geraldo, não índio, e permaneceu com ele até os seus últimos dias.

Dona Eufrásia era uma senhora franzina, com sotaque cuiabano, e curiosidade nos olhos. O sotaque era marcante, pode ter sido por ela ter morado um tempo em Coxim, no Mato Grosso do Sul.

Em nosso campo de pesquisa não conseguimos que dona Eufrásia falasse em Guató. Como ela não escutava bem, a dificuldade dela de resposta aumentava, então a maioria das vezes ela não respondia, somente ria, ou respondia algo diferente do que era perguntado.

Ao longo das pesquisas referenciadas neste estudo foram mencionadas diferentes terminologias para se referir à dona Eufrásia, com isso, nasceu a pergunta de qual termo utilizarmos para nomeá-la. Afinal, dona Eufrásia foi esquecente ou lembrante? Porque falante ou semi-falante não se encaixavam mais para defini-la, em sua situação linguística, por nós registrada. Para obtermos esta resposta serão necessários estudos futuros relacionados a essas terminologias.

1.7 Filiação genética

Rodrigues (1970) criou uma hipótese para classificar a língua Guató no tronco linguístico Macro-Jê. Descreveu em “Paralelismo tipológico devido ao contato social: Guató e Kadiweu” (RODRIGUES, 1983) e algumas considerações comparativas entre elas. Em “Línguas brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas”, Rodrigues (1986), continuou na busca pelo progresso de sua hipótese e apontou cinco possíveis cognatos que o Guató teria em comum com línguas que fazem parte do tronco Macro-Jê, e apesar de não ter

dados suficientes para sua análise, foi possível, através de um estudo linguístico histórico-comparativo, realizar um estudo da língua originária ancestral, propondo a partir daí a classificação da língua como pertencente à família guató, como família linguística independente no tronco linguístico Macro-Jê; ele abordou também questões de sonoridade da língua.

Em 1999, Rodrigues descreveu no capítulo intitulado “Macro-Jê”, publicado no livro com organização Aikhenvald e Dixon (1999), as características gramaticais e fonológicas de doze famílias que constituem, hipoteticamente, o tronco linguístico Macro-Jê. Nesse estudo, Rodrigues (1999) distribuiu as línguas do tronco Macro-Jê em 12 ramos - Jê, Kamakã, Maxakalí, Krenák, Purí, Karirí, Yathê, Karajá, Ofayé, **Guató**, Boróro e Rikbáktsa -, relatou sobre como as línguas estão distribuídas geograficamente, qual o número aproximado de falantes e quais línguas não estão mais vivas. A **família Guató** está situada no Ramo XI e foi apresentada por Rodrigues (1999) como uma família de uma língua única. Rodrigues apontou os Guató sendo localizados apenas no sudeste de Mato Grosso, com aproximadamente cinco falantes. Essa localização que Rodrigues apontou não estava correta, pois nesse ano de 1999, o Estado de Mato Grosso já havia sido dividido em dois, tornando-se Mato Grosso e Mato Grosso do Sul.

Dessas hipóteses apontadas por Rodrigues, os autores Ribeiro e Voort (2010), com base na pesquisa de Palácio, contradizem Rodrigues baseados em um estudo comparativo no qual defendiam incluir no tronco linguístico Macro-Jê a família Jabuti e o Chiquitano e excluir o Guató, argumentando que não poderia fazer parte desse tronco por não haver estudos conclusivos sobre isso. Ademais, os autores apontaram a não existência suficiente de cognatos, rebatendo, desse modo, a hipótese de Rodrigues (1986), não considerando o Guató como Macro-Jê.

Após Ribeiro e Voort (2010) não considerarem o Guató como parte do tronco linguístico Macro-Jê, Martins (2011, 2013) em sua pesquisa concluiu que a proposição de Rodrigues não precisaria ser rejeitada, embora houvesse uma separação que afasta o Guató do tronco Macro-Jê.

Apesar desses estudos, Rodrigues seguiu firme com sua hipótese de um tronco linguístico constituído por 12 famílias, ao longo de toda a sua carreira acadêmica.

Em estudos recentes realizados por Nikulin (2020), em sua tese de doutorado *Proto Macro-Jê: um estudo reconstutivo*, o autor concluiu que a língua Guató não faz parte do tronco Macro-Jê. O autor fez um estudo que exclui o Guató, o qual comparou ao léxico retirado dos estudos feitos por Palácio (1984) e Postigo (2009a) com listas reelaboradas do

tronco Macro-Jê, Chiquitano e Tupí, para chegar a uma possível definição. Num total de 40 palavras, foi identificado por Nikulin (2020) que a maioria se identifica mais com o Tupí, menos com o Chiquitano e alguma semelhança com o Macro-Jê, porém explica que isso acontece ocasionalmente não sendo evidentes totalmente. Contudo, apesar de ser ocasional não considera o Guató como uma língua do tronco Macro-Jê, e apontou que a hipótese feita por Rodrigues (1999) não possui léxico suficiente para provar que o Guató está incluído nesse tronco linguístico e que o autor se baseou apenas em critérios geográficos, não sendo suficientes para tal análise. Ele conclui que a família Guató não pode pertencer ao tronco Macro-Jê, por não haver número satisfatório de cognatos plausíveis para realizar tal análise. Nikulin (2020) exclui o Guató do tronco apontado por Rodrigues (1999), porém, não o coloca em nenhum lugar, deixando a língua Guató à deriva, sem enquadrá-la em nenhum tronco linguístico.

Desse modo, com as discussões apresentadas acerca da filiação genética da língua Guató ser do tronco linguístico Macro-Jê por Rodrigues (1970, 1986, 1999), ser considerada como língua isolada por Ribeiro e Voort (2010), ser reconsiderada por Martins (2011,2013), ou ser excluída por Nikulin (2020) do tronco linguístico Macro-Jê, e até agora não ter uma definição exata, entendemos que faltam pesquisas que justifiquem ser considerada como Macro-Jê ou como língua isolada. Dessa forma, continuamos com a visão de Rodrigues (1970,1986,1999) e reiteramos que novas pesquisas possam vir a somar para que seja possível contribuir não somente com a língua Guató, como com todas as outras línguas indígenas existentes.

1.8 Situação linguística atual dos Guató

A língua Guató é uma língua moribunda, que, de acordo com os dados levantados nesta pesquisa e com os critérios da UNESCO¹³, os quais mensuram a língua por meio de 5 graus de ameaça, ela apresenta-se criticamente ameaçada, porque se encontra no nível 4, o último nível antes de sua extinção.

O problema da extinção de uma língua não se aplica somente na perda da comunicação que acontece entre os falantes, vai além, pois existe um imbricamento entre cultura e língua, sendo que uma não se sustenta sem a outra. Como descreve Angel Corbera

¹³ <http://www.unesco.org/culture/en/endangeredlanguages/atlas>

Mori em entrevista ao site da BBC¹⁴ (2018): "Se a língua se perde, se perde a medicina, a culinária, as histórias, o conhecimento tradicional. No idioma estão a questão da identidade, o conhecimento do bosque, do mato, dos bichos". Conforme afirma o linguista, há estimativas de que existiram aproximadamente 1,1 mil línguas no território brasileiro antes de ser colonizado por Portugal que ao longo dos tempos foram se perdendo.

Para termos uma noção mais exata dessa perda linguística, a UNESCO, em 2009, lançou um mapa interativo que mostra o cenário das línguas que se encontram em perigo de extinção no mundo todo, e mostra que no Brasil grande parte das línguas indígenas está em perigo de desaparecer. Como vimos acima, o Guató está inserido nessa estatística.

A situação linguística do Guató no ano desta pesquisa se mostra em consonância aos dados apresentados pela UNESCO, com grande possibilidade de passar para o nível 5 da tabela, pelo fato de existirem nos últimos anos apenas dois últimos Guató – dona Eufrásia e seu Vicente -apontados na literatura como últimos “falantes”, porém poderíamos dizer que ainda são falantes? Adicione-se o fato da idade de ambos: mais de 70 anos. De todo modo, as últimas pesquisas tiveram dona Eufrásia e seu Vicente como colaboradores. Hoje, 2022, apenas seu Vicente segue firme na jornada da vida.

Dona Eufrásia, foi uma senhora miúda, de 77 anos, que morava no município de Corumbá, quase na saída para o país vizinho, Bolívia, na periferia da cidade. Vivia com seu Geraldo, não índio, seu companheiro há 30 anos, e um neto, não índio também. Em nossa pesquisa, no decorrer da coleta de dados, foi identificado que dona Eufrásia era monolíngue em português e tinha a língua materna como praticamente esquecida; tinha surdez progressiva, problemas com álcool e estava há quarenta anos sem falar sua língua. Com isso aparentava alto grau de perda linguística, não mostrando fluência em sua língua materna.

¹⁴ BBC. British Broadcasting Corporation (Corporação Britânica de Radiodifusão). <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-43010108>

Figura 17: Dona Eufrásia em frente à sua casa, no município de Corumbá/MS



Fonte: Danielle Urt Mansur Bumlai, 2018.

Vicente (Figura 18) é outro falante apontado na literatura, um ancião com mais de 70 anos que vive sozinho na Barra do São Lourenço¹⁵ no baixo pantanal, a uns 300 km do município de Corumbá.

Não fala sua língua materna há 8 anos, desde a morte de sua mãe, dona Júlia, ambos pertencentes à última família a falar Guató, conforme relata Franchetto e Godoy (2017). Com a morte de sua mãe, não conversou em sua língua materna desde então, possivelmente tendo uma perda linguística como a de dona Eufrásia, o que foi confirmado nas pesquisas de Franchetto e Godoy (2017, p.292), que os descrevem como “um falante nativo (ou melhor, tenha sido), ele é, hoje, um esquecente.” Infelizmente, com o Pantanal em chamas desde março de 2020, seu Vicente foi retirado de sua casa por Bombeiros no mês de setembro do mesmo ano, pois corria risco de vida, e levado para um lugar de acolhimento, onde aguarda poder voltar para sua casa (ECOIA, 2020).

¹⁵ Barra do São Lourenço: “Três grupos habitam a região atualmente: a comunidade do Amolar, a de Barra do rio São Lourenço (próxima ao Parque Nacional do Pantanal Mato-Grossense) e a comunidade do Palmital (na fronteira do Brasil com a Bolívia).” (ecoia.org).

Figura 18: Seu Vicente, em sua casa, no Baixo Pantanal – Barra do São Lourenço



Fonte: Godoy. 2016

Ambos – dona Eufrásia e seu Vicente, como mencionados acima, são considerados falantes na literatura, mas pode-se questionar se o melhor a dizer seria: “lembrante, esquecente, ou, semi-falante”, como apresentamos nesta pesquisa. Acreditamos que essa incerteza terminológica reflita sua situação de vida, a situação de uso da língua, que varia ao longo do tempo e pode influenciar sobremaneira a fluência na língua.

De acordo com relato de dona Eufrásia, em 2019, ela foi levada por pesquisadores em uma viagem pelo Pantanal, quando foram a alguns lugares como a comunidade da Aldeia Uberaba, a casa de seu Vicente, entre outros. Em seu relato, descreveu que foi colocada para conversar com seu Vicente, mas que não conseguiu, que ria muito e não vinha nenhuma palavra em sua cabeça, apesar das tentativas feitas pelos pesquisadores. Contou que seu Vicente não falava quase nada também e que para ela parecia que algumas palavras que saíam da boca dele eram inventadas. E, quando estavam na Aldeia, não encontraram nenhum falante, o que já havia sido constatado por nossa pesquisa. Estas considerações feitas por dona Eufrásia puderam evidenciar seu esquecimento praticamente completo da língua, o que a fez notar em seu Vicente, ou podem evidenciar suas incertezas, sua dificuldade de lembrar de sua língua materna. Ficou a questão: se dona Eufrásia pudesse novamente ter contextos para utilizá-la, com outros falantes, sem inibições, seria capaz de se lembrar e voltar a falar Guató? O mesmo podíamos considerar para seu Vicente.

Vale ressaltar que, no estado do Mato Grosso, não existe nenhum falante de Guató entre os que vivem naquela região, de acordo com Franchetto e Godoy (2017). Nossa pesquisa, somada a literatura consultada confirmou a não existência de falantes, pela informação que tivemos de Ridiel, índio guató que veio para Corumbá, em 2019, para encontrar com os Guató da Terra Indígena Guató. Conhecemo-nos na casa de dona Dalva e ele nos contou que no Mato Grosso, onde mora, não há um índio sequer que fale Guató, que tudo é muito precário, e que muitos deles acabam indo para a cidade para encontrar trabalho e escola. Ridiel é filho da liderança Guató no Mato Grosso.

Apesar de ser uma situação crítica, a que se encontra a língua Guató, temos pontos positivos que colaboram para que a língua não se perca, como o grande interesse da comunidade da Aldeia Uberaba, juntamente com a liderança atual, de resgatar a língua, a cultura e a identidade de seu povo, e por isso consentindo com os projetos de pesquisa descritos neste nosso trabalho, inclusive interessando-se pela publicação do material coletado por dona Dalva com os últimos falantes. Todos possuem o mesmo objetivo: a revitalização da língua Guató. Segundo Luis Carlos, cacique à época, eles sabem que possuem muitos desafios a ser enfrentados e por isso pedem socorro para o fortalecimento e para a revitalização da língua. Com certeza, essa abertura vinda da comunidade torna possível o desenvolvimento de pesquisas que colaborem com a revitalização linguística, com a busca de melhores formas de organizar os materiais para a aprendizagem da língua, para sua transmissão e manutenção.

1.8.1 Escola estadual indígena João Quirino de Carvalho “Thogopanaã”

A 350 km do município de Corumbá, no Alto Pantanal matrogrossense, está localizada a Escola Estadual Indígena João Quirino de Carvalho – “Toghopanaã”, bem no meio da Aldeia Uberaba, na Ilha Ínsua. A sede administrativa da escola fica no centro de Corumbá, onde se encontram o Diretor e o Secretário e onde se fazem reuniões com a liderança (à época) Luis Carlos Alvarenga, professor de língua portuguesa da escola desde o início de 2020. Foi lá que assinamos a autorização para entrada na Aldeia e desenvolvimento de nossa pesquisa, no ano de 2019.

O nome da escola indígena faz referência ao nome na língua Guató de seu João Quirino de Carvalho, conhecido como “Thogopanaã”. A escola foi fundada em 2003, tendo como seus maiores incentivadores dona Dalva e seu Severo (ex-cacique Guató). De acordo

com relato de dona Dalva, obtido em nosso trabalho de campo, a escola foi inicialmente suspendida com uma lona e a comida que chegava era feita em sua casa, pois não tinha como ser feita ali, por falta de estrutura física, até que aos poucos foi sendo construída com tijolo e cimento. Em 2017 foi realizada a inauguração da reforma com novas salas de aula, banheiros e refeitório, pelo governo do Estado de Mato Grosso do Sul.

As salas de aula são multisseriadas e divididas: no período matutino - da 1ª a 7ª série, e vespertino - da 8ª série ao 3º ano do ensino médio. De acordo com o Diretor da Escola, em 2019, cinquenta e três era o número de alunos matriculados. A língua guató é ensinada como disciplina constante no currículo, segundo Projeto Pedagógico da Escola para todas as séries, e possui o nome de “Língua Étnica Guató”. O professor Zaqueu, filho de dona Dalva e de seu Severo, é o professor mais antigo da escola que ensina a língua étnica na Escola da Aldeia. Além dele, mais três professores indígenas ensinam a língua guató e apontaram que possuem dificuldades no que diz respeito ao conhecimento da estrutura da língua e à falta de materiais didáticos. Os professores indígenas que ensinam a língua são monolíngues em português e coletam materiais linguísticos disponíveis em sites da *internet* para desenvolverem sua metodologia de ensino, incluindo o “Pequeno Dicionário Indígena Guató” (2002).

A Escola possui em seu quadro pedagógico 8 professores, sendo 4 deles índios Guató e 4 corumbaenses e ladarenses (nascidos em Corumbá e Ladário, no Mato Grosso do Sul). De acordo com os professores, a ortografia que existe da língua está sendo revisada, mas ainda não foi padronizada. Todos na comunidade estão abertos para receber projetos de revitalização linguística, pois sabem da importância e do valor que uma língua possui e que sua possível perda pode levar ao esquecimento de toda sua cultura. Infelizmente, não encontramos nenhum falante que vive na Aldeia, todas as famílias que moram ali são monolíngues em português ou bilíngues em português e espanhol. A escola é o centro da comunidade, é onde tudo funciona.

Na tarde de junho de 2019, chegamos às 17h na Aldeia, depois de dois dias de barco. O cacique Luis Carlos estava nos esperando para começar a reunião com os pais de alunos, no encerramento de semestre letivo, e para fazer as devidas apresentações sobre nossa pesquisa. O acolhimento foi em massa, todos apoiaram e o professor Zaqueu, professor de língua étnica, falou sobre a possível mudança na ortografia da língua e sobre a não continuidade das pesquisas, que isso dificulta o processo de revitalização linguística.

Nessa ida fui apresentada a dona Dalva e a seu Severo, e com toda gentileza ela nos convidou, eu e o Diretor Ademir (à época) a um café em sua casa. Conversamos por horas, e foi quando nos contou sobre seus cadernos, sobre seu interesse pela língua e sobre seu sonho

de organizar seu material para ser utilizado na escola da Aldeia. Dona Dalva é uma senhora de 75 anos, que ama os livros, ama seu povo e sua língua.

No ano de 2020, seria realizada, no primeiro semestre, uma Oficina sobre Língua Portuguesa e Línguas Indígenas na escola e, num segundo momento, seria apresentado o vocabulário coletado por dona Dalva, para que, junto com os professores indígenas, fosse feita uma revisão e fosse tomada uma decisão sobre a melhor forma de organizar esse material, para seu uso nas aulas de língua étnica, e para que se somasse a outros poucos materiais existentes sobre a língua Guató. Infelizmente, devido à pandemia de Covid-19, esse projeto foi adiado e até o momento não conseguimos executá-lo, pois o risco de transmissão da doença ainda está alto.

1.9 Colaboração de nossa pesquisa para a revitalização da língua Guató

Esta pesquisa pretende contribuir com a língua Guató, por meio de uma análise metalexiconográfica do léxico coletado por dona Dalva com os colaboradores/ falantes do idioma. Dona Dalva registrou tudo em seu caderno, com a intenção de um dia poder contribuir com a continuidade e o não desaparecimento de seu povo. Com mais de 20 anos coletando palavras e estudando a língua nos livros e na prática, principalmente sua sogra, dona Francisquinha, seu João Quirino e seu Veridiano, todos já falecidos. Dona Dalva os levou para seu convívio e cuidou deles até seu falecimento.

Como possui imenso interesse e encanto pela língua, iniciou seu estudo a partir dos materiais disponibilizados na *internet* por Schmdit (1905[1942]) e Palácio (1984), os quais subsidiaram a coleta realizada por ela, culminando em uma grande quantidade de palavras e frases, como também a sequência dos números que ela criou a partir dos registros de Palácio (1984).

Esse material registrado por dona Dalva é conhecido na literatura atual como “um vasto vocabulário Guató – Português” por Balykova (2019, p.5). Alves (2017) relata que teve contato com os números descritos por dona Dalva, os quais ela permitiu que ele fotografasse, e aponta em seus estudos que a partir daí foi possível verificar que os números passaram por modificações, principalmente os números altos, com alguma supressão ou acréscimo de partes, que não existem nos estudos de Palácio (1984). Balykova (2019) cita em seus estudos que as aulas de língua étnica que acontecem na escola da Aldeia se baseiam no material coletado por Dalva, porém nossa pesquisa apontou que o material coletado por ela não foi utilizado na escola até o momento, pois de acordo com Zaqueu – seu filho e professor da

escola na Aldeia – o material precisa ser analisado pelos professores da escola e um linguista, para que possa ser utilizado nas aulas como material didático e auxilie os professores que não possuem treinamento linguístico em Guató, sendo todos monolíngues em português.

Cabe relatar que todo o material coletado e registrado por dona Dalva foi cedido inteiramente para nossa pesquisa, não tendo sido documentado por outro pesquisador em sua totalidade. A autora permitiu que esse material fosse analisado por nós e para que colaborássemos com seu aproveitamento em publicações futuras. Apenas os números haviam sido fotografados por Alves (2017) e descritos em seu trabalho, conforme relatado acima. Dona Dalva contribuiu também para o “Pequeno dicionário Guató – Português” (2002), porém esse trabalho não teve a participação de linguistas.

Portanto, o que se pretende em nossa pesquisa é realizar uma análise metalexigráfica do léxico documentado por dona Dalva, para que possa ser utilizado como material de apoio nas aulas de língua étnica pela escola da Aldeia e para uso da comunidade em geral.

Ao final deste estudo, além da tese de doutorado, será feita uma organização desse material o qual terá o nome dela como autora com a pretensão de publicar alguns exemplares para serem entregues à escola da comunidade Guató, à comunidade e à dona Dalva. Será especificado que esse estudo é uma reprodução do material, um *fac-símile*, feito por ela como contribuição para revitalização de uma língua moribunda.

Entendemos que todo registro relacionado à língua de um povo, principalmente ao que diz respeito a uma língua moribunda como o Guató, é de suma importância para sua continuidade e para somar a outros materiais existentes ou que venham a se desenvolver a partir desse. Portanto, conhecer, documentar, analisar e organizar é fundamental para cooperar com seu desenvolvimento e fortalecimento, com a educação escolar indígena e sua transformação social, aspectos que contribuem com o processo de revitalização da língua. Desse modo, espera-se que nossa pesquisa, somada a outras relacionadas ao léxico Guató, determine um salto qualitativo na preservação da língua desse povo.

CAPÍTULO 2

METODOLOGIA TRABALHO DE CAMPO

Figura 19: Rio Paraguai – vista da Ilha Ínsua – Aldeia Uberaba.



Fonte: Danielle Urt Mansur Bumlai, 2019.

Neste capítulo, serão descritos todos os passos percorridos no trabalho de campo, antes e depois de sua alteração.

Nosso objetivo inicial foi realizar uma observação participante juntamente com dona Eufrásia e com a comunidade indígena Guató, mas especificamente com as mulheres da comunidade, com questionários previamente elaborados. Esses questionários previamente elaborados são, na verdade, de acordo com Fargetti (2018a), roteiros para interação com os falantes, em cuja utilização o contexto da aldeia deve ser valorizado. Com relação às perguntas aplicadas, as respostas obtidas pelo linguista devem dirigir a novas perguntas, procurando, desse modo, estabelecer uma comunicação com o falante, para que se possa aproveitar ao máximo todos os saberes daquela comunidade.

O próximo passo, após a coleta de dados, seria a análise dos termos coletados junto aos falantes nativos e professores da escola indígena na comunidade e ao final seriam organizadas e elaboradas as definições enciclopédicas para preparação final do material, pensando sempre na língua e na cultura juntas, conforme ensinamentos de Fargetti (2018a).

A observação participante chegou a ser feita com dona Eufrásia, porém, não foi possível chegar aos resultados pretendidos, pois os dados coletados não alcançaram os objetivos do projeto inicial. Primeiro, foi identificado que as mulheres que vivem na comunidade são todas monolíngues em português, e segundo, pelo fato de dona Eufrásia, apesar de ser descrita na literatura como falante de Guató, apresentar perda linguística em nível elevado, não possuindo fluência na sua língua materna. Esses dois fatores foram cruciais para que nossa pesquisa passasse por modificações.

No total foram duas fases de trabalho de campo: a primeira fase ocorreu com dona Eufrásia e com as mulheres da Aldeia Uberaba, em diversos momentos, quando foi seguido o projeto inicial; e a segunda fase ocorreu com dona Dalva, que, no decorrer da pesquisa, tornou-se nossa colaboradora principal.

2.1. Etapas da pesquisa

As etapas percorridas durante o desenvolvimento desta pesquisa fundamentaram-se em: levantamento bibliográfico, por meio de consultas pela *internet* – artigos, resenhas, bibliotecas digitais, bancos de teses e de dissertações digitais, sites; leitura de livros, revistas, textos e toda e qualquer informação relacionado ao Guató, aos estudos do léxico, a sua documentação e revitalização linguística; trabalho de campo para coleta de dados, em duas

fases; e análise dos dados coletados. Desde o início tudo foi registrado em um diário de campo, num caderno e no gravador de celular.

Fargetti (2018a) descreve que é preciso ler os estudos linguísticos e antropológicos da língua que já existem e ir para o campo com um nível elevado de conhecimento sobre o povo que será investigado.

Sobre o trabalho de campo, Fargetti (2018a) relata que para termos compreensão sobre as diversas formas de pensar do outro e de sua peculiar relação existente entre língua e cultura se torna necessário utilizarmos da etnografia (GUBER, 2001), pois abre caminhos para que possamos compreender o outro não a partir de nosso mundo, de nossa cultura, mas sim a partir de suas categorizações, pois cada cultura é única e possui conhecedores em saberes específicos. Pois, conforme descreve Fargetti (2018a), ao mesmo tempo em que todos somos um, somos diversos, essa diversidade é o que nos define e não a universalidade, pois somos diferentes na relação com o meio em que vivemos, o que aponta para necessidades diferentes, culturas diferentes e línguas diferentes.

2.2. Campo antes da alteração do projeto

Desse modo, em meados de 2017, foi dado o início à primeira fase da pesquisa de campo rumo aos Guató, no centro-oeste do Brasil, em Mato Grosso do Sul, na divisa com a Bolívia. Foi primeiro necessário realizar uma sondagem para a realização dessa pesquisa, por meio de um levantamento sociolinguístico, além de pesquisa sobre a literatura existente sobre os Guató. Primeiramente, foram realizadas visitas à casa de dona Eufrásia, índia Guató e que era como uma das últimas falantes da língua Guató, moradora do Bairro Aeroporto, na cidade de Corumbá/MS. Dona Eufrásia vivia com seu companheiro, seu Geraldo, e alguns de seus filhos e netos. No terceiro dia de visita, foi marcada a ida de uma assistente social do CRAS, em uma tentativa de conseguir uma atenção para dona Eufrásia, como assistência médica e uma cesta básica. Dona Eufrásia e eu marcamos uma consulta no posto de saúde próximo à casa dela, com o clínico geral, para que ela fosse encaminhada ao otorrino para tratar uma surdez, a qual era perceptível e a incomodava demais. Dona Eufrásia nos contou que levou um coice no seu ouvido e que pode ter sido isso que a levou a sua perda auditiva. Infelizmente, após a consulta e exames realizados com um fonoaudiólogo, foi constatado que o uso do aparelho não faria diferença para dona Eufrásia, sendo obtido um laudo por médico otorrinolaringologista.

Figura 20: Visita da Assistente Social CRAS - Corumbá. (à direita). Dona Eufrásia e seu esposo, Seu Geraldo (à esquerda) eu e Helena (no centro).



Fonte: Danielle Urt Mansur Bumlai, 2017.

Figura 21: Dona Eufrásia



Fonte: Danielle Urt Mansur Bumlai, 2018.

Nesse mesmo ano de 2017, quando fiz o processo seletivo da UNESP, com início em 2018, tive uma reunião com o Cacique, à época, Luis Carlos, para apresentar a proposta da

pesquisa, a fim de saber se seria dado apoio necessário para sua efetivação, e a sua resposta foi positiva.

Desse modo, em julho de 2018, iniciei as primeiras tentativas de conseguir a autorização de ingresso na Terra Indígena Guató, a ser dada pelo Cacique Luis Carlos e pela FUNAI, para que pudéssemos iniciar nossa pesquisa junto à comunidade indígena Guató, porém sem sucesso.

Como não tivemos retorno da liderança, fomos até a casa de dona Eufrásia e discorremos sobre a pesquisa com a língua Guató, sobre a importância da coleta de dados realizada com ela para a documentação da língua com o objetivo de revitalizar, de resgatar a cultura e a identidade de seu povo, e que retornaríamos assim que tivéssemos a anuência do Cacique Luis Carlos, apesar de dona Eufrásia não ser reconhecida como índia Guató. Essa conversa não foi um diálogo, foi mais um monólogo, pois a dificuldade de audição era tanta que percebemos que ela não entendia quase nada do que era falado, acenava com a cabeça e ria. Em Guató não conseguimos nenhuma palavra e em português ela dizia ter esquecido tudo que sabia sobre sua língua materna, apesar disso, pensamos que pudesse ser timidez da parte dela, ou o problema de audição que fazia com que ela escutasse bem pouco, porém seguimos na esperança de resgatar a língua por meio dela.

Em abril de 2019, finalmente foi assinada a autorização (Figura 22) para realização desta pesquisa, em um encontro que aconteceu na sede administrativa da Escola Estadual Indígena João Quirino de Carvalho “Thogopanaã”, entre pesquisadora, o Cacique Luis Carlos Alvarenga, o Vice Cacique Laucídio Côrrea da Costa, o Diretor da Escola Ademir Francisco de Souza Junior e o representante da FUNAI, Valmir Correa. Nesse encontro dialogamos sobre a comunidade, a escola, as questões culturais e identitárias e seu fortalecimento, e a contribuição para o ensino da língua guató. O cacique e todos os participantes se mostraram otimistas com a proposta da pesquisa, e se colocaram à disposição em tudo que fosse necessário para a realização dela, frisando que uma das coisas que os deixaram mais satisfeitos e confiantes, além do estudo da língua, foi o fato de eu ser corumbaense e ter escolhido a região do Pantanal para desenvolver meu trabalho e nas palavras deles “o amor presente em meus olhos”. Assim, apertamos as mãos num gesto de confirmação, assinamos o ofício e marcamos a primeira subida para a Aldeia Uberaba, onde seria feita nossa apresentação para a comunidade.

Figura 22: Reunião de autorização para realização desta pesquisa. Sede administrativa da Escola Estadual Indígena João Quirino de Carvalho “Thogopanaã”. Ademir Francisco de Souza Junior, Cacique Luis Carlos Alvarenga, eu, Valmir Correa (FUNAI) e vice-cacique Laucídio Corrêa da Costa



Fonte: Danielle Urt Mansur Bumlai, 2019

Tivemos mais alguns encontros com o Diretor Ademir Francisco de Souza Junior para encontrarmos uma melhor data para que eu fosse recebida por todos na Aldeia. Ficou decidido que iríamos no dia 12 de junho, e o único modo, naquele momento, seria subir com um barco freteiro, com saída do Porto Geral de Corumbá, às 19h, pois não havia outro meio de transporte para nossa subida. Nesse ano, o barco Guató I (Figura 23) já estava passando por reformas.

Figura 23: Barco Guató I



Fonte: Postigo, 2009

Nesse meio tempo, foram realizadas reuniões com a SESAI (Secretaria de Saúde Indígena), que sobe uma vez por mês para a Aldeia para realizar atendimento médico e

odontológico, e como eles possuem um barco vislumbramos uma possível carona para subirmos em outras ocasiões. Isso nunca aconteceu, pois logo tiveram problema com o barco deles e estavam subindo com o apoio de outros órgãos. Também tivemos reunião com a Prefeitura da cidade de Corumbá, que possui o projeto Povo das Águas, e que se mostrou receptiva ao nosso projeto; mas infelizmente eles não sobem para o alto pantanal, apenas para o baixo – e por isso ocorreu a ideia de visitar seu Vicente, que vive no baixo pantanal. Porém a equipe do projeto da prefeitura apenas me deixaria no local e depois de dois dias eu encontraria com eles em algum porto perto dali; infelizmente, sem outro pesquisador como apoio, a viagem de campo foi impossibilitada, pois não poderia ficar sozinha com o colaborador. Outra possibilidade de apoio para subida, descida e alojamento foi com a ONG Ecologia e Ação (ECOIA) e por meio do Instituto do Homem Pantaneiro, que possui uma sede no meio do Pantanal, porém precisaríamos de combustível, aproximadamente 400 litros ou mais, e uma equipe, o que inviabilizou esse apoio.

Assim, após todas essas tentativas e reuniões, o diretor da escola confirmou para o dia 12 de junho nossa subida com o barco freteiro que iria buscar os professores da escola da Aldeia que entravam de férias nesse mês, e me pediu que fosse realizada uma palestra na escola para os professores e alunos.

Desse modo, todos os preparativos foram organizados para a subida, conforme detalha Fargetti (2018b) em seu texto “Preparação para viagem de campo: algumas recomendações”: caixa de remédios com antialérgicos, pomadas, roupas, repelente, chapéu, protetor solar, alimentos não perecíveis, lanterna, lampião, dinheiro, presentes (comprei seis bolas de futebol para os meninos, 10 bambolês para as meninas, 6 caixas de lápis de cor, Maria Chiquinha para cabelo, 20 pacotes de pipoca), equipamento para a coleta de dados - câmera fotográfica, filmadora, computador – para baixar os dados coletados, HD externo, pen drive, extensão com cinco entradas, T para tomada.

Às 18h estávamos todos no porto de Corumbá, ansiosos com a subida. Esse barco é o único freteiro que faz essa rota do porto de Corumbá até a Aldeia Uberaba, pelo valor de ida e volta a 240 reais por pessoa, com 48 horas de navegação subindo o rio Paraguai, incluso café da manhã, almoço e janta. Possui um quarto compartilhado com oito camas e um banheiro interno, e quem quiser pode esticar sua rede e dormir do lado de fora. Às 5 horas da manhã já dá para sentir o cheiro de café e de pão que vem da cozinha, às 6h já está todo mundo comendo. O almoço é pantaneiro – arroz carreteiro, galinhada, farofa de carne de seca com banana da terra - e é servido às 10h30 e o jantar às 17h30; quando chega a noite é silêncio total, todos já estão em seus lugares. É mundão que não acaba mais.

No barco estava uma família Guató (Figura24) – mãe e dois filhos, que vivem na cidade de Corumbá e estavam visitando seus parentes que moram na Aldeia, e um índio Guató conhecido como Quati, que trabalhava na embarcação e conhecia cada pedacinho do Pantanal, todos monolíngues em português. No caminho íamos parando nas fazendas para entregar alguma mercadoria ou descer e subir alguém. Todos na embarcação tomavam “Tereré” – uma bebida típica da região pantaneira que é feita com a erva do mate gelado com limão, faz parte da cultura da região, todos em círculo passam a cuia para quem está ao lado, tudo com muita conversa. A população ribeirinha, como é conhecido quem mora às margens do rio, ficava esperando o barco junto com seus cachorros – havia muito cachorro em todas as beiradas/margens do rio, os moradores dizem que é “porque espanta onça”.

Figura 24: Barco Freteiro Amolar.



Fonte: Danielle Urt Mansur Bumlai, 2019.

Figura 25: Vista da Aldeia Uberaba.



Fonte: Danielle Urt Mansur Bumlai, 2019.

Chegamos à Aldeia quase cinco da tarde (Figuras 25 e 26). Estávamos sendo aguardados pelo Cacique Luis Carlos e por toda a comunidade para uma reunião, durante a qual foram debatidos assuntos relacionados ao semestre letivo, que estava sendo encerrado naquele dia, e a nossa pesquisa. O Cacique me apresentou para a comunidade e passou a palavra – antes já havia me pedido que não fotografasse e nem filmasse, para que eles pudessem primeiro me conhecer. Fiz uma explanação de nossa pesquisa, sobre a importância dela para a comunidade e conseqüentemente para a escola da comunidade. O Professor Zaqueu questionou sobre a continuidade dela, falou sobre a ortografia da língua e suas dificuldades.

Andamos pela comunidade conhecendo pessoas e não encontramos nenhum falante Guató, todos monolíngües em português e alguns bilíngües em português e espanhol.

Figura 26: Chegada na Aldeia Uberada.



Fonte: Danielle Urt Mansur Bumlai,2019.

Figura 27: Escola Estadual Indígena João Quirino “Thogopanaã”.



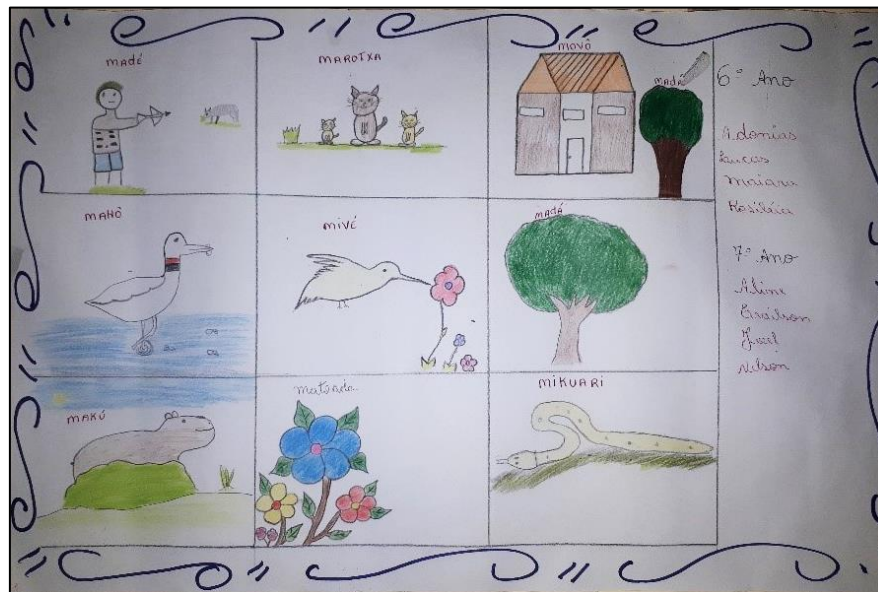
Fonte: Danielle Urt Mansur Bumlai,2019

Como a reunião acabou tarde, o Cacique e o Diretor pediram que adiássemos a nossa palestra, sendo proposta uma data em 2020, para o mês de abril, durante o qual é comemorado o dia do índio. Além dessa palestra, propusemos a realização de uma oficina para a mesma

data. Esse projeto da palestra e oficina não foram realizados pelo fato de termos entrado na pandemia da Covid-19 e ainda estarmos nela por mais de dois anos. Com esse cenário temos que aguardar e ver quando poderemos seguir com a proposta.

Nesse meio tempo, os professores me levaram para conhecer a sala de aula e fiquei encantada com os desenhos feitos pelos alunos do fundamental I (Figuras 28 e 29), descritos com nomes dos animais em Guató, nas aulas de língua étnica.

Figura 28: Desenhos feitos pelos alunos da escola “Thohopanaã”.



Fonte: Danielle Urt Mansur Bumlai, 2019.

Figura 29: Canoa Guató retratada pelos alunos da escola “Thoghopanaã”.



Fonte: Danielle Urt Mansur Bumlai, 2019

Figura 30: Miniaturas de peças artesanais Guató



Fonte:Danielle Urt Mansur Bumlai,2019.

Na parte da noite foi feito pelos professores um pacu frito, na cozinha da escola, para nossa recepção. Comemos e depois nos sentamos para conversar. Era noite de lua cheia, sentamos na frente da escola e o Cacique tinha muitas histórias pra contar: sobre as onças que rondavam a região e como as enfrentavam sem medo; sobre as pinturas corporais que gostaria que voltassem a praticar, inclusive nesse dia ele estava pintado, ele próprio havia feito - perguntei o significado delas e ele disse que não possuía um único sentido, mas que estava relacionado à vida ali na Aldeia; contou que antigamente tudo o que faziam era relacionado à lua, mas que hoje não é mais assim, pois os mais velhos morreram e os mais novos não ficaram com seus ensinamentos; contou sobre o monstro que havia na mata metade homem metade bicho, que muitos dali já haviam visto, inclusive ele, mas que não tinha medo da mata por nada. Nessa noite todos estavam falando sobre a onça que rondava por ali. Despedimo-nos e o Cacique foi caminhando para sua casa que fica a uns dois quilômetros dali da escola; perguntamos se tinha medo, ele disse já estar acostumado com o escuro. O gerador (Figura 31) ficava ligado normalmente até as 10 horas da noite.

Figura 31: Gerador de energia.



Fonte: Danielle Urt Mansur Bumlai, 2019.

A escola é o centro da Aldeia, local onde tudo acontece. Ao lado dela fica o posto de saúde (Figura 32 e 33) onde são feitos os atendimentos médicos e odontológicos uma vez ao mês, pela equipe da SESAI. Na aldeia existem algumas placas solares, porém não estavam funcionando, haviam quebrado e o Cacique disse que estava no aguardo da equipe para sua manutenção.

Figura 32: Posto de saúde. Aldeia Uberaba



Fonte: Danielle Urt Mansur Bumlai, 2019.

Figura 33: Posto de saúde. Placa solar. Aldeia Uberaba



Fonte: Danielle Urt Mansur Bumlai, 2019.

No dia 15 de junho, na parte da manhã, fui, com o diretor da escola, até a casa de dona Dalva e seu Severo (antiga liderança Guató, até o cacique Luis Carlos assumir a liderança) para conhecê-los. Seu Severo serviu um café e dona Dalva pegou seu precioso caderno para mostrar as palavras coletadas e registradas por ela em guató -português, algumas frases e números. Contaram histórias e marcamos de nos encontrarmos em Corumbá, pois estariam indo para ficar algumas semanas na cidade. Seu Severo ficou emocionado ao lembrar sua luta pelo seu povo, suas conquistas e perdas.

Figura 34: Dona Dalva e seu Severo na casa deles na Aldeia Uberaba.



Fonte: Danielle Urt Mansur Bumlai, 2019

Depois fomos caminhar pela comunidade, seguindo pelo meio da mata, onde as casas ficam dispostas. Não encontramos nenhum bicho por ali, somente buracos no solo que o cacique disse ser de cobra; ali na região são encontradas espécies como “boca de sapo”, conhecida também como jararaca, e sucuri.

As casas ficam dispostas por toda a ilha, com moradores que vivem perto ou longe entre si. Os moradores que moram mais longe vão para suas casas pela mata ou pelo rio – com suas canoas ou barcos. As casas (Figuras 35,36,37) são feitas de madeira e de tijolos de barro, com cobertura de telha Eternit ou das folhas de acuri, conforme apresentadas abaixo.

Figura 35: Casa Guató de telha de amianto



Fonte: Danielle Urt Mansur Bumlai,2019.

Figura 36: Casa Guató com Acurí



Fonte: Danielle Urt Mansur Bumlai, 2019.

Figura 37: Casa Guató.

Fonte: Danielle Urt Mansur Bumlai, 2019.

Na volta da caminhada ajudamos os professores e a comunidade, que estavam organizando a festa de encerramento da escola, que aconteceu na parte da tarde. Nesse tempo, conversei com Francisca, professora de língua étnica e mãe de Heraldo, ex-professor de língua étnica que teve que deixar a escola na comunidade e mudar para Corumbá para trabalhar no exército. Ela relatou sobre o material que utiliza em suas aulas, que os baixa da *internet* (listas de palavras e frases) e repassa por meio de exercícios para os alunos, porém não tem domínio da língua, nem pronúncia e nem escrita, apenas sabe algumas palavras soltas. A professora Francisca é índia Guató e monolíngue em português. Estavam todos os professores juntos, no total de oito, sendo quatro indígenas e quatro não indígenas.

A festa da tarde foi linda, as crianças dançaram (Figura 38), teve brincadeira de pesca e pegue uma prenda (Figura 39), desfile de moda, cachorro-quente e muita diversão. Foi identificada uma mistura de identidade entre a comunidade e a população que vive na cidade, por meio das músicas tocadas, das vestimentas, das conversas.

Figura 38: Comemorações da Festa junina com as crianças da escola.



Fonte: Danielle Urt Mansur Bumlai, 2019.

Figura 39: brincadeiras com prendas.



Fonte: Danielle Urt Mansur Bumlai, 2019

À noite aconteceu uma típica festa junina (Figura 40) da escola; quando o cacique acendeu a fogueira (Figura 41, 42), a festa começou, com comidas típicas e danças (Figura 43). Além da comunidade estavam presentes também algumas pessoas que moram em outros

locais do Pantanal, como nas fazendas da região. Não teve nenhuma apresentação indígena, ou algo na língua Guató.

Figura 40: Cacique Luis Carlos e Vice Cacique Laucídio. Festa junina da comunidade.



Fonte: Danielle Urt Mansur Bumlai,2019

Figura 41: Festa junina da comunidade. Fogueira.



Fonte: Danielle Urt Mansur Bumlai,2019.

Figura 42: Festa junina da comunidade.



Fonte: Danielle Urt Mansur Bumlai, 2019.

Figura 43: Festa junina da comunidade. Dança.



Fonte: Danielle Urt Mansur Bumlai, 2019.

No outro dia, às 7h da manhã, o cacique nos levou para conhecer algumas casas e conversar com os indígenas que vivem ali na Aldeia. As pessoas, muito simpáticas e receptivas, nos receberam com café, sorrisos e muita conversa. As mulheres mostraram a organização de suas casas, sala, cozinha e quarto, todas com artesanato (Figura 44) feito por

elas mesmas. Em uma das casas, a mulher nos contou que era boliviana e que havia se casado com um índio Guató, o que pode ser percebido em sua fala, em que o português tem muita influência do espanhol. Ela relatou que era bem comum esse tipo de casamento ali na Aldeia, argumentando que a Bolívia fica do outro lado do rio, sendo de fácil acesso para todos.

Figura 44: Parte interna de casa Guató.



Fonte: Danielle Urt Mansur Bumlai, 2019.

Figura 45: Parte interna de casa Guató.



Fonte: Danielle Urt Mansur Bumlai, 2019

Fomos também à casa de dona Francisca (Figura 46), mãe de Laucídio, Vice-Cacique e coordenador pedagógico da escola, à época. Ela nos recebeu com muito carinho e mostrou-nos seu artesanato (Figura 47) feitos de folha de lança e de aguapé, ambos retirados do rio e trançados a mão. Compramos alguns produtos e saímos felizes dali. Todos são monolíngues em português.

Figura 46: Dona Francisca, índia Guató, artesã.



Fonte: Danielle Urt Mansur Bumlai, 2019.

Figura 47: Artesanato feito por dona Francisca.



Fonte: Danielle Urt Mansur Bumlai, 2019.

Assim foi nosso dia, fomos em muitas casas, todos muito acolhedores, combinamos de voltar e dormir ali para ver a onça que, segundo ela, passa toda noite pela sua janela.

Na descida do rio Paraguai, de volta para Corumbá, o freteiro (Figura 48) veio carregado de pessoas, bichos e coisas. Parte da comunidade desceu para a cidade para vender artesanato, peixe, e aproveitar para fazer compras e passar alguns dias na cidade. Alguns moradores da Aldeia Uberaba possuem casa na cidade, e, nas férias ou no recesso escolar, fazem essa rota.

Figura 48: Barco freteiro na volta da Aldeia Uberaba



Fonte: Danielle Urt Mansur Bumlai, 2019.

Figura 49: Vice Cacique Laucídio, Cacique Luis Carlos, eu e Valmir Correa (FUNAI). Barco freteiro de volta para Corumbá.



Fonte: Danielle Urt Mansur Bumlai, 2019.

Figura 50: Chegada na cidade de Corumbá/MS. Porto Geral.



Fonte: Danielle Urt Mansur Bumlai, 2019.

A volta (Figura 49) foi mais rápida que a ida, com 26 horas de descida pelo rio Paraguai. Dona Dalva estava no barco e se mostrou bem interessada em falar sobre seus cadernos e disse que “estava esperando alguém para poder organizar junto com ela seu

trabalho de mais de 20 anos”. Combinamos ali que iríamos fazer uma visita em sua casa em Corumbá e conversar sobre o que poderíamos fazer.

Chegamos a Corumbá às 10 horas da manhã, depois de uma noite e um dia inteiro de viagem. Não alcançamos o nosso objetivo inicial, que era a coleta de dados junto às mulheres da aldeia, pois como exposto acima, nenhuma delas é falante Guató, são todas monolíngues em português. Porém, saímos dali com muita vontade de colaborar com a comunidade e com a escola para que juntos possamos encontrar meios para seu fortalecimento e sua revitalização linguística.

Todo esse trajeto foi descrito e conversado com minha orientadora. Falamos de dona Eufrásia, das mulheres da comunidade e de dona Dalva e sobre o que poderia ser feito a partir dali. Decidimos que primeiramente teríamos que conhecer esse material de dona Dalva e verificar se ela estaria disposta a colaborar com nossa pesquisa.

2.3. Campo de pesquisa após a alteração do projeto

Aqui, primeiramente, é válido descrever nossa colaboradora Dona Dalva. Trata-se de uma senhora com mais de 70 anos, amável, de sorriso largo no rosto, sempre pronta a ajudar quem quer que seja. Não é índia Guató de sangue, porém se considera uma e é reconhecida como tal, pois possui inclusive documento que a identifica como índia Guató. Casada com seu Severo (antiga liderança), juntos lutaram em busca da retomada do território pelo seu povo, de volta para a Aldeia Uberaba

Em 19 de junho de 2019, foi o primeiro dia de visita na casa de dona Dalva – levei um bolo de coco e um pacote de café. Passamos a tarde conversando sobre a pesquisa, sobre a comunidade, e a coleta de palavras feita por ela em mais de 20 anos. A curiosidade, vontade de aprender a língua e o contato direto com os últimos falantes conduziram dona Dalva a documentar o léxico da língua Guató em seu caderno. Dona Dalva participou da elaboração do “Pequeno dicionário guató-português” (2002), porém tal obra não teve participação de linguistas, apenas dos moradores da comunidade.

No segundo dia, 25 de junho (Figura 47), levei alguns textos para dona Dalva, como “Aprendendo a língua Guató” por Postigo, os numerais e o vocabulário apresentados por Palácio (1984) e o vocabulário de Schmidt (1942a). Dona Dalva, exímia leitora e conhecedora de sua comunidade, fez algumas colocações sobre o vocabulário coletado até o momento na língua, citando sempre Schmidt (1905[1942]) e Palácio (1984), e acrescentou que montou seu caderno pensando em colaborar com a escola, que é preciso um material que as crianças

conheçam, entendam e assimilem, para que assim possam repassar para futuras gerações. Expliquei sobre as gravações em áudio e vídeo e se poderíamos fazer enquanto fazíamos a documentação de seus registros. Ela disse que o áudio poderíamos ir fazendo, mas que deixássemos o vídeo para depois da coleta de todo o material, pois aí as palavras já estariam organizadas e ficaria mais fácil. Até esse momento, só havia me mostrado o caderno quando estava na Aldeia, mas contou-me sobre sua história de luta pelo reconhecimento de seu povo junto a seu Severo.

No dia 26 de junho, cheguei à casa de dona Dalva às 13h, levei textos atuais como Franchetto e Godoy (2017) e Alves (2017), dos quais fizemos as leituras e sobre eles conversamos. Enfim, dona Dalva depois de sentir-se mais segura e à vontade com minha presença, pegou seu caderno, folheamos juntas e a partir daí começou a descrever seu trabalho. Dona Dalva realizou sua coleta com falantes que já não vivem mais, como seu João Quirino (o qual teve seu nome dado à escola), dona Francisquinha – sua sogra e seu Veridiano, todos fluentes em guató, considerados por ela bilingues em guató e português, e de acordo com ela, falavam mais em Guató do que em português e não possuíam nenhum grau de escolaridade e quando já estavam idosos foram acolhidos por ela e seu Severo em sua casa na Aldeia. Com esse convívio diário, escutando e participando das conversas em Guató, dona Dalva iniciou sua pesquisa e selecionou os materiais que já existiam sobre a língua que serviram de base para sua coleta. As palavras em guató, de acordo com Dona Dalva, foram revisadas por seu João Quirino e dona Francisquinha, porém ela ressalta que eles eram analfabetos, não sabiam ler, então a técnica que ela encontrou era repetir a palavra várias vezes, juntamente com eles, até que sua pronúncia estivesse correta; daí ela transcrevia para seu caderno. Essa técnica encontrada por dona Dalva é apontada inclusive por Hinton e Hale (2001), em seu livro sobre técnicas para realizar uma revitalização linguística de uma língua com seus últimos falantes.

Dona Dalva não é falante Guató, mas sua convivência intensa com eles fez com que ela assimilasse, reconhecesse as palavras e as reproduzisse de acordo com o som que ouvia, seguindo a ortografia do material que estudou sobre a língua Guató. O material de dona Dalva estava organizado em ordem alfabética e separado por grupos como animais, árvores, cores, entre outros que serão descritos nessa pesquisa.

Nesse dia, digitamos, em colunas, as letras A, B e C, durante toda a tarde. As palavras eram lidas por dona Dalva, as quais eu retirava de seu caderno e digitava em guató e português, conforme estavam dispostas em seu material. Dona Dalva falava palavra por palavra em Guató e descrevia seu significado em português. Nem foi cogitado que eu levasse

seu material para continuar a digitação em casa, o que foi bom, pois cada palavra digitada era explicada por ela e aplicado seu significado, o que foi importante para confiabilidade dessa pesquisa. Afinal, apesar de ela não ser falante Guató, sua vivência com o povo deu a ela a sabedoria que ela possui em seu discurso.

Figura 51: Dona Dalva e eu, na sua casa em Corumbá/MS.



Fonte: Danielle Urt Mansur Bumlai, 2019.

No quarto dia com dona Dalva, continuamos na letra C, que havíamos parado no dia anterior, pois ela estava cansada e precisava descansar um pouco. Ela passa seus dias na cama ou em uma cadeira de rodas devido a um problema de coluna, tem muitas dores, mas não reclama de nada, agradece a vida que tem, sua paixão pelos netos e por seu Severo, a todo momento. Mulher forte e guerreira, nada consegue abatê-la. Nesse dia dona Dalva recebeu em sua casa a visita de Rideel, um índio Guató vindo de Mato Grosso, da Terra Indígena Baía dos Guató. Conheceram-se pela *internet*, no *facebook*, e combinaram que ele viria até Corumbá para conhecer seus conterrâneos. Rideel não vai até sua aldeia no Mato Grosso há 3 anos, sua mãe é liderança lá. Ele contou que tudo lá é muito precário, que a escola é de madeira, apenas uma sala e que não funciona direito, disse que ninguém fala a língua por lá, e que existem muitas lutas por terra com os fazendeiros. Dona Dalva o acolheu e combinaram que iria até a Aldeia, quando eles fossem subir, no final das férias escolares. Durante esse dia, a coleta não foi extensa, devido à presença de outra pessoa na casa. Na realidade, a cada dia aprendia mais sobre a realidade do Guató e a não existência de falantes.

Nos dias seguintes, continuamos com a digitação, levava a cada ida um agrado para dona Dalva. Às vezes ia na parte da manhã ou pela tarde, outras ficava o dia todo com ela, tomávamos café, almoçávamos, fazíamos pipoca e desenvolvíamos nosso trabalho. Como sua casa é bem movimentada com a presença constante e diária de seus filhos e netos – moram todos juntos na casa, nem sempre desenvolvíamos como o pretendido, mas as conversas somavam muito com nossa pesquisa, como foi o caso da nossa conversa com Zaqueu – filho de dona Dalva e seu Severo e sua esposa Elenir, ambos professores na escola. Segundo Zaqueu, ele e outros professores indígenas querem propor uma nova ortografia, como por exemplo a troca da consoante y pela vogal i. Dona Dalva não concorda, pois questiona como irá saber se a palavra tem som forte ou não, sendo o y indicativo de mais alto e o i, indicativo de mais baixo. Aliás, faz questão de lembrar sempre que o Guató é uma língua tonal. Isso rendeu conversa para a manhã toda. Almocei a convite de dona Dalva e fui embora ao fim do dia, quando já havia escurecido. Combinamos que depois que tudo estivesse documentado, eu iria até a aldeia para fazermos essa discussão e assim encontrássemos a melhor forma para definir uma nova ortografia da língua, assim os registros feitos por dona Dalva estariam de acordo com os propostos pelos professores e pela comunidade, pois seu objetivo é que seja utilizado na escola, como suporte nas aulas de língua étnica.

No dia 1º de julho já estávamos na letra P de seu material, faltava pouco para dona Dalva voltar para sua comunidade e precisávamos nos apressar. Assim foi e no dia 5 de julho finalizamos a digitação de todo seu material e, de acordo com ela, ainda existem outros cadernos com anotações preciosas da língua. Combinamos nosso próximo encontro em outubro, quando ela volta para a cidade. Não foi possível digitalizar o material digitado nesse primeiro campo com dona Dalva, ficou para o próximo encontro.

No dia 6 de julho, fui à casa de dona Dalva para me despedir, pois ela estava voltando para a comunidade no finalzinho da tarde, de barco freteiro. Levei de presente para ela um caderno encapado por mim com todo o carinho, dentro de uma bolsa de crochê. E nas palavras dela “Eu Amei”. Abraçamo-nos e dissemos palavras de carinho e assim nos despedimos dessas incríveis três semanas quando estivemos juntas. Muita sabedoria!

Figura 52: Dona Dalva, sua netinha e eu. Corumbá/MS.



Fonte: Danielle Urt Mansur Bumlai, 2019.

Os meses passaram e Dona Dalva estava de volta em outubro, e como havíamos combinado, voltei a sua casa para darmos continuidade ao nosso trabalho. Nesse intervalo, ela me ligou do telefone da Aldeia (Figura 53) para avisar de sua chegada. Esse telefone, atualmente, não funciona mais, pois foi desativado no fim de 2019.

Figura 53: Orelhão na Aldeia Uberaba.



Fonte: Danielle Urt Mansur Bumlai, 2019.

Essa ida de dona Dalva para Corumbá foi de uma semana e, durante esse tempo em que estava na cidade, fui cinco dias em sua casa para continuarmos nosso trabalho. Levei comigo uma impressora com scanner, notebook, celular, filmadora e extensão com fio de 3

metros. Geralmente dona Dalva fica na porta da casa de sua filha, que mora ao lado da casa dela, isso dificulta a coleta de materiais, pois todos que passam param para cumprimentá-la e conversar algo, então nesse momento o trabalho é interrompido e acontece uma dificuldade para retornar e continuar de onde paramos.

Mesmo com alguma dificuldade, o objetivo dessa etapa foi alcançado: nessas idas a sua casa, fizemos a documentação do material, que havia sido coletado na primeira fase da pesquisa, por meio do escaneamento de página por página, incluindo a capa e contracapa do caderno. Além disso, foram digitalizadas as páginas de uma revista com a história de luta pelo seu território, narrada por dona Dalva e seu Severo.

Agora sim estávamos com o material completo para seguirmos nossos estudos, pois a digitalização é parte documental dessa pesquisa, lembrando que todo o material que será analisado foi escrito a mão e coletado com os últimos falantes por uma Guató, sendo de valor inestimável e de grande importância para a revitalização de uma língua quase que em extinção.

Conforme ANEXO 01, a Revista Metrópole de outubro de 2006, nº 87, Campo Grande-MS, traz como matéria de capa “O renascimento Guató: A história de um dos últimos povos canoeiros do Pantanal” e retrata sua história traçando uma linha até o ano de 2006. De acordo com a matéria, os Guató naquela época possuíam população de 230 habitantes localizados na Ilha Ínsua, divisa da Bolívia com Mato Grosso, distante a 350 km do município de Corumbá, no Mato Grosso do Sul, local acessível somente por barco ou avião.

Seu Severo, à época cacique, relata sua adolescência e o processo de saída da Ilha, juntamente com a família, no ano de 1951. Conta os conflitos entre os índios e os fazendeiros, que foram forçados a deixarem seu território, ocorrendo, dessa forma, sua dispersão nos arredores de Corumbá e Cáceres, seu renascimento e sua luta juntamente com sua esposa, Dalva Maria. Esse período foi muito difícil para ambos, com quase 10 anos de luta até serem reconhecidos como indígenas pelas autoridades.

São relatados sua cultura e seu modo de viver, a construção das casas, do Posto de Saúde, o nascimento da Escola na aldeia e as dificuldades de encontrarem professores para lecionarem, pelo fato de estarem isolados e distantes de tudo. Seu Severo e dona Dalva foram os maiores incentivadores para que ocorresse a implantação da Escola na Aldeia, que pudesse abranger crianças, jovens e adultos. Outro fato destacado da matéria é a respeito da religião cristã adotada dentro da aldeia.

CAPÍTULO 3

REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO

Neste capítulo, apresentaremos as questões teóricas que orientaram as análises realizadas e as teorias que embasaram nossa metodologia.

Como os objetivos desta pesquisa implicavam na interconexão entre áreas do saber, o enfoque teórico foi embasado em diferentes áreas de conhecimento. Ainda que utilizamos de outras teorias, nos guiamos pelos aportes teóricos da Terminologia Etnográfica proposta por Fargetti (2018a) em especial às línguas indígenas brasileiras, que fazem parte das pesquisas de Fargetti (2018a) há mais de trinta anos e fundamentamos nas Ciências do Léxico: Lexicologia, Lexicografia, Terminologia, Terminografia, mas especificamente na Metalexigrafia para analisar o campo lexical investigado, adotando como pressupostos teóricos Biderman (1981, 1984, 1996, 1998a, 1998b, 1998c, 1998d, 1999, 2001 e 2003), Oliveira e Isquerdo (1998, 2011), Haensch(1982), Welker (2004), Porto Dapena (2002), Wiegand (2001).

Levando em consideração o cenário crítico no qual se apresenta a língua Guató, e o material de valor inestimável faremos uma análise metalexigráfica acerca do material produzido por dona Dalva, e uma edição *fac-símile*, com vistas para sua publicação. O aporte teórico da metalexigrafia se fez necessário, com o intuito de saber como chamar essa obra, cientificamente, para que assim possamos alcançar os objetivos propostos e registrar dados que contribuam para sua documentação e revitalização. A seguir falaremos das Ciências do Léxico para em seguida tratarmos da Terminologia Etnográfica.

Para o estudo do léxico de uma língua é fundamental entender a relação existente entre língua e cultura, especialmente quando se trata de culturas e línguas tão diferentes das nossas, como explica Fargetti (2018a), sendo o léxico o maior representante da cultura de um povo, pois a nomenclatura e classificação de tudo que se pode estabelecer relações são e estão armazenadas no léxico.

Sapir (1969) destaca que o léxico de uma língua está intimamente ligado à percepção de realidade utilizada pela comunidade, pois toda classificação léxica de uma comunidade compreende as informações de seu ambiente. Assim, Oliveira e Isquerdo (1998, p.7) descrevem que “na medida em que o léxico recorta realidades de mundo, define, também, fatos de cultura.”

Desse modo, o léxico de uma língua revela o modo de viver de um povo, sendo por meio dele que o indivíduo dá nome às coisas que o cercam, cada palavra ou frase possuem diversos elementos de interpretação que se materializam no léxico. Como reitera Biderman (1998, p.12) “o léxico de uma língua registra o conhecimento que o indivíduo tem do Universo...e esse processo de nomeação que gerou e gera o léxico das línguas naturais.”

À parte dessas questões, na década de 50, os linguistas começaram a considerar os aspectos sociais da linguagem nos estudos lexicais. Dentre eles, Matoré (1953) instituiu a lexicologia social, que considerava a palavra como parte de uma estrutura social. Baseando-se em Matoré (1953), Biderman (1981) destacou que as unidades lexicais de uma língua são portadoras de significado e refletem os diferentes momentos da história, podendo encontrar no léxico o patrimônio social de uma comunidade.

Para que estudos acerca do léxico de uma língua pudessem ser tratados cientificamente, foram criadas as Ciências do Léxico, as quais se dividiram em: Lexicologia, Lexicografia, Terminologia e Terminografia. Todas essas ciências, apesar de modos distintos, cada qual com seu recorte, fazem um imbricamento entre si, se complementando em suas análises e fazeres acerca de dicionários e se unem pelo princípio da interdisciplinaridade, conforme ressalta Barbosa (1992).

A lexicologia, como expõe Biderman (1984), possui objetivos teóricos e questionadores, sobre o que é o léxico de uma língua, como ela se estrutura, e como é seu comportamento gramatical, se ocupando com o estudo científico do léxico.

Em concordância com as definições citadas, Oliveira e Isquero ratificam que a “lexicologia se ocupa dos problemas teóricos que embasam o estudo científico do léxico” (OLIVEIRA e ISQUERO, 2011, p.11). Silva (2013) contribui para o debate e considera que todo estudo referente ao léxico e que não esteja integrado a um dicionário equivalerá somente à esfera da lexicologia.

Vimos com isso que a Lexicologia estuda o léxico de uma língua cientificamente, a fim de determinar sua filiação, seu formato, seu significado. Apesar de todos os conceitos, o léxico de uma língua é imensurável e impossível de se definir com exatidão, pois é realizado de língua para língua, não existindo um conceito linguístico único e definitivo para *palavra*. (BIDERMAN, 2001).

Muitas são as discussões em torno dos diversos significados do termo *palavra*. Desde tempos remotos, até hoje no século XXI, o tema é abordado e discutido por muitos. Quando a pergunta surge sobre o tema *palavra*, as respostas são as mais inusitadas possíveis, tanto as dadas pelos estudiosos de línguas quanto pelos não estudiosos, e de nenhum lado se chegou a uma definição única e precisa.

Foi considerado pertinente para esse estudo a abordagem sobre o termo *palavra*, baseado na Lexicologia e Lexicografia, e os aspectos macroestruturais e microestruturais de um dicionário, para analisar a forma como o autor da obra analisada neste estudo aborda tais aspectos.

Porto Dapena (2002, p.134) questiona se devemos ou não partir da unidade *palavra* para iniciar uma análise em um dicionário, já que não existe um conceito definido, único, sobre *palavra*, e acaba por considerar a *palavra* como uma problemática para a qual talvez nunca se encontre resposta, pois esta se refere à base da descrição lexicográfica. Segundo Porto Dapena (2002,p.136), essas questões, embora sejam de natureza geral,isto é, algo que deve ser resolvido em todo dicionário, são de caráter seletivo, devendo partir do lexicógrafo que terá que escolher, de acordo com determinados critérios, as unidades lexicais necessárias para dar informações em sua obra e quais *palavras* farão parte do todo. O autor questiona se a *palavra* seria mesmo objeto de descrição linguística e reflete sobre ser normal aceitar a *palavra* como base dessa descrição, questionando sobre o que fazer nos dicionários com as unidades lexicais menores ou mais complexas do que uma *palavra*.

Conceituar *palavra* é um problema complexo em Linguística, e Biderman (1999) aponta que existem alguns critérios para delimitá-la, como: fonológico, sintático e semântico. O critério fonológico leva em consideração uma realização fônica entre silêncio ou pausa, e o acento é o elemento que contribui na identificação da unidade. O critério sintático considera a organização dos elementos na sentença, ou seja, a função gramatical desempenhada pela palavra e classe gramatical, e o critério semântico, o qual se baseia no significado de cada unidade, e é do meio desse critério semântico que a utilização de um termo irá corresponder a um sentido completo.

Nesse contexto, Porto Dapena (2002) define palavra como unidade linguística e aplica três conceitos para *palavra*: 1. Palavra gráfica, definido por um conjunto de letras delimitado por dois espaços em branco, porém, de acordo com o autor, a separação ortográfica da palavra nem sempre coincide com a fonológica, pois as palavras não são conhecidas pela grafia, mas sim pelo som, quando se aprende a escrever é que se adquire consciência da palavra, e conforme segue o autor, em espanhol, a *palavra* é apresentada como unidade de acentuação, isto é, um conjunto de sílabas em torno de um acento, porém, faltam dados fonéticos, gramaticais e semânticos para definir exatamente; 2. Palavra fonológica: São os menores pedaços do discurso atribuídos a uma categoria léxico-gramatical: substantivo, adjetivo, verbo etc.; 3. Palavra léxico-gramatical: Unidade abstrata pertencente ao sistema da língua com as quais identificam todas as formas ou variantes pertencentes a um único paradigma de flexão, ou seja, variadas formas de palavras no discurso.

Cabe lembrar o conceito de Mattoso Câmara Jr. (1969, p.35) sobre Palavra fonológica, pois foi o pioneiro na distinção, o qual conceitua e as diferencia com relação ao acento (com ou sem). Ele considera uma pauta prosódica apresentada em termos de algarismos, utilizando

3 e 2 para acentos fortes, 1 para pretônica e 0 para átonas após o acento. Evidenciando que na língua portuguesa o “vocábulo fonológico dependa da força de emissão das suas sílabas”. Essa força de acordo com o autor possui o nome de acento, dessa forma, Mattoso Câmara Jr. (1975, p.38) aponta que o “vocábulo fonológico é uma entidade prosódica, caracterizada por um acento e dois graus de tonicidade possíveis, antes e depois do acento. Corresponde no plano mórfico a forma livre de Bloomfield.”

Biderman (1998a), salienta que os processos de categorização são específicos de cada língua, pois as categorias lexicais variam de língua para língua, e existe uma norma estabelecida pela tradição lexicográfica de cada língua.

Pode-se verificar, conforme se refere Porto Dapena (2002), que a *palavra* é indispensável na nossa tradição linguística, compreendendo que não existe um único conceito de *palavra*, que é realmente inesgotável e que basta uma língua estar viva para que o léxico se renove a cada segundo.

3.1 Lexicografia e a Metalexigrafia

As palavras ou vocábulos são unidades de vocabulários e precisam ser analisadas. Assim trazemos a Lexicografia como ciência que estuda os dicionários, conforme explica Biderman (1998a, p.15); a autora aponta que o objeto principal dessa ciência é analisar o significado das palavras. Haensch (1982) reflete e considera que essa ciência lexicográfica está diretamente associada à elaboração de dicionários. Com outro ponto de vista, Welker (2004) vai além e acrescenta a problemática atrelada a essa ciência ao elaborar dicionários, ao analisar, ao pesquisar a história da lexicografia e ao seu uso e aos tipos de dicionários, agregando o conceito da metalexigrafia. Desse modo, Welker (2006c) relaciona a metalexigrafia ao estudo relacionado à construção de dicionários, e tudo o que o envolve, com discussões e análises em todas as suas proporções. Wiegand (2001), em concordância com Welker (2006a), destaca que, na teoria lexicográfica, os termos e conceitos devem estar nitidamente marcados, pelo fato de ser um elemento de uso e expõe que para isso é preciso ter alguns questionamentos acerca de por quem será utilizada a obra e em quais situações será seu uso, pois é preciso preocupar-se diretamente com seu usuário.

Porto Dapena (2002), em seu *Manual de Técnica Lexicográfica*, aponta, em conformidade com os autores citados, que a metalexigrafia, ou teoria lexicográfica, apresenta o dicionário como objeto de estudo e que a partir desse objeto é possível realizar análises críticas e reflexões sobre ele. Esses estudos contribuem para o fazer lexicográfico.

Portanto, para a realização da análise desta pesquisa, nos apoiamos no aporte teórico do conceito da metalexigrafia, apresentado pelos estudos citados, pelos quais se tem o dicionário como objeto de estudo e análise. Para nossa análise, alguns questionamentos acerca do material coletado foram levantados, porém na tese não serão respondidos todos, ficando outras questões em aberto, para trabalhos futuros.

3.2 Terminologia e Terminologia Etnográfica

A Terminologia trata o léxico de uma língua de forma específica, e segundo Cabré (1993), Krieger e Finatto (2004), Finatto (2014), abrange a construção de dicionários técnico-científicos, glossários, e banco de dados terminológicos, sendo criados textos especializados de modo geral. De acordo com Krieger e Finatto (2004, p.16), esse perfil de comunicação possui singularidades, como “precisão, objetividade e o uso sistemático de termos técnico-científicos, e costuma também ser identificada como língua para fins específicos (Language for Specific Purpose, LSP), tecnoleto, entre outras denominações”.

Finatto (2014) define Terminologia como Ciência que investiga o termo e tem como foco o tema ou léxico especializado conectado ao sistema linguístico; de acordo com a autora, os fins são apontados na Terminografia, que se concretizam na produção de glossários, dicionários para diferentes realizações etc., e versa sobre a relevância de estudos terminológicos, e retrata como esses estudos têm estimulado muitas pesquisas relacionadas aos textos especializados. Cabré (1993) destaca que cada especialidade irá auxiliar denominar e conceituar, explicando dessa forma o sentido da Terminologia como representação da organização do conceito de uma determinada especialidade e um meio efetivo de se expressar e de se comunicar profissionalmente.

Fargetti (2018a) aponta que, para realizar um trabalho com o léxico de línguas minoritárias, é preciso um diálogo com outros especialistas, e a Terminologia faz esse diálogo, pois os terminólogos dialogam com outras ciências.

Foi pensando dessa forma que Fargetti (2018a) propôs uma abordagem teórico-metodológica para os estudos do léxico especializado, com foco nas línguas indígenas, considerando que, para se obter terminologias bem elaboradas, deve-se lançar mão da etnografia, propondo, desse modo, a Terminologia Etnográfica, tendo em mente os pressupostos da etnografia, não partindo de um conhecimento preestabelecido, mas, sim, compreendendo a língua do outro em sua própria cultura; assim, para diferentes teorias, se fazem necessárias diferentes metodologias.

Desde o início da pesquisa, o que embasou a metodologia foram os passos construídos na Terminologia Etnográfica pela Profa Cristina Fargetti (2018a), sobretudo na relação de contatos com indígenas, o trato com o conhecimento, que não é um conhecimento da cultura ocidental. Fargetti descreve em seus estudos que não existem metodologias para se trabalhar com os conhecimentos que não sejam o que se considera ciência.

Cabe frisar que todos os passos de nossa pesquisa procuraram seguir os métodos postulados pela Terminologia Etnográfica, por buscarmos sempre o diálogo, o trabalho etnográfico. Ele se estende para a Metalexigrafia, ao continuarmos focalizando a relação língua e cultura, aos termos o trabalho de dona Dalva como um saber construído por uma indígena. Isso faz questionar, junto com Fargetti (2018a), a afirmação de que Ciência é algo fixo, universalmente, pois, ao ampliar a noção de Ciência, assumem-se como possíveis saberes construídos, como o de dona Dalva. E qual seria esse saber? O trabalho etnográfico e o levantamento bibliográfico sobre a língua podem dizer.

É necessário esclarecer que, após as modificações ocorridas nesta pesquisa, apesar de não trabalharmos diretamente com termos, ou seja, com uma parte especializada do léxico, nos servimos da Terminologia Etnográfica em dois aspectos: 1º nas primeiras etapas do projeto, contato com indígenas, o respeitar a cultura do outro, olhar sempre com os olhos do outro e não impor sua cultura; 2º acreditar que não existe uma única ciência e sim ciências. É isso que está sendo feito nesta pesquisa, tudo que está por trás, o conhecimento, como chegar a isso, os passos, e como tratar a língua do outro, como tratar o conhecimento de um indígena como científico, pois a partir do momento que você olha para uma obra indígena, escrita por uma índia, na língua dela, e fala-se é um dicionário, se é uma lista, um vocabulário, você está olhando para aquilo como uma ciência, com conhecimento.

Todos os passos dados por Fargetti (2018a) foram seguidos até o término da coleta, inclusive porque o projeto inicial era trabalhar com termos da culinária com a produção de verbetes, mas como o projeto se alterou, o passo final precisou ser alterado, sendo substituído por uma análise metalexigráfica do material coletado por dona Dalva, como relatado.

Fargetti (2018a) assume a Teoria Comunicativa da Terminologia (TCT) de Cabré (1999), mas vai além do universal proposto por Cabré, propondo a existência de Ciências diferentes como a diversidade existente, em um diálogo entre língua e cultura, pois conforme descreve, ao mesmo tempo em que todos somos um, somos diversos e é essa diversidade que nos define e não a universalidade, pois somos diferentes na relação com o meio em que vivemos, o qual é o retrato da nossa verdadeira cultura. A esse processo teórico-metodológico, Fargetti (2018a) denomina de “Terminologia Etnográfica”, o qual relaciona a

Teoria Comunicativa da Terminologia (TCT) elaborada por Cabré (1999) e a Etnografia, relacionando a Linguística e a Antropologia.

É necessária uma metodologia específica para coleta de dados com povos indígenas, conforme relata Fargetti (2018a). A autora apresenta o acolhimento dos saberes indígenas como Ciências específicas e ressalta que tais conhecimentos precisam ser registrados, pois a maioria das coletas tem como objetivo apenas a análise estrutural da língua, ficando uma lacuna com muitos pontos de interrogação. Para que isso não aconteça, Fargetti considera ser imperativo pensar língua e cultura juntos, a fim de que haja uma documentação que sirva tanto para a academia quanto para os futuros falantes da língua, preservando o conhecimento de toda uma história e contribuindo para a sua revitalização.

Para que esta pesquisa alcançasse os objetivos propostos, o diálogo com a cultura e sensibilidade no contato humano foram alguns dos pontos essenciais e Fargetti (2018a) acrescenta que nada pode ser melhor que uma boa conversa, pois é através dela que se revela a cultura, a sociedade, a língua de um povo, de tal modo, que se poderá chegar a um melhor entendimento do que as palavras significam para aquela cultura, pois será levada em consideração a cultura, a sociedade, porque é dentro dela que a língua está inserida e afirma que é fundamental documentar os termos específicos e que contenham informações suficientes, para ser comparados a outras línguas e culturas, como forma de registro para futuras gerações e para que se possa aprender/entender processos e classificações próprias da cultura indígena.

Desse modo, entendemos que na terminologia trabalha-se com uma ciência específica, por exemplo, faria terminologia com os termos da culinária, com os termos de pesca, que é uma área específica de conhecimento. Agora, numa obra em que se tem diversas áreas, o que está sendo trabalhado é o léxico geral da língua, não está fixado em uma área específica, mas o conhecimento específico de termos de áreas específicas contribui para os dicionários de língua, dicionários gerais, por isso, de acordo com Fargetti, essas duas áreas Terminologia e Lexicologia se imbricam.

CAPÍTULO 4
ANÁLISE METALEXICOGRÁFICA DA OBRA INDIGENA GUATÓ

Figura 54: Dona Dalva e seu Severo no Porto Geral de Corumbá/MS.



Fonte: Danielle Urt Mansur Bumlai, 2021.

Este 4ª capítulo apresenta uma análise metalexiconográfica do corpus coletado com autoria de dona Dalva, cujo nome em Guató é <Matojárho> <Flor selvagem>. Para essa análise, os dados do corpus foram comparados com o material de estudo de Palácio (1984) e Postigo (2009).

Dona Dalva é uma senhora de 74 anos, nascida no dia 16 de outubro de 1947, casada com seu Severo, 81 anos, nascido no dia 15 de outubro de 1940. Seu Severo é índio Guató e antiga liderança da Aldeia Uberaba (por mais de 20 anos), na Terra Indígena Guató.

Filha de mãe negra e pai descendente de índios Aimorés de Minas Gerais. Nasceu na Amazônia e mudou-se para Corumbá ainda adolescente. O fato dela ter descendência indígena pouco definida (Aimorés de Minas Gerais) também é muito relevante, pois sua atenção foi voltada para questões latentes que ela sabia que estavam dentro de si mesma.

Casou-se com seu Severo e estão juntos por mais de cinquenta anos. Desde então, dona Dalva se identifica como índia Guató - com documento de reconhecimento de etnia Guató-. Uma mulher de estatura baixa, com cabelos grisalhos presos por um coque no meio da cabeça, de um sorriso encantador, com olhos atentos, e voz firme. Mulher de fibra, curiosa e de coração gigantesco!

Curiosa, apaixonada pela língua Guató e o contato direto e diário com os últimos falantes foram motivadores que impulsionaram os seus estudos e com isso a dedicação de uma inteira, estendendo-se até hoje. Dona Dalva sempre possuiu e possui uma imensa vontade de contribuir com seu povo e fortalecer sua cultura e identidade, isso a levou a documentação do léxico da língua em seu caderno. Contou-nos que montou seu caderno pensando em colaborar com a escola, pensando sempre nas crianças e em seus netos, para que eles aprendam seu idioma e reconheçam sua cultura e assim possam transmitir para as futuras gerações, para isso “é preciso começar pelas famílias da comunidade.”

A coleta de dados de Dona Dalva aconteceu com três falantes que já não vivem mais: seu João Quirino de Carvalho, que viveu até os 116 anos e morou com eles os últimos dez anos de sua vida, era tio-avô de seu Severo; dona Francisquinha – mãe de seu Severo; e seu Veridiano, todos fluentes em Guató, considerados por ela bilíngues em guató e português, e de acordo com dona Dalva, falavam mais em Guató do que em português e não possuíam nenhum grau de escolaridade. Seu João Quirino, dona Francisquinha e seu Veridiano foram acolhidos em sua casa na Aldeia, quando já estavam idosos e lá permaneceram até seus últimos dias.

Com esse convívio diário, escutando e participando das conversas em Guató, dona Dalva iniciou sua pesquisa e selecionou os materiais que já existiam do léxico Guató, e eram

conhecidos por ela, como os de Schmdit (1942b) e Palácio (1984), ambos serviram para embasar seu estudo. As palavras em Guató coletadas por ela foram revisadas por seu João Quirino e dona Francisquinha, porém ela ressalta que eles eram analfabetos, não sabiam ler, então a técnica que ela encontrou era repetir a palavra várias vezes juntamente com eles até que sua pronúncia estivesse correta, daí ela transcrevia para seu caderno. Após transcrever ela lia e eles repetiam, para confirmar se estava correto a sua escrita. Essa técnica encontrada por dona Dalva foi explicada por Hinton e Hale (2001) no *Green Book of Language Revitalization in Practice*, livro sobre técnicas para realizar uma revitalização linguística de uma língua com seus últimos falantes. Dona Dalva, sem saber, estava realizando um processo de revitalização linguística. Desse modo, foi desenvolvendo esse material lexical dia após dia, e como ela conta “foram anos incríveis de sua vida, pois cada palavra era descrita por eles com seu significado, carregado de muita cultura e sabedoria da qual ela sente muita falta...”

Desde o início de nossa coleta dona Dalva e eu nos sentávamos com seu caderno e ela soletrava palavra por palavra as quais eu digitava em português em Guató, conforme estavam dispostas em seu material. Ela falava palavra por palavra em Guató e descrevia seu significado em português, como aprendeu e conforme os falantes e a cultura de seu povo.

A digitalização da documentação desse material ocorreu somente no final de todo o processo de digitação. Portanto, é interessante observar a quantidade de tempo necessária para que dona Dalva pudesse confiar em alguém para compartilhar e entregar um tesouro tão precioso como seu caderno e com ele toda sua história de vida.

Muitos pesquisadores já solicitaram tal material, porém Dona Dalva sempre disse que esse material era pessoal, como um diário e que seu sonho era publicar um livro sobre a história dela, com tudo sobre os Guató. A vivência na ilha Ínsua e a convicência diária com os Guató deu-lhe a sabedoria que ela possui em seu discurso.

O material registrado está em português com equivalência em Guató e foi feito com o objetivo, de acordo com a autora, de ser utilizado na escola que fica na Aldeia e por todos que vivem na comunidade, para que a língua pudesse estar sempre viva, pois com a “partida” dos últimos falantes o risco de serem esquecidos multiplicaria, e nas palavras exatas dela “o que seria do povo sem sua língua.”

A autora explicou que cada palavra coletada possui seu significado na língua e, que foi dado pelos seus colaboradores e confirmado por ela nos anos de convívio com seu povo. Ela explica que houve uma preocupação com as questões semânticas dispostas no seu material, para que os usuários pudessem compreender de forma clara palavra por palavra.

A maioria das palavras registradas possuem um único equivalente, mas se não existe sinonímia perfeita, como foi dado um equivalente único? A autora respondeu que pelo fato de o português estar enraizado na língua Guató, os falantes não tinham dúvida sobre o seu significado, ficando mais simples dar um sinônimo para cada palavra, o que diferenciava era a sabedoria que eles possuíam. Após, cada registro, ela comparava com o material que possuía em mãos, mas que na maioria das vezes o registro era confirmado por ela mesma, por meio do método de repetição que fazia junto aos falantes.

A obra de dona Dalva foi classificada por Balykova (2019, p.5) como “um vasto vocabulário Guató – Português”. Vocabulário são vocábulos ou palavras cada qual com seu significado, diante disso, qual termo utilizarmos para definir esse vasto vocabulário? É uma tentativa de dicionário geral da língua? É um dicionário ou não? É um vocabulário? Um glossário? Uma lista? Para classificarmos essa obra foi necessário o aporte das Ciências do Léxico.

Conforme Biderman (1998a, p.17), o dicionário de uma língua busca “registrar e definir os signos lexicais que referem os conceitos elaborados e cristalizados na cultura”; a autora define o dicionarista como “porta voz da comunidade linguística.” (BIDERMAN, 1998a, p.19). Em consonância com Biderman, as autoras Bevilacqua e Finato (2006, p. 45) consideram o dicionário como “um tipo de repositório ou de registro de todo um patrimônio sociocultural configurado pela língua” e Krieger (2007, p. 71) expõe que o dicionário é “[...] um lugar privilegiado de lições sobre a língua”.

Desse modo, conforme as autoras citadas, entendemos que o dicionário registra a cultura e todo patrimônio linguístico de seu povo. Mas, o que uma obra precisa ter para ser considerada um dicionário?

De forma geral, conforme aborda Weirinch (1979), a obra lexicográfica possui três elementos vinculados entre si, como um corpus, uma percepção de língua e gramática e uma descrição de significado, o que solidifica o resultado do trabalho lexicográfico em diferentes tipos de dicionários, de modo que possam suprir as necessidades do usuário. Tudo vai depender também da finalidade para a qual o dicionário se destina e da maneira como é feito o registro das variações pelas quais a língua passa ao longo do tempo.

De acordo com Seki (2012, p.14-15), os dicionários “constituem parte da investigação e documentação da língua e da cultura da qual a língua faz parte”.

O aparecimento dos primeiros vocabulários bilíngues, como descreve Hwang (2010), teve como objetivo promover o estudo de uma língua estrangeira, apresentando uma nomenclatura composta essencialmente de palavras com dificuldades de tradução de uma

língua para outra. Welker (2004) esclarece ser imprescindível o uso dos equivalentes nos dicionários bilíngues, pois dessas informações irão ocorrer inúmeras outras que determinarão tanto o que vai constar da estrutura do verbete, quanto da sua organização. No que diz respeito às línguas indígenas, Seki relata que é dispensável tecer comentários relacionados a praticidade de dicionários bilíngues “se considerarmos a situação de perigo em que as mesmas se encontram” (SEKI,2012, p.15).

Com relação à estrutura dos dicionários, são considerados os aspectos macroestruturais e microestruturais. Da microestrutura, de acordo com Haensch (1982), fazem parte os fatores fonológicos, morfológicos, semânticos e pragmáticos, e define a macroestrutura como o conjunto total de palavras-entradas de uma obra, ou seja, o total de itens lexicais ou lemas¹⁶ que compõem um dicionário.

O elemento mais importante da macroestrutura de um dicionário é a ordenação dos materiais léxicos, que podem ser por ordem alfabética, ordem alfabética inversa, por família de palavras, ou de acordo com um sistema conceitual, como aponta Haensch (1982). Com relação à organização da nomenclatura das unidades lexicográficas, Haensch (1982) assinala que estão no sentido semasiológico (da palavra ao conceito), e na ordem alfabética direta (de A a Z), na qual uma unidade pode agrupar, no corpo do seu verbete, outras unidades que possuem relação semântica entre si e aplica a frequência como critério principal para a escolha das entradas.

Béjoint (2004) observa que a macroestrutura é flexível, sendo possível adicionar ou subtrair uma entrada sem destruir a estrutura do dicionário e afirma que a elaboração de um dicionário se inicia pelas organizações das entradas, tais quais, por temas ou tópicos, cronologia e frequência. Nesse sentido, Welker (2004) complementa que, geralmente, escolhe-se como entrada a forma “básica” do lexema, como por exemplo, no caso dos verbos, usa-se o infinitivo e para os nomes, o singular e o masculino.

Segundo Porto Dapena (2002), essas questões embora sejam de natureza geral (isto é, algo que deve ser resolvido em todo dicionário), são de caráter seletivo, devendo partir do lexicógrafo, que terá que escolher, de acordo com determinados critérios, as unidades lexicais necessárias para dar informações em sua obra.

¹⁶ “Unidade léxica ideal que representa um paradigma de formas flexionadas. Essa unidade constitui típica entrada de um dicionário e representa todas as demais formas de paradigma. É, portanto, um lema.” (BIDERMAN, 1984)

Além dessas questões levantadas acerca de dicionários e levando em consideração que o material analisado trata de uma obra bilingue é preciso também discutir sobre equivalência em uma obra, pois como ressalta Welker (2004), os dicionários bilingues oferecem equivalência.

Apesar de algumas palavras do léxico Guató, encontradas na obra analisada, possuir equivalência com uma única palavra do português, existem outras que podem equivaler a vários elementos lexicais em português, como pode acontecer o contrário também, como por exemplo, a palavra ‘alho’ ‘madóru gatiaraia’ (um item lexical em português e dois em Guató) ou ‘abanos para mosquito’ ‘mapara’ (três itens lexicais em português e um em Guató. Silva (2013, p. 113) expõe que frequentemente o “lexicógrafo encontra equivalentes cuja relação com o lema é apenas parcial, até porque são raros os casos em que há apenas um lema e um equivalente.”

A partir das definições estudadas, pode-se compreender que há um intuito na confecção de um dicionário geral da língua Guató, idealizado por uma índia que sente na pele toda a sensibilidade de transpor para o futuro todo o seu conhecimento sobre a cultura de um povo, representada por uma língua (que está em perigo de extinção há muito tempo).

Tal obra está dividida na sua macroestrutura em ordem alfabética contendo 1.089 entradas (português-Guató); campos semânticos – alimentos (22); animais e bichos (39); árvores (29); aves e passáros (56); cor (10) quatro cores não possuem equivalência em Guató – roxo, rosa, verde, amarelo e verde; dias da semana (7); diversas (73); partes do corpo (116); frutas (25); peixes (29); vasilhas e utensílios (38); e números (mil). Na sua microestrutura a seleção das entradas foi feita de acordo com as palavras mais utilizadas do léxico Guató, sem exemplificações, porém sempre pensando no seu usuário com o objetivo de ser utilizado na escola da aldeia e por toda a comunidade. Tudo isso, sem a utilização de computador.

Ao pensarmos em elaborar ou definir um termo específico para denominar uma obra indígena, marcamos um momento tanto na história de um povo como para ciência, que passa a utilizá-lo nos estudos que seguirão a partir disso. Partindo desse ponto, Benvenites (1989, p. 252) declara que “Uma ciência só começa a existir e consegue se impor na medida em que faz existir e em que impõe seus conceitos, através de sua denominação.”

No contexto de sala de aula, quando os alunos são questionados nas aulas de língua portuguesa sobre o termo “Glossário” logo respondem que “são as palavras mais difíceis retiradas de um texto com seu significado para melhor esclarecimento e entendimento”, mas, sabemos que tecnicamente vai além dessa simples resposta.

Para Welker (2004, p.122) “elaborar uma boa definição é extremamente difícil”, pois toda definição demanda que o lexicógrafo possua conhecimento teórico-metodológico suficiente com relação a qual tipo de definição se adapta melhor, seja dicionário ou glossário, considerando o público-alvo relacionado a essa obra. Como afirma Barbosa (1990, p.53) é de suma importância “uma vez adotado um programa para uma obra lexicográfica, teremos que sustentá-lo ao longo de toda a obra, caso contrário, corremos o risco de empobrecer a qualidade da obra lexicográfica”.

Krieger e Finatto (2004, p. 143) definem glossário como uma coletânea de termos que não possuem uma pretensão de exaustividade, já Haensh (1982) explica que glossário é quando as glosas se apresentam em ordem alfabética ou sistemática no final de um texto. Nesse sentido Barbosa (2001) expõe que o glossário será um “dicionário de discurso” e não de língua.

Pode ser uma lista de palavras? As classificações acerca de listas de palavras, inicialmente conforme Borges e Lopes (2018, p.448) “são feitas com o propósito de registrar o léxico de uma comunidade linguística, geralmente de uma língua pouco conhecida...sendo breves em suas entradas e, com frequência, configurando o passo inicial para a documentação da língua de um povo.”

Não tivemos a oportunidade de realizar um encontro entre os professores indígenas, dona Dalva, professoras Cristina Fargetti e Adriana Postigo Paravisini, como havíamos pensado, com a finalidade de discutirmos esse material e organizarmos a melhor forma de aplicabilidade na escola e na comunidade, pois como já exposto, a pandemia de Covid-19 “interrompeu” o curso de nossa pesquisa. No entanto, acreditamos que esse material coletado e analisado, que futuramente será disponibilizado na íntegra em uma edição *fac-símile*, possa vir a contribuir com os estudos já existentes, ser um dispositivo e um incentivo para futuros pesquisadores.

Existem características nessa obra, como definição específica da área de pesca, o que nos leva a pensar que foi para a terminologia. Mas, é lexicologia ou terminologia? Os limites são tênues. Desse modo, seguiremos apresentando os estudos de Palácio (1989) e Postigo (2009).

Palácio (1984) denomina de Vocabulário os 436 lemas que ela apresenta de sua coleta, que estão dispostos em ordem alfabética; por campo semântico e números; específica a classe de palavras; e faz a marcação acerca de derivações no vocabulário apresentado. Esse “vocabulário” foi retirado dos exemplos coletados por ela em seu campo de pesquisa.

É um Vocabulário como denominado por ela? O que ela apresenta é um conjunto de palavras em forma de lista. De qualquer modo, o recorte da língua parece ser próximo ao de um dicionário, seguindo as discussões de Barbosa (2001), a microestrutura apresentada por Palácio (1984) é “limitada” ou, no mínimo, não exaustiva, isso pode ter sido pensando pela autora, no ponto de vista de seguir da condensação típica de um dicionário.

A questão morfológica tratada por Palácio (1984) no lema de uma língua moribunda como o Guató, é interessante se pensarmos na Lexicografia Pedagógica, o que vai depender do público-alvo a qual essa obra está direcionada, pois são questões apresentadas, geralmente, em dicionários completos da língua, ou dicionários etimológicos. A autora colocou *(asterisco) ** (asterisco) para os lemas substantivos para referir-se à prefixação, /s/ para substantivo, /vi/ para verbo intransitivo, apesar de pouca nota cultural, foi bem colocado.

Figura 55: Recorte dissertação Palácio (1984).

antecedidos por (*) flexionam-se pelo prefixo e- na tercei
ra pessoa do singular. Os temas substantivos precedidos
por (**) flexionam-se pelo prefixo nu-.

Fonte: Palácio (1984, p. 131)

Já Postigo (2009) no apêndice de seus estudos apresenta um vocabulário (termo usado pela autora) da língua Guató com 330 palavras em ordem numérica e alfabética (português), e transcrição fonológica (Guató), com palavras retiradas dos exemplos que foram utilizadas em sua dissertação.

Recorremos às obras, acima referidas, por considerarmos ser possível fazer análises comparativas dignas de nota, para que assim possamos somar a análise metalexográfica realizada na obra de dona Dalva e, por fim, organizá-la para publicação. Para tanto, selecionamos juntamente com a autora, alguns lemas que mais representam os Guató em sua cultura e identidade, tais quais: partes do corpo – boca; fenômenos naturais – sol, trovão e lua; animais – peixe, onça; verbos – ir (vamos), sentar-se; flor; casa e canoa.

Os critérios de seleção desses lemas foram feitos, não somente pela representação cultural e identitária, mas também: pela frequência que são utilizados na língua; por aparecerem, na maioria das vezes, no estudo das três autoras; por comprovarem a natureza aglutinante da língua; por todas as questões sintáticas que estão contidas na morfologia; e por fazer parte do léxico básico de uma língua (substantivos primários). Desse modo,

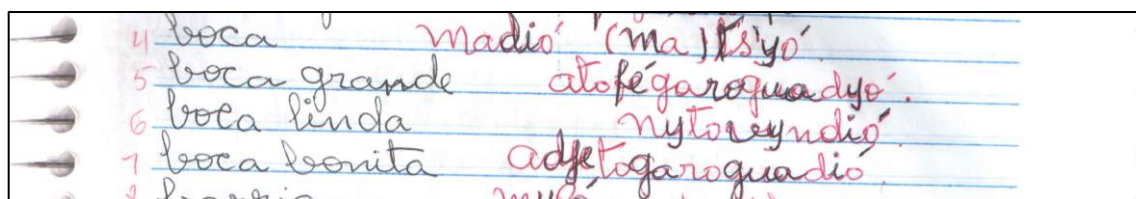
analisaremos, a seguir, as realizações concretas das entradas a fim de encontrá-las em Palácio (1984) e Postigo (2009).

Justifica-se, assim, a escolha das palavras, por verificarmos que nos dados de Dona Dalva, ela consegue demonstrar por meio desses lemas a natureza aglutinante, embora não tenha recebido um treinamento linguístico.

Dessa forma iniciamos a análise com o lema <boca>. <Boca> é um substantivo e precisa ser possuído na língua Guató. Dona Dalva aponta que o lema livre de Boca é <dyó>, sendo inalienável, pois precisa ser possuído sempre e isso está marcado nos estudos tanto de Palácio e Postigo como nos de dona Dalva.

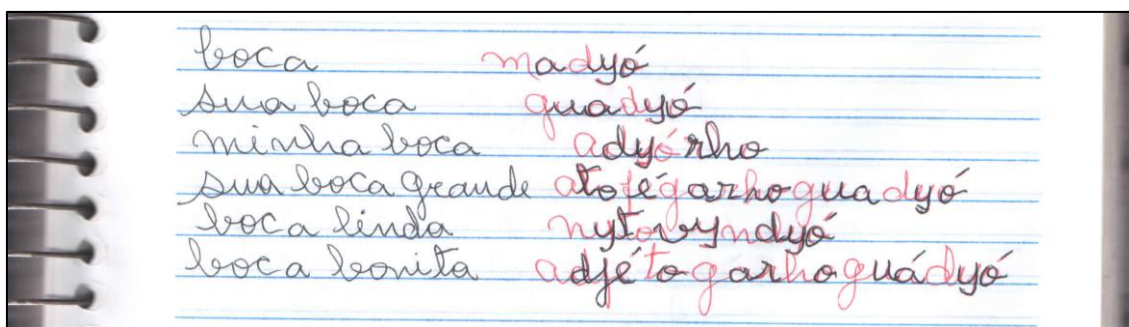
Na obra de dona Dalva, o item <Boca> aparece de duas formas: na primeira, por ordem alfabética, e na segunda, por campo semântico denominado como partes do corpo humano. Na primeira, a autora apresenta em Guató as referidas palavras com a vogal <i>, isso se justifica pelo fato dos professores da língua étnica quererem trocar o <y> pelo <i>, pois acreditam que essa mudança trará maior facilidade na escrita. Ela não concorda com essa mudança, e explica que isso dificultaria na fala, pois o <y> é uma vogal alta e é um dos denominadores do tom da língua. No lema <Boca linda> ela mescla o <y> com o <i> <nytovyndió>. Ela altera a palavra boca bonita com a perda da consoante h. colocar as palavras como exemplo trazer representação

Figura 56: Recorte do caderno de dona Dalva Maria de Souza Ferreira



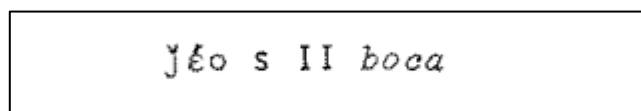
Fonte: dados de dona Dalva.

Na segunda, ela apresenta os itens lexicais com a vogal <y> e no caso de boca bonita ela modifica o tom e acrescenta a consoante r.

Figura 57: Recorte do caderno de Dona Dalva Maria de Souza Ferreira. Lema Boca

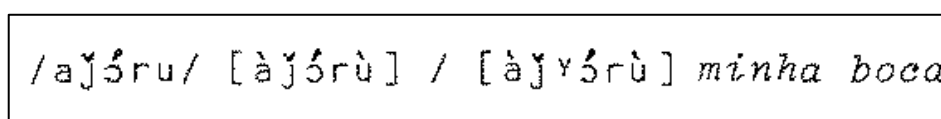
Fonte: dados de dona Dalva.

O lema <Boca> foi apresentado de outra forma no vocabulário por Palácio (1984). A altura fonológica da palavra, de acordo com Palácio (1984), é altamente proeminente na língua guató e a autora expõe que em seu trabalho foram utilizados o tom alto representado pelo acento /´/ e o baixo não foi marcado graficamente.

Figura 58: Recorte Dissertação Palácio (1984).

Fonte: Palácio (1984, p.137)

Porém, quando a autora explica em outra parte de seu estudo sobre o fonema /j/, encontramos <minha boca> descrito, conforme figura 59, entre barras transversais, colchete e a última colchete com a acréscimo do <y>, significando que existem três formas diferentes. Não sabemos explicar por que boca é /j^o/ (figura 58) e minha boca a autora usou <jó> ou <yó>, conforme <ajyoru>. Chegamos à hipótese que esse <y> pode representar a fala espaçada, lenta, e com isso passa a ser representado pela autora dessa forma. O interessante é porque Palácio (1984) coloca /j^o/ e /jo/. Seria um erro de digitação?

Figura 59: Recorte Dissertação Palácio.

Fonte: Palácio (1984, p.38)

O lema <Boca>, denominado por Postigo (2009, p.90), apresenta sua transcrição fonológica. Com relação à realização do acento, a autora interpretou “como previsível, sendo, portanto, fonético”. Postigo (2009, p.88) considera que em seus estudos apresentaram-se “tons pontuais[...], uma língua tonal possui processos fonológicos que abaixam um tom alto ou elevam um tom baixo, formando uma sequência prosódica harmoniosa.”

Reconhecemos neste nosso estudo que a marcação de tons por meio dos acentos tenha um valor fonológico imenso, sendo de grande valia na Dissertação de Postigo (2009). A transcrição utilizada por Postigo é técnica e cumpre com objetivos diferentes aos que Dona Dalva busca em seu dicionário. Por um lado, Postigo busca descrever de modo mais fidedigno possível, utilizando os símbolos do IPA (International Phonetic Alphabet). Trata-se de uma transcrição reconhecida mundialmente entre pesquisadores. Já a transcrição de Dona Dalva tem por objetivo o ensino escolar. Tais transcrições, portanto, são complementares e não excludentes entre si.

Outro apontamento de Postigo (2009, p.87) é que “O tom médio ocorre sempre contíguo a um tom alto, como variante do tom baixo em contexto com duas ou mais sílabas e os tons ascendente e descendente ocorrem apenas nos encontros vocálicos.”

Figura 60: Recorte Dissertação Postigo (2009).

51.	Boca	dʒiô
-----	------	------

Fonte: Schmidt (1905[1942]) apud Postigo (2009)

Essa questão apresentada por Postigo (2009) relacionada ao tom crescente e decrescente, foi registrada por Palácio (1984, p. 43) “Se os dois tons forem altos ou baixos, há uma assimilação e eles se realizariam-se como um único tom, alto ou baixo”, já nos estudos de dona Dalva o tom muitas vezes é marcado no lema, mas o fenômeno não foi explicado pela autora, a hipótese seria para facilitar a entoação da palavra (prosódia).

Os morfemas na obra de dona Dalva indicavam que o lema livre de <Boca> é <adyó>, e em Palácio (1984) também foi verificado o mesmo lema livre, o que diferencia do material de Castenaul (1851) apresentado por Postigo, 2009, na figura 61. Uma hipótese para tal indicação pode ser apontada como aférese, ocorrido pela mudança da língua pelos vários estágios de tempo que ocorreram a coleta de material. Pois, apesar de ser uma língua moribunda, no momento que ocorreu a coleta de dados desses autores, a língua possuía

falantes ativos, desse modo, ela ainda poderia sofrer mudanças e assim, ocasionar uma variação linguística.

Contudo, quando deparamos com o material citado na dissertação de Postigo (2009) e verificamos a mesma grafia, isso tornou inválida nossa hipótese inicial, pois somente seria uma aférese se acontecesse numa sincronia atual e não numa passada, porém em 1851 Castenaul já tinha conhecimento dessa forma. Em outra hipótese, Palácio e dona Dalva anotaram uma forma não padrão que era considerada informal pelos seus colaboradores.

A grafia de Postigo (2009) foi encontrada na lista apresentada pela autora em Castelnau (1851), e Schmidt (1905[1942]). Vale ressaltar aqui que somente a grafia é a mesma, não a acentuação gráfica, porque os acentos para as autoras acima representam tons e isso não foi representado por esses viajantes.

Figura 61: Recorte Dissertação Postigo (2009)

Boca	bouche	djio
------	--------	------

Fonte: Castelnau (1851) *apud* Postigo (2009)

Figura 62: Recorte Dissertação Postigo (2009)

5.	BOCA, mats'iõ C. djio V.N.127 its'i – orifício da viola
----	--

Fonte: Schmidt (1905[1942]) *apud* Postigo (2009)

Em Schmidt (1905[1942]) encontramos duas grafias (figuras 57), uma delas também parecida com a apresentada por dona Dalva, o que confirma os dados coletados por ela, que além dos colaboradores a autora fez sua coleta baseada em autores como Schmidt, dados informados por ela em nossa pesquisa de campo.

Figura 63: Recorte Dissertação Postigo (2009)

5.	BOCA, mats'iõ C. djio V.N.127 its'i – orifício da viola
----	--

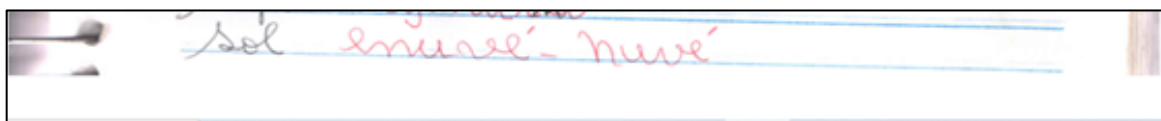
Fonte: Schmidt (1905[1942]) *apud* Postigo (2009)

Como comprovam os estágios de tempo da língua: Palácio (1984); dona Dalva (anos 90 até 2008 – aproximadamente, e até os dias atuais); Postigo (2009). O material que dona Dalva iniciou sua pesquisa aproxima-se mais da pesquisa de Palácio (1984), como indica o uso da consoante <y> do material de dona Dalva ser semelhante ao de Palácio (1984), que foi inserido na terceira forma de escrita, como mostra a figura 59. Na obra de dona Dalva, o lema <minha boca> é <Adyórho>, ela nos conta que acrescentou a consoante r para acompanhar o h, para facilitar o som das palavras.

Como linguistas, chegamos na hipótese de ser uma aférese, porém essa possibilidade foi descartada quando retomamos o material e verificamos essa forma de registro desde 1851. Partindo dessa questão outras surgiram sobre a vogal <a> no lema livre <adyo>: de onde surgiu essa vogal? É um prefixo? É uma variante linguística? Possivelmente é uma variante linguística.

Dando continuidade com um outro exemplo, utilizamos o lema <sol>. No material de dona Dalva, a autora apresenta duas formas de equivalência <enuvé> <nuvé>. Uma hipótese para isso, pode ser porque, talvez, no momento da coleta, como ela transcrevia o que ouvia, pode ter coletado duas possibilidades de escrita e fala para a entrada <sol>. Outra hipótese seria que o acréscimo ocorreu na comparação com outras coletas, pois, como exposto, a autora recorria aos materiais sobre a língua para sanar possíveis dúvidas, o que pode ser comprovado com a forma encontrada em Palácio (1984, p.51), conforme figura

Figura 64: Recorte. Lema <sol>

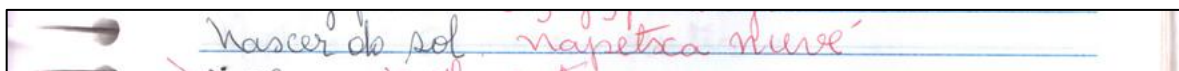


Fonte: dados de dona Dalva

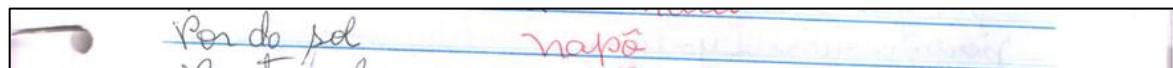
Figura 65: Recorte Lema <sol>



Fonte: Palácio (1984, p.51)

Figura 66: Recorte lema <Nascer do sol>

Fonte: dados de dona Dalva

Figura 67: Recorte Lema <Por do sol>

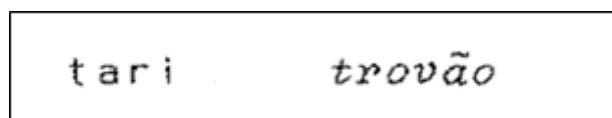
Fonte: dados de dona Dalva

Nos lemas <nascer do sol> <napetxa nuvé> (figura 66); <por do sol> <napô> (figura 67), percebemos o lema livre <nap>, e apontamos que provavelmente <nap> seja uma redução e uma atuação do atrator economia, ou seja, os dados tendem a indicar que já guarda em si a ideia de “trânsito solar” e a vogal <ô> aparece como fechamento desse ciclo. Neste caso, Palácio (1984, p.60) explica que: “Essas formas não se combinam com as flexões determinativas nem possessivas”, por isso que em <por do sol> não aparece o lema livre <nuvé>. Aliás, essa forma específica de lema não aparece no vocabulário de Postigo (2009), apenas nos anexos de sua dissertação.

Neste trabalho também analisaremos outras entradas. Na obra de dona Dalva, por exemplo, o lema <trovão> <mâtary>, <mâtaary> possui duas equivalências. A hipótese para essas duas colocações pode ser a questão da fala lenta, pausada, no momento da coleta, pois os dois <aa> geralmente, são utilizados para marcar um tom. E, em conversa pessoal com Postigo, ela disse que para o ouvido dela o tom da palavra trovão é alto, e frisa que não é questão de volume da voz, mas sim da altura. Já o ma- é um prefixo indicativo da forma tradicional lexicalizada, que não aparece em Palácio (1984), conforme figura 68, mas sim, na compilação de Schmidt (1905[1942]) trazida por Postigo (2009).

Figura 68: Recorte. Lema <trovão>

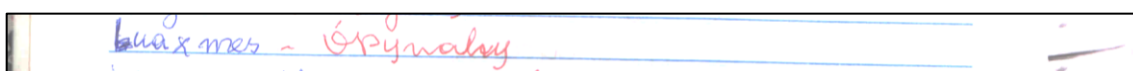
Fonte: dados de dona Dalva

Figura 69: Recorte léxico Lema <Trovão>

Fonte: dados de dona Dalva

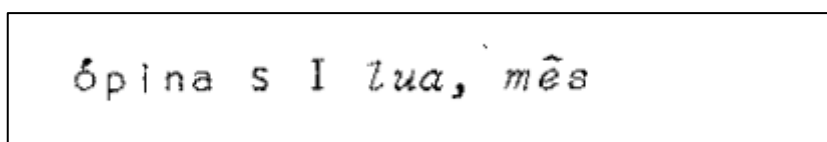
Ainda em relação a fenômenos naturais analisamos a entrada para o equivalente lua e encontramos três formas, uma para cada autora. Na obra de dona Dalva aparece <ópynahy>, já em Palácio (1984, p.135) temos <ópina>, e por fim <múpina> em Postigo (2009, p.44). No último caso, temos uma realização do prefixo ma -. Pode-se verificar que o y trazido no primeiro caso é uma tentativa de focalizar o tom alto. Os três dados comparados indicam a raiz ópin- e realizada como u em virtude da vogal a (prefixo ma-).

Figura 70: Recorte. Lema <lual>



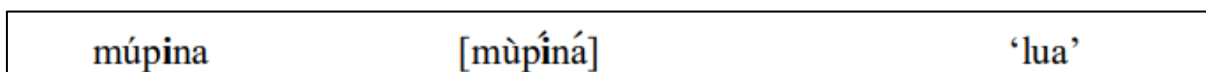
Fonte: dados de dona Dalva

Figura 71: Recorte. Lema <Lual>



Fonte: Palácio (1984, p.135)

Figura 72: Recorte Lema <Lual>



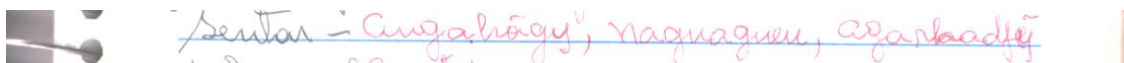
Fonte: Postigo (2009, p.44)

Além disso, também analisaremos questões verbais, como por exemplo, o fato de na obra de dona Dalva, o lema sentar - <naguageu agãhãgỹ> / <ãngahãgy>, <naguageu>, <agarhadjỹ> / <makuãny>, possuir três entradas e cinco formas de ortografia quando em Guató, neste caso é porque são locais diferentes de onde se está sentando: sentar na canoa, sentar no banco e sentar no chão, porém as várias formas de ortografia não foram explicadas pela autora.

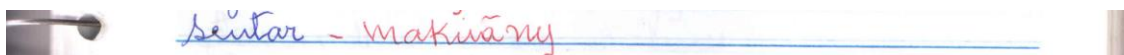
Figura 73: Recorte Lema < sentar>



Fonte: dados de dona Dalva

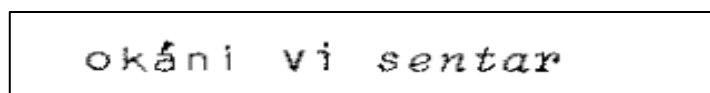
Figura 74: Recorte Lema <sentar>

Fonte: dados de dona Dalva

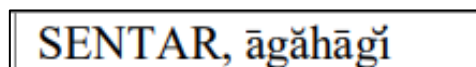
Figura 75: Recorte Lema <sentar>

Fonte: dados de dona Dalva

Partindo para Palácio (1984), a autora considera o lema <sentar> (figura 75) como verbo intransitivo, diferentemente da anterior, que traz expressões como <no barco>, como objeto, e não advérbio. Para dona Dalva (figuras 72,73,74), o uso desse verbo não faz sentido se não indicar o lugar, aparecendo, dessa forma, como um complemento. Pode se perceber que Postigo (2009) (figura 76) e dona Dalva trazem formas parecidas, sendo que a última parece relacionar a escrita de anta e Renam na primeira sílaba, na segunda talvez o que ocorra seja um espraiamento da nasalidade da consoante da coda da primeira sílaba para a terceira, o que só não ocorre na segunda porque essa não tem som alto.

Figura 76: Recorte Lema <sentar>

Fonte: Palácio (1984, p.140)

Figura 77: Recorte Lema <sentar>

Fonte: Postigo (2009, p.176)

Outro verbo a ser analisado é o lema <vamos> com equivalente <kyra>, encontrado em dona Dalva, nos quais todas as formas aparecem com y, pelo mesmo motivo comentado nos lemas anteriores. Esse verbo perde um complemento na língua, como ocorre com o verbo sentar:

Quadro 2: variadas formas do verbo sentar

Vamos	kyra
Vamos caçar lontra	kyragarhogio
Vamos caçar capivara de canoa	kyragarhokugagogunum
Vamos esquentar fogo	kyragarhogotá
Vamos espiar peixe	Kyragarhé egunty
Vamos namorar segunda versão	Tado erre y
Vamos comer	Kyra garogany
Vamos tomar café	Kyragokodjypé
Vamos lá	Kyra gotega gonaym
Vamos lá na lancha	Kyra gotega girhobonum
Vamos fazer amor	Kyra gatoty gany

Fonte: dados de dona Dalva

A comparação das formas acima sugere que o verbo <kyra> entra como verbo auxiliar o que é comprovado pelas outras duas autoras: “Há uma estrutura exortiva ou de polidez, que inclui o falante e o ouvinte, em convite para a participar de determinado evento. Essa estrutura é formada com o verbo kíra vamos, usado como verbo auxiliar, seguido pelo tema do verbo.” Palácio (1984, p.113).

Figura 78: Recorte Lema <vamos fumar >

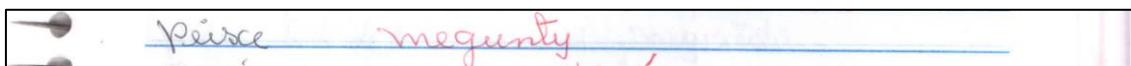
kíra gáhëgigi (vamos fumar) *vamos fumar!*

Fonte: Palácio (1984, p.113)

Dentro do lema <vamos> <kyra> selecionamos o lema <peixe> <megunty> para explicarmos que o verbo pescar em Guató é transitivo, pois nesta língua <peixe> não fica pressuposto como em português <vamos pescar (peixe)>. Muitos pensamos: se vai pescar só pode ser peixe, porém no olhar e sabedoria indígena precisa constar em sua composição a palavra <peixe> <megunty> para que se entenda que é pescar peixe. não tem como dizer kyragoky – vamos pescar, pescar o quê? – Vamos pescar peixe, ou seja, fazer alguma coisa específica. Aqui, por dona Dalva, a palavra foi segmentada diferente, poderia ser kyragoky – gunty, conforme orienta Postigo.

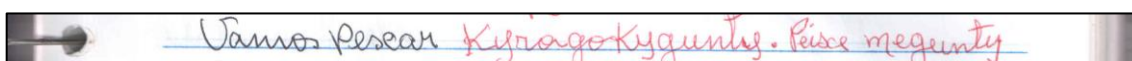
<vamos> <kyra>
 <goky> < pescar>
 <peixe> <megunty>

Figura 79: Recorte Lema <peixe>



Fonte: dados de dona Dalva

Figura 80: Recorte Lema <vamos pescar>



Fonte: dados de dona Dalva

Aliás, antes de continuarmos falando do campo semântico animais, vale ressaltar que as palavras na língua Guató que possuem ma- / me- são indicativos de posse, assim tendo o acréscimo prefixal. É usado apenas para palavras isoladas, porém quando se encontra em contexto o ma- ou me- não existe. Isso pode ser comprovado na coleta de dona Dalva, pois ela possui algumas expressões nas quais o ma-/me- desaparecem. A autora percebe que o ma-/me- não fica, só não sabe nomear o que é esse comportamento da palavra. Citamos alguns exemplos, como o lema <onça> <mepago>. <Mepago> é onça, porém em qualquer outro contexto que a palavra <onça> aparecer, não será mais <mepago>.

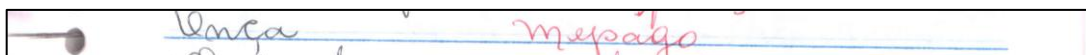
Como é o caso do lema <dente de onça> <makúadjepago> (figura 81) e diz que é o nome indígena que seu filho Zaqueu recebeu.

Figura 81: Recorte Lema <dente de onça>



Fonte: dados de dona Dalva

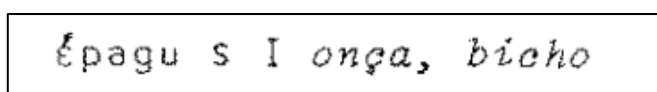
Postigo apresenta os mesmos dados encontrados na Obra de dona Dalva, mas já, o dado trazido por Palácio (1984) pode esclarecer que <mepago> é uma contração do ma- com o <epago> com queda da vogal a de ma-.

Figura 82: Recorte Lema <onça>

Fonte: dados de dona Dalva

Figura 83: Recorte léxico Lema <onça>

Fonte: Postigo (2009, p. 214)

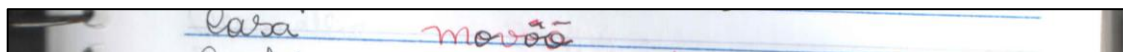
Figura 84: Recorte léxico

Fonte: Palácio (1984, p.134)

Como acontece em muitas palavras, como apresentamos, dona Dalva coloca uma nota explicativa em algumas expressões por ela coletadas. Mais um exemplo é <tua casa> <guaryrhovyr> (<ovyr> vem de casa e <guary> é sua), a consoante m de casa cai e entra o rh, para “melhorar” o tom da palavra. O lema <casa> é encontrado por ordem alfabética <movo> <movyr>, e no campo semântico de vasilhas e utensílios <movôô>. São três ortografias diferentes para o mesmo lema, apontando uma variação linguística. Processo morfológico

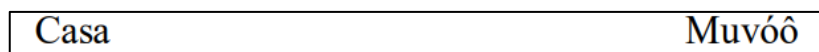
Figura 85: Recorte léxico ordem alfabética Lema <casa>

Fonte: dados de dona Dalva

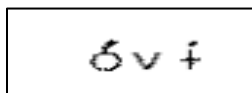
Figura 86: Recorte léxico campo semântico. Lema <casal>

Fonte: dados de dona Dalva

Na análise de Schmidt trazida por Postigo (2009) a equivalência do lema <casa> é <movôô>, o que é apresentado por dona Dalva, e em Palácio (1984) <óv↑> (figura 88). Uma hipótese é que essa rótica final dá-se tanto pelo tom quanto pela glotal inferior que marcava o fim da palavra.

Figura 87: Recorte Lema <casa>

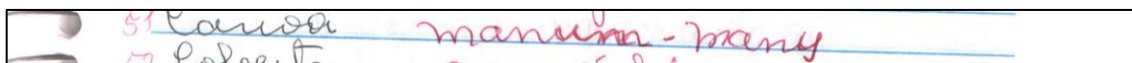
Fonte: Schmidt (1905[1942]) *apud* Postigo (2009)

Figura 88: Recorte léxico

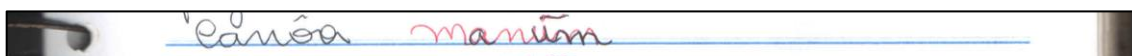
Fonte: Palácio (1984, p. 141)

Passamos agora a falar do lema <canoa>, por ser um termo bem característico do Guató, apontando que eles são os últimos e exímios canoeiros do Pantanal. No material de dona Dalva apresentam-se duas formas de variação: <manum> <many>, que se encontram por ordem alfabética, e também, no campo semântico vasilhas e utensílios representado pelo equivalente <manũm>. O lema <barco> <myrobonũm>, possui equivalência a canoa grande para os Guató.

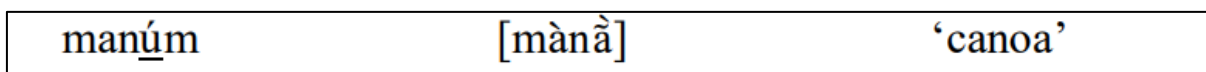
Não parece haver grandes distinções entre as três autoras, o que sugere que o <m> e o <n>, neste contexto, são variantes do mesmo fonema, conforme as figuras 89,90, 91 e 92.

Figura 89: Recorte Lema <canoa>

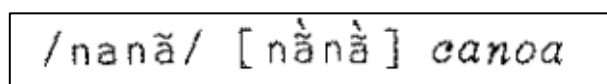
Fonte: dados de dona Dalva

Figura 90: Recorte léxico Lema <canoal>

Fonte: dados de dona Dalva

Figura 91: Recorte Lema <canoal>

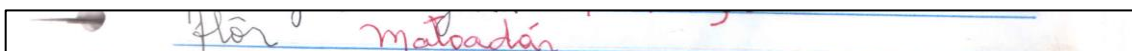
Fonte: Postigo (2009, p.61)

Figura 92: Recorte léxico Lema <canoal>

Fonte: Palácio (1984, p. 32)

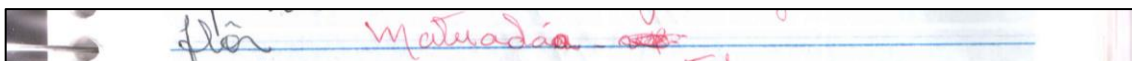
Para encerrarmos este estudo falaremos do lema base formador do nome da autora Dalva, em Guató, “Matôdjárho”. Em sua obra, o lema <flor> <Matoadár> <Matuadáa> – possui duas colocações (figuras 93 e 94) para a mesma entrada. Para tentar explicá-lo, a hipótese seria o tom alto na vogal a final, pois de acordo com Postigo, não importa o tom ser alto ou baixo. Em conversa pessoal com a autora, ela afirma ser a finalidade de acentuar o tom a causa dessas vogais serem colocadas juntas.

Figura 93: Recorte Lema <flor>



Fonte: dados de dona Dalva

Figura 94: Recorte Lema <florl>



Fonte: dados de dona Dalva

Figura 95: Recorte Lema <flor>

matoadár - flor

Fonte: Postigo,2009.

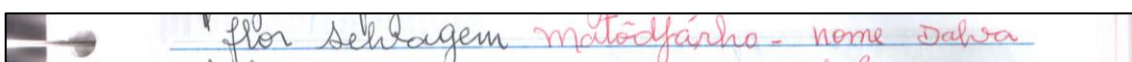
Ao chegarmos no lema flor e suas acepções, trazemos <flor selvagem> <Matôdjárho> (para POSTIGO,2009 e dona Dalva) que se refere ao nome de dona Dalva Maria colocado por seu João Quirino na língua Guató, conforme figuras abaixo.

Figura 96: Recorte Lema <flor selvagem>

matojárho 'flor selvagem'

Fonte: Postigo (2009.p.209)

Figura 97: Recorte Lema <flor selvagem>



Fonte: dados de dona Dalva

Possivelmente, temos a hipótese que no momento da fala rápida foi introduzido o rh, ou este pode querer significar o final do nome apontado. Vale ressaltar que Palácio (1984) não traz os lemas em questão.

Dessa forma, concluímos nossa análise relacionada à Obra de dona Dalva. O Guató é uma língua polissintética, portanto, tem um alto número de morfemas em seu léxico, devido a isso, existe uma dificuldade bem grande de realizar a coleta da língua, sendo um trabalho longo, que requer paciência e perseverança, como o feito por dona Dalva.

Acreditamos que a documentação e análise dessa Obra, possa vir a contribuir além de áreas na Linguística, mas também com outras ciências. Este é o primeiro material linguístico elaborado por uma Guató, documentado, analisado e comparado com outros estudos, para subsidiar a conclusão de que esta Obra é Guató em todo seu léxico apresentado.

Para encontrar uma definição se aplica a esta obra, deixamos claro, que a dificuldade de a nomear foi grande, pois a riqueza desse material vai além do termo aplicado. Para a autora, em seus mais de vinte anos de pesquisa, ela construiu um dicionário em seu caderno e com ele a “salvação” linguística de seu povo.

Sabemos que é imperativo que sejam feitos mais estudos para uma análise mais profunda sobre este material. Continuaremos contribuindo por meio da divulgação e organização de uma edição fac-*símile* da obra, e posteriormente o desenvolvimento de um material para ser utilizado na escola da aldeia que possa ajudar no resgate e continuidade de sua língua.

Tendo apresentado às comparações, acima, passamos para as conclusões.

CONCLUSÕES

Esta tese é o resultado de uma pesquisa que teve por objetivo realizar uma análise metalexiconográfica de uma Obra indígena, confeccionada por uma índia. Para realização da análise, foram necessários o aporte das Ciências do Léxico, os materiais de Palácio (1984) e Postigo (2009), e o material dos dados de dona Dalva.

Apresentamos os Guató dos estados de Mato Grosso do Sul e Mato Grosso, com recorte nos Guató de Mato Grosso do Sul, e descrevemos seu processo de desaparecimento e ressurgimento, transcorrendo pela demarcação das terras, até os dias atuais. Mostramos que as famílias Guató seguem vivendo em grupos familiares e autônomos, apresentamos fotos das casas e discorremos como são construídas e cuidadas. Argumentamos e atualizamos as discussões acerca da filiação genética e concluimos que seguiremos com a visão de Rodrigues (1970,1986,1999), até que novos estudos possam ser concluídos.

Infelizmente, dona Eufrásia Ferreira (“*Jariguka*” em Guató), que foi considerada uma das últimas “falantes” faleceu no dia cinco de setembro de 2021, e hoje vive apenas seu Vicente.

Entendemos que o material analisado se trata de uma obra bilíngue, em conformidade com Welker (2004), que destaca que os dicionários bilíngues oferecem equivalência e perante todas as definições presentes, pois contem em sua macroestrutura entradas organizadas em ordem alfabética – de A a Z -, campo semântico, além de oferecer entradas em português com equivalência em Guató, algumas com mais de um significado. Na realidade, apenas o fato desse registro lexical de uma língua moribunda ter sido feito por uma índia, conforme Borges e Lopes (2018), já é parte de documentação da língua de um povo que ficará na história desse povo.

Concluimos que a Obra de dona Dalva, por enquanto, é uma iniciativa de confecção de dicionário. Os lemas apresentados pela autora estão presentes nos estudos que foram parte de nossa análise, que sofreram algumas variações linguísticas, porém específicas da língua Guató. A autora oferece informações em algumas expressões que para quem está aprendendo Guató, ou quer aprender, será um facilitador para o conhecimento da língua. Está sendo organizando um material que será publicado futuramente em uma edição *fac-símile* e outro sob a luz das Ciências do Léxico, para alcançarmos, assim, o seu uso na escola da aldeia, contribuindo com futuros falantes da língua e com a história do povo Guató.

A importância e relevância da produção deste trabalho vem ao encontro do início da Década Internacional das Línguas Indígenas e contribui para os esforços da construção do

Inventário Nacional da Diversidade Linguística no Brasil (INDL) do Iphan, conforme o Decreto Nº 7.387, de 9 de dezembro de 2010.

Trata-se de um trabalho acadêmico, que analisou dados, por meio de trabalho de campo, fez comparações linguísticas e apresentou um material original da língua que não haviam sido tratados antes. Esperamos que a Obra apresentada possa contribuir para o conhecimento das línguas indígenas brasileiras que estão em vias de extinção e mesmo aquelas que possuem maior números de falantes estão também em vulnerabilidade, em especial, a língua Guató.

Vale salientar aqui, que mesmo com todas as dificuldades de pesquisa que foram vivenciadas ao longo do desenvolvimento da tese e estão registradas neste trabalho, o tema final definido foi uma decisão acertada, pois o rumo dado a pesquisa foi o único caminho a ser seguido diante das dificuldades encontradas no trabalho de campo, sendo que o tema definitivo, possui o mérito de preservar tanto a área de pesquisa, que é o léxico, quanto a língua objeto Guató. O resultado final da tese mostra mais uma vez a decisão acertada para a preservação da língua, principalmente para seu registro e contribuição para a revitalização e documentação das línguas indígenas brasileiras.

REFERÊNCIAS

ACURI. **Almanaque do campo: tudo sobre o mundo rural**. 2019. Disponível em: <http://www.almanaquedocampo.com.br/verbete/exibir/414>. Acesso em: 17 ago. 2019.

AIKHENVALD, Alexandra. Yurievna.; DIXON, Robert. M. W. *Other small families and isolates*. Em: R. M. W. Dixon & Alexandra Y. Aikhenvald (eds.), *The Amazonian languages*, 341–383. Cambridge: Cambridge University Press. 1999.

ALVES, Walter de Oliveira Cavalcanti. **O sistema numeral da língua Guató**. Trabalho de Conclusão de Curso (graduação). UFRJ, Rio de Janeiro. 83 f, 2017. Disponível em: http://etnolinguistica.wdfiles.com/local--files/tese%3Acavalcanti-alves-2017/Alves_2017_Sist_Numeral_Guato_FINAL.pdf Acesso em: 05 mar. 2020.

ARTESOL. **Casa do artesanato de Corumbá**. 2019. Disponível em: https://www.artesol.org.br/casa_do_artesao_de_corumba. Acesso em: 20 set. 2019.

BALYKOVA, Kristina. **Expressão de propriedades no Guató e no Wa'ikhana**. Dissertação (Mestrado em Linguística). UFRJ. 233 f. 2019. Disponível em: http://etnolinguistica.wdfiles.com/local--files/tese%3Abalykova-2019/balykova_2019_expr_propr_guato_waikh.pdf. Acesso em: 15 set. 2019.

BALYKOVA, Kristina; GODOY, Gustavo; Ferreira, Eufrásia. **O guaribão pegou uma mulher**. *Revista Linguística*. Rio de Janeiro | Volume 15 | número 1 | p. 271 - 302 | jan. - abr. 2019. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/333380917_O_guaribao_pegou_a_mulher. Acesso em: 18 jan. 2020.

BARBOSA, Maria Aparecida. **Lexicologia, Lexicografia, Terminologia, Terminografia: identidade científica, o objeto, métodos e campos de atuação**. II Simpósio Latino-Americano de Terminologia, Brasília, 1990, p. 152-153.

BARBOSA, Maria Aparecida. **Lexicologia, lexicografia, terminologia, terminografia, identidade científica, objeto, métodos, campos de atuação**. Em *Anais do II Simpósio Latino - Americano de Terminologia*. I Encontro Brasileiro de terminologia Técnico-Científica. Brasília: Cnpq/Ibict, 1992. Disponível em: <https://repositorio.usp.br/item/000840327>. Acesso em: 05 dez. 2019.

BARBOSA, Maria Aparecida. **Dicionário, vocabulário, glossário: concepções**. In: ALVES, I. M. (Org.). *A constituição da normalização terminológica no Brasil*. 2 ed. São Paulo: FFLCH/CITRAT, 2001. p. 23-44.

BARROS, Manoel de. **"O livro das ignoranças"**, 2ª ed., Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 1994.

BBC. British Broadcasting Corporation (Corporação Britânica de Radiodifusão). **O Brasil tem 190 línguas indígenas em perigo de extinção**. Matéria por Leticia Mori Da. BBC Brasil em São Paulo. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-43010108>. Acesso em: 22 Ago. 2018.

BEVILACQUA, Cleci Regina; FINATTO, Maria José Bocorny. **Lexicografia e terminografia: alguns contrapontos fundamentais**. Alfa, São Paulo, 50 (2): 43-54, 2006.

BECHER, Hans. **Barão Georg Heinrich von Langsdorff: pesquisas de um cientista alemão no século XIX**. São Paulo: Diá; Brasília: UnB, 143 p.1990.

BÉJOINT, Henri. **Modern Lexicography: An Introduction**. New York: Oxford University Press Inc., 2004.

BENVENISTE, Émile. **Problemas de Linguística Geral II**. Campinas: Pontes, 1989.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. **A estrutura mental do léxico**. Estudos de filologia e lingüística, p. 131-145, 1981.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. **Glossário**. Alfa. São Paulo, vol. 28 (supl.), n. 42. p. 135-144, 1984.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. **Léxico e vocabulário fundamental**. Alfa. Vol. 40, p. 27-46. Unesp, São Paulo, 1996.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. **As ciências do léxico**. In: OLIVEIRA, A.M; ISQUERDO, A.N. (Org.). *As ciências do léxico*. Campo Grande: Editora UFMS, p. 13-22, 1998a.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. **As Ciências do Léxico**. In. *As Ciências do Léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires; Isquerdo, Aparecida Negri, organizadoras. – Campo Grande, MS: Ed. UFMS. p. 11 – 20, 1998b.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. **Dimensões da palavra**. Filologia e Linguística portuguesa. Vol. 2, n.1 p. 81-118. 1998c.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. **Os dicionários na contemporaneidade: arquitetura, métodos e técnicas**. In: OLIVEIRA, A.M; ISQUERDO, A.N. (Org.). *As ciências do léxico*. Campo Grande: Editora UFMS, p. 131-144, 1998d.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. **Conceito Linguístico da Palavra**. In: *Revista Palavra*. Rio de Janeiro: 5ª ed. 1999.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. **Teoria linguística**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. **Dicionários do português: da tradição à contemporaneidade**. ALFA: *Revista de Linguística*, 2003.

BORGES, Renan do Socorro dos Santos; LOPES, Jorge Domingues. **Para uma crítica lexicográfica das microestruturas da Munduruku Word List**. *Entrepalavras*, Fortaleza, v. 8, n. 2, p. 442-469, maio/ago. 2018.

CABRÉ, Maria Teresa. **La Terminologia: teoria, metodologia, aplicaciones**. Barcelona: Antártida/Empúries, 1993.

CABRÉ, Maria Teresa. **La terminología**: representación y comunicación. Barcelona: Universitat Pompeu Fabra & Institut Universitari de Lingüística Aplicada. 1999.

CABEZA DE VACA, Álvaro Núñez. **Comentários**. Valladolid: Madrid, 1555.

CABEZA DE VACA, Álvaro Núñez. **Naufragios y comentarios**. Edición, introducción y notas de Roberto Fernando. Madrid: Raycar, 1984.

CAMARA Jr, Joaquim Mattoso. **Problemas de linguística descritiva**. Petrópolis: Vozes. 1969.

CAMARA Jr, Joaquim Mattoso. **História e Estrutura da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Padrão. 1975.

CASTELNAU, Francis. **Expedições às regiões centrais da América do Sul**. São Paulo: Nacional, 1949.

CASTELNAU, Francis. **Langue des guatos** (Rio Paraguay). Expédition dans les parties centrales de l'Amérique du Sud, de Rio de Janeiro a Lima, et de Lima au Para. Histoire Du voyage, (tomo V). Chez P. Berthand, Libraire-Éditeur. Paris, p. 283-284, 1851.

COSTA, Natalina Sierra Assêncio. **Língua, cultura e sociedade guató**: universo léxico-semântico da fala indígena. Dissertação de mestrado. UNESP, Assis-SP, 2002.

COSTA, Natalina Sierra Assêncio. **Variações entoacionais na língua portuguesa falada por mulheres guató**s. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo, São Paulo. 131 f. 2010.

CUNHA, H. Pereira. **Viagens e caçadas em Matto-Grosso**: três semanas em companhia de Th. Roosevelt. 2ed. Rio de Janeiro: Oficinas Gráficas da Livraria Francisco Alves, 1919.

DIÁRIO CORUMBAENSE. **Indía Guató de 110 anos vive na região do São Lourenço**. 2011. Acesso em dez. 2020: <https://diarionline.com.br/?s=noticia&id=33129>.

ECO.A. Ecologia e Ação. Organização não governamental. **Fotografia de Artesanato Guató**. Casa do Artesão. Corumbá, MS. 2020.

ECO.A. Ecologia e Ação. **Comunidades do Pantanal**. Disponível em: <https://ecoa.org.br/pantanal/desenvolvimento-integral-de-comunidades-2/comunidades-do-pantanal/barra-do-sao-lourenco/>. Acesso em: 18. Jan. 2022.

STATUS do idioma. **Etnólogo: Línguas do Mundo**. Dallas, Texas: SIL Internacional. 202.. Versão online: <http://www.ethnologue.com>. Disponível em: <https://www.ethnologue.com/about/language-status>. Acesso em: 17 jan.2022.

EREMITES DE OLIVEIRA, Jorge. **Utilização da analogia etnográfica no estudo dos aterros da região pantaneira de Corumbá**. Revista de Arqueologia 8/2: 159-167. São Paulo, 1994.

EREMITES DE OLIVEIRA, Jorge. **Os argonautas Guató**: aportes para o conhecimento dos assentamentos e da subsistência dos grupos que se estabeleceram nas áreas inundáveis do Pantanal Matogrossense. Dissertação de Mestrado em História, área de concentração em Arqueologia. Porto Alegre: PUCRS, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 1995.

EREMITES DE OLIVEIRA, Jorge. **Guató**: argonautas do Pantanal. Porto Alegre: Edipucrs, 1996a.

EREMITES DE OLIVEIRA, Jorge. **Guató - Os argonautas do Pantanal**. Anais da VIII Reunião Científica da Sociedade de Arqueologia Brasileira, vol. 2: 499-518. Porto Alegre: Edipucrs, 1996b, em: www.familiaweb.com.br/pantanal/artigo2.htm.

EREMITES DE OLIVEIRA, Jorge. **A importância da palmeira acuri para os Índios Guató**. Ponencia al II Simpósio sobre Recursos Naturais e Sócioeconômicos do Pantanal, Corumbá, 1996c, em: www.familiaweb.com.br/pantanal/artigo1.htm.

EREMITES DE OLIVEIRA, Jorge. **Ambiente e cultura no contexto da ocupação indígena da planície de inundação do Pantanal**, 1997a, em: <http://www.unikey.com.br/pantanal/faq1.htm>.

EREMITES DE OLIVEIRA, Jorge. **Diagnóstico sócio-ambiental da Reserva Indígena Guató-Ilha Ínsua**. Contribuições de um arqueólogo. Ponencia al ASeminario Áreas de Desarrollo Indígena, 13-15 de agosto de 1997. Temuco: Instituto de Estudios Indígenas, Universidad de la Frontera, 1997b, em: www.familiaweb.com.br/pantanal/artigo6.htm.

EREMITES DE OLIVEIRA, Jorge. **Diagnóstico sócio-ambiental da Reserva Indígena Guató - Ilha Ínsua**: contribuições de um arqueólogo. Fronteiras (Campo Grande), Campo Grande, v. 4, p. 123-142, 1998.

EREMITES DE OLIVEIRA, Jorge. **Acuri, a palmeira dos índios Guató**. Suplemento Antropológico (Asunción), Asunción, v. 36, n.1, p. 355-378, 2001

EREMITES DE OLIVEIRA, Jorge. 2002. **Da pré-história à história indígena**: (re) pensando a arqueologia e os povos canoieiros do Pantanal. Tese (Doutorado em História/Arqueologia) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

EREMITES DE OLIVEIRA, Jorge. **Da pré-história à história indígena**: (re) pensando a arqueologia e os povos canoieiros do Pantanal. Revista de Arqueologia, v. 15, p. 71-86, 2003.

EREMITES DE OLIVEIRA, Jorge. **Arqueologia das Sociedades Indígenas no Pantanal**. 1. ed. Campo Grande: Editora Oeste, 2004. v. 1000. 117p.

EREMITES DE OLIVEIRA, Jorge. **Os antigos pescadores-caçadores-coletores do Pantanal**. In: Daniel Laponte; Alejandro Acosta. (Org.). Entre la tierra y el agua: arqueología de humedades de Sudamérica. 1ed. Buenos Aires: Instituto Nacional de Antropología y Pensamiento Latinoamericano, 2008, v., p. 61-76.

EREMITES DE OLIVEIRA, Jorge. **Arqueologia como história dos índios no Pantanal**. In: Walter Fagundes Morales; Flavia Prado Moi. (Org.). Cenários regionais em arqueologia brasileira. 1ed. São Paulo: Annablume, 2009, v., p. 89-120.

EREMITES DE OLIVEIRA, Jorge. **Etnoarqueologia e laudo antropológico percival sobre a terra indígena baía dos guató**, município de barão de melgaço, mato grosso. XX Congresso da Sociedade de Arqueologia Brasileira. Pelotas/RS. 10p. 2019.

FARGETTI, Cristina Martins. **Estúdios del léxico de lenguas indígenas: ¿terminología?** In: Manuel González González; María-Dolores Sánchez-Palomino; Inés Veiga Mateos. (Org.). Terminología: a necessidade da colaboración. 1ed. Madrid: Vervuert, v. 1, p. 343-368. 2018 a.

FARGETTI, Cristina Martins. **Preparação para viagem a campo: algumas recomendações.** 2018b. (manuscrito).

FINATTO, Maria José Bocorny . **Orientações para a terminografia: das teorias às práticas em busca de amplitude da informação terminológica.** En Isquierdo, A.; A. Negri & G.O.M. Dalcorno (eds.). As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminografia, vol. VII. Campo Grande: Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, pp. 439-458. 2014.

FISHMAN, Joshua. **Reversing language shift, Clevedon, UK: Multilingual Matters Ltd, 1991.**

FLORENCE, Hercules. **Esboço da viagem feita pelo Sr. de Langdorff no interior do Brasil, desde setembro de 1825 até março de 1829.** Revista trimestral do Instituto histórico, geographico e ethnographico do Brasil (RIHGB). Rio de Janeiro, vol.38, 1875 e vol.39, 1876.

FRANCHETTO, Bruna e GODOY, Gustavo. **Primeiros passos da revitalização da língua guató: uma etnografia.** In: Linguística, 13(1), pp. 281–302. 2017

FUNAI. Fundação Nacional do Índio. **Decreto Baía dos Guató.**

<http://www.funai.gov.br/index.php/ascom/4866-decreto-baia-dos-guato>. Acesso 17 de agosto de 2020.

GODOY, Gustavo; BALYKOVA, Kristina. **Guató: A língua.** Cadernos de Etnolinguística, v. 5, p. 1, 2018.

GUATÓ: Uma Remada no tempo. Ricardo Faissol. Faissol Filmes. Rio de Janeiro, 2020.

GUBER, Rosana. **La entrevista etnográfica o el arte de la no directividad.** La etnografía. Método, campo y reflexividad, 2001.

HAENSCH, Gunther. **Tipología de las obras lexicográficas.** In: HAENSCH, G. et al. La lexicografía – de la lingüística teórica a la lexicografía práctica. Madrid: Gredos, 1982.

HINTON, Leanne; HALE, Ken. **The Green Book of language revitalization in practice.** San Diego & New York: Academic Press, Pp xvii, 450p. 2001

HWANG, David Álvaro. **Lexicografia: dos primórdios à Nova Lexocografia.** In: _____; NADIN, Odair Luiz. Linguagens em interação III: estudos do léxico. Maringá: Clichetec, p.33-44. 2010.

IRALA, Domingo Martinez De. “**Carta a Su Majestad**”, en Catherine Julien: Desde el Oriente. Documentos para la história del Oriente boliviano y Santa Cruz la Vieja (1542-1597), Santa Cruz: fondo editorial municipal, doc. 4: 20-26,1545.

ISA. Instituto Socioambiental. **Terras Indígenas**. Disponível em: <https://terrasindigenas.org.br/pt-br/>. Acesso 17 ago. de 2020

ISA. Instituto Socioambiental. **Guató**. Disponível em: <http://nupeligela.weebly.com/guatoacute.html>. Acesso em: 10 ago. 2019.

ISA. Instituto Socioambiental. **Quadro Geral dos Povos Indígenas**. Disponível em: https://pib.socioambiental.org/pt/Quadro_Geral_dos_Povos. Acesso em: 5 set. 2020.

ISQUERDO, Aparecida Negri. **Os estudos lexicográficos no Brasil: um percurso histórico**. In: CARDOSO, Suzana; MEJRI, Salah; MOTA, Jacyra (Orgs.). Os dicionários: fontes, métodos, novas tecnologias. Salvador: Vento Leste, 2011. p. 113-140.

JOHN, Liana. Artigo de revista digital, 2017. **Aguapé**. <https://conexaoplaneta.com.br/blog/aguape-remove-poluentes-pesados-da-agua-e-ainda-tem-multiplas-utilidades/#fechar>. Acesso em 20 de set. 2019.

KRAUSS, Michael. **The world’s languages in crisis**. Language. Vol. 68, n.1, p. 4-10, 1992.

KRIEGER, Maria da Graça; FINATTO, Maria José Bocorny. **Introdução à terminologia: teoria e prática**. São Paulo:Contexto, 2004.

KRIEGER, Maria da Graça. **O dicionário de língua como potencial instrumento didático**. In: ISQUERDO, A. N.; ALVES, I. M. (Org.). As ciências do léxico: lexicologia, lexicografi a terminologia. Campo Grande: UFMS, 2007, p. 295-309.

LEWIS, M. Paul.; SIMONS, Gary. F. Assessing endangerment: Expanding Fishman's GIDS. *Revue Roumaine de Linguistique* 55(2), 2010, p.103–120. Disponível em: <http://www.lingv.ro/RRL%20202010%20art01Lewis.pdf>. Acesso em: 3 out. 2021.

LIMA, Rosangela Aparecida Ferreira. **Dando a palavra aos Guatós: alguns aspectos sociolinguísticos**. Tese de Doutorado. UNESP, Assis-SP, 2002.

MARTINS Andrébio Márcio Silvia. **Uma avaliação da hipótese de relações genéticas entre o guató e o tronco macro-jê**. Tese de doutorado. Universidade de Brasília. 2011.

MARTINS, Andrébio Marcio Silva. **O morfema ε do Guató: De uma possível marca de ergatividade à marca de concordância**. *Revista Brasileira de Linguística Antropológica* 5(2) 435–451. 2013.

MARTINELLI, Fábio Silva. **A GEOGRAFIA DOS GUATÓ: o processo de mobilidade dos remanescentes índios canoeiros do Pantanal sul-mato-grossense frente aos desafios século XXI**. Dissertação de mestrado. UFMS. Campus Três Lagoas-MS, 2012.

MATEUS, Iago David. **Entre concertos e desconcertos: dicionários de línguas indígenas brasileiras em (des) compasso com o campo lexical da música.** Trabalho de conclusão de curso (TCC), 73p. 2017.

MATEUS, Iago David. **Entre o céu e a terra há mais sonhos do que sonha nossa vã perspectiva: um voo panorâmico (com e) pelas 'Borboletas' jurunas.** Dissertação de mestrado. 181 p. 2019.

MATORÉ, Georges. **La méthode en lexicologie: domaine français.** M. Didier, 1953.

MONDINI, Juliana Nazatto. **Yudja Utaha: a culinária juruna no Parque Indígena Xingu – uma contribuição ao dicionário bilíngue juruna-português,** 2014.

NADER, Vinícios. Correio Braziliense. **Guato: uma remada no tempo no canal OFF, registra o encontro de duas culturas.** <https://blogs.correio braziliense.com.br/proximocapitulo/guato-uma-remada-no-tempo-no-canal-off-registra-o-encontro-de-duas-culturas/>. 2020. Acesso jan.2021.

NEVES, Ana Carolina; SANTOS, Flavio Antonio Maës. **Nem tudo são flores no Pantanal.** CIÊNCIA HOJE. vol. 41 • nº 245. Janeiro /fevereiro de 2008.

NIKULIN, Andrey. **Proto-Macro-Jê: um estudo reconstrutivo.** Tese de Doutorado. Brasília. 571 p. 2020.

PELLEGRINE, Fábio. **Artesã da etnia Guató é remanescente de prática sustentável secular**

OEKO. Disponível em: <https://oeco.org.br/reportagens/25916-artesa-da-etnia-guato-e-remanescente-de-pratica-sustentavel-secular/>. Acesso em: 08 jan. 2020.

OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de; ISQUERDO, Aparecida Negri. **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia.** Campo Grande: UFMS, 1998.

PALÁCIO, Adair Pimentel. **Guató, a língua dos índios canoeiros do rio Paraguai.** Tese de doutorado. Campinas-SP: UNICAMP, IEL, 1984.

PALÁCIO, Adair Pimentel. **Aspects of the morphology of Guató.** B.F. Elson (ed.). Language in global perspective. Dallas: SIL, 1986 (p.363-372).

PALÁCIO, Adair Pimentel. **Guató: uma língua redescoberta.** Ciência Hoje. Vol.5, n. 29, p. 74-75, 1987.

PALÁCIO, Adair Pimentel. **Sistema numeral em Guató.** Boletim da ABRALIN. N. 19. p. 51-56, 1996.

PALÁCIO, Adair Pimentel. **Situação dos Índios Guató em janeiro de 1984.** Campinas-SP, 1998.

PALÁCIO, Adair Pimentel. **Alguns aspectos da língua Guató.** LIAMES 4, Campinas-SP: UNICAMP, IEL, 2004.

PARAVISINE, Adriana Viana Postigo. **Segmentos fonológicos e convenções ortográficas da língua guató (Macro-Jê)**. In: I Congresso de Línguas Indígenas de Mato Grosso, Barra do Bugres/MT. Anais Vol. 1 (2017): Congresso de Línguas Indígenas de Mato Grosso, Barra do Bugres/MT, Brasil, 28-30 Julho 2017, Faculdade Intercultural Indígena, Universidade do Estado de Mato Grosso - UNEMAT. v. 1. p. 1-7. Barra do Bugres/MT: Faculdade Intercultural Indígena, 2017.

PEQUENO DICIONÁRIO DA LÍNGUA GUATÓ. **Pequeno Dicionário da Língua Guató: Guató-Português Português-Guató**. Secretaria de Estado de Educação, Governo Popular de Mato Grosso do Sul, gestão 1999-2002. Convênio FNDE/MEC/SED-MS, 2002.

PIKE, Kenneth, L. **Tone Languages**. Ann Arbor: The University of Michigan Press. 1948.

PIZZINI, Joel. **“500 Almas”**. Grifa Cinematográfica. Prêmio de Incentivo à Pesquisa – Fundação Rockefeller / Vitae. Lei do Audiovisual e Lei de Incentivo à Cultura do Ministério. 2004.

PORTO DAPENA, José-Álvaro. **Manual de técnica lexicográfica**. Madrid: Arcos Libros S.L., 2002.

POSTIGO, Adriana Viana; FERREIRA, Rogério Vicente. **Aspectos linguísticos e históricos da língua guató**. V Encontro de Línguas e Culturas Macro-Jê. São Paulo, 2007.

POSTIGO, Adriana Viana. **Os ditongos em Guató: uma proposta de análise**. IV Encontro Nacional do Grupo de Estudos de Linguagem do Centro-Oeste. CD Resumos. Cuiabá-MT, 2008a.

POSTIGO, Adriana Viana. **Padrão silábico e ressilabação em Guató (Macro-Jê)**. 56º Seminário do GEL. São José do Rio Preto, 2008b.

POSTIGO, Adriana Viana. **Nasalidade e Assimilação Nasal em Guató (Macro-Jê)**. XIV Seminário de Teses em Andamento. Anais do SETA 2008. V. 1, p. 1-11. Campinas, 2008c.

POSTIGO, Adriana Viana. **Fonologia da Língua Guató**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Campus Três Lagoas-MS, 2009a.

POSTIGO, Adriana Viana. **Alguns apontamentos bibliográficos sobre a língua guató (Macro-Jê)**. Liames. Vol. 9, p. 99-106. Campinas, 2009b.

POSTIGO, Adriana Viana. **Apontamentos fonológicos sobre as listas de palavras Guató (Macro-Jê) de Castelnau (1851), Rondon (1938) e Wilson (1959)**. 58º Seminário do GEL. Vol. 1, p. 1. São Carlos, 2011.

POSTIGO, Adriana Viana; FERREIRA, Rogério Vicente. Estudos fonológicos da língua guató (Macro-Jê). In: SANTOS, P. S. N.; GÓIS, M. L. S. (Orgs.). **Literatura e Linguística: práticas de interculturalidade no Mato Grosso do Sul**. Vol. 1, p. 175-212. Editora da UFGD, Dourados-MS, 2010.

RABETA. In.: Dicio, **Dicionário Online** de Português. Porto: 7Graus, 2022. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/rabeta/#>. Acesso em: 11 fev. 2022

- RIBEIRO, Eduardo; VOORT, Hein Van Der. 2010. **Nimuendajú was right**: the inclusion of the Jabutí language family in the Macro-Jê stock. *International Journal of American Linguistics*, v.76, n.4. oct. 2010. 517-570
- RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. **Tarefas da linguística no Brasil**. *Estudos Linguísticos. Revista Brasileira de Linguística Teórica e Aplicada*. Vol. 1, n. 1, p. 4-15, 1966. Disponível em: http://biblio.etnolinguistica.org/rodrigues_1966_tarefas]. Acesso em 10 de agosto de 2018.
- RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. **Línguas ameríndias**. In: Grande Enciclopédia Delta-Larousse. Rio de Janeiro: Editora Delta. 4034-4036p. 1970.
- RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. **Typological paralelism due to social contact**: Guató and Kadiweu. *Proceedings of the 9th Annual Meeting of the Berkeley Linguistic Society*. p.218-222. 1983.
- RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. **Línguas brasileiras**: para o conhecimento das línguas indígenas. Edições Loyola, São Paulo, 1986.
- RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. **Macro-Jê**. R. DIXON, M. W.; AIKHENVALD, Alexandra Y. (eds.), *The Amazonian languages*. Cambridge: CUP, p.165-206. 1999.
- RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. **Sobre as línguas indígenas e sua pesquisa no Brasil**. *Ciência e Cultura*. Vol. 57, n. 2, junho. São Paulo, 2005. Disponível em: <Erro! A referência de hiperlink não é válida.>. Acesso em 2 de outubro de 2016.
- ROMERO, Edgar. Disponível em: <https://actualidad.rt.com/actualidad/363944-peru-diccionarios-audiovisuales-lengua-pueblos-indigenas>. Acesso em 30 de agosto de 2020.
- RONDON, Frederico. **Na Rondônia Ocidental**. *Brasiliana CXXX*, p. 257-267. São Paulo, 1938.
- SAPIR, Edward. **A gramática e a língua**. In: *Linguística como ciência: ensaios*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica. 1969.
- SCHMIDT, Max. **Die Guató**. In: *ZE*: 77-89, 1902.
- SCHMIDT, Max. **Indianerstudien in Zentralbrasilien**. *Erlebnisse und ethnologische Ergebnisse einer Reise in den Jahren 1900-1901*. Berlin, 1905.
- SCHMIDT, Max. **Reisen in Matto Grosso im Jahre 1910**. *Zeitschrift für Ethnologie XLIV (ZE)*. Berlin, 1912 (p. 130-174).
- SCHMIDT, Max. **Die Guató und ihr Gebiet**: *Ethnologische und archäologische Ergebnisse der Expedition zum Caracara Fluß im Mato Grosso*. In: *Baesslerarchiv* 4/6: 251-283, 1914.
- SCHMIDT, Max. **Ergebnisse meiner zweijährigen forschungsreise in Mato-Grosso**: September 1926 bis August 1928. *Zeitschrift für Ethnologie*, Berlin, n. 60, v. 1-3, p. 85-124, 1928

SCHMIDT, Max. **Estudos de etnologia brasileira**: peripécias de uma viagem entre 1900 e 1901, seus resultados etnológicos. Tradução de Catharina Baratz Cannabrava. São Paulo: Biblioteca Pedagógica Brasileira, 1942a. (Série 5ª Brasileira)

SCHMIDT, Max. **Resultados de mi tercera expedición a los Guatós efectuada en el año de 1928**. Revista de la Sociedad Científica del Paraguay, tomo V, n.6. Asunción, 1942b (p.41-75).

SEKI, Lucy. **Discutindo dicionários bilingües**: o caso Kamaiura. In: C.M. Fargetti (org), Abordagens sobre o léxico em línguas indígenas. I encontro do grupo LINBRA (pp.13-36). Campiinas: Curt Nimendaju. 2012.

SESAI. **Secretaria Especial de Saúde Indígena**.2014 Disponível em:<
<http://www.saude.gov.br/sesai>> Acesso em: 19 de agosto de 2019.

SILVA, Dayane de Pontes. Monografia. **O Guató como língua tonal**: uma análise acústica de pares opositivos. Rio de Janeiro, 36f. 2018.

SILVA, Denise. **Estudo lexicográfico da língua terena**: proposta de um dicionário terena-português. Tese de doutorado. UNESP- FCLAr. 2013.

TIEFFEMBERG, Silvia (ed.). Argentina. **Historia del descubrimiento y conquista del Rio de la Plata de Ruy Díaz de Guzmán**. Buenos Aires: Editorial de la Facultad de Filosofía y Letras; Universidad de Buenos Aires, 2012.

UNESCO. Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura. **Declaração Universal dos Direitos Linguísticos**. 1996. Disponível em:<http://www.letras.ufscar.br/linguasagem/edicao21/pdfs/declaracao.pdf>. Acesso em 10 de agosto de 2018.

WEINRICH, Harald. A verdade dos dicionários. In: VILELA, M. (Org.) **Problemas da lexicologia e lexicografia**. Porto: Civilização, 1979. p.314-337.

WELKER, Herbert Andreas. **Dicionários**. Uma pequena introdução à Lexicografia. Brasília: Thesaurus, 2004.

WELKER, Herbert Andreas. **O uso de dicionários**: Panorama geral das pesquisas empíricas. Thesaurus, 2006a.

WELKER, Herbert Andreas. **Pesquisando o uso de dicionários**. Linguagem & Ensino, v. 9, n. 2, p. 223-243, 2006b.

WELKER, Herbert Andreas. **Breve histórico da metalexigrafia no Brasil e dos dicionários gerais brasileiros**. Matruga, v. 19, p. 69-84, 2006c.

WILSON, Jim. **Guató word list**. Summer Institute of Linguistics. Brasília-DF.1959.

WIEGAND, Herbert E. **Was eigentlich sind Wörterbuchfunktionen?**

Kritische Anmerkungen zur neueren und neuesten Wörterbuchforschung. *Lexicographica*, v. 17, 2001.

WOUNNSOSCKY, Clariane. **Guató: navegante sublime desde o mar de Xarayés. O último indígena canoero de água pantaneiras.** Dissertação de Mestrado. UCDB, 2020.

APÊNDICES

APÊNDICE I – Pedido de solicitação de autorização de Ingresso em Terra Indígena Guató

Corumbá, 30 de abril de 2019.

Ao Cacique Luiz Carlos de Souza Alvarenga
Comunidade GUATÓ

Pedido de Solicitação de Autorização de ingresso em Terra Indígena

Eu, Danielle Urt Mansur Bumlai, brasileira, inscrita no CPF nº 506.949.791-04 e RG nº 000687270 SSP/MS, residente à Rua Edu Rocha, nº 1630 – Bairro Aeroporto, na cidade de Corumbá/MS, Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa na Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara - UNESP, venho por meio desta solicitar autorização de ingresso na Comunidade Indígena Guató, liderada pelo Cacique Luiz Carlos, na cidade de Corumbá/MS, no período entre os meses de maio de 2019 a maio de 2022, para realizar o Projeto de Pesquisa intitulado LETRAS NA PANELA DE BARRO: UMA PROPOSTA DE REVITALIZAÇÃO LINGUÍSTICO-CULTURAL NA CULINÁRIA GUATÓ, por meio da UNESP - Universidade Estadual Paulista (CNPJ 48.031.918/0026-82) Faculdade de Ciências e Letras Câmpus de Araraquara.

A orientação para a concretização dessa pesquisa é da Profa. Cristina Martins Fargetti, que atua como professora adjunta na UNESP Araraquara e na liderança do Grupo de Pesquisa de Línguas Indígenas Brasileiras - LINBRA, do CNPq.

No decorrer da pesquisa, pretende-se realizar visitas à aldeia, para coletar dados que possam subsidiar a pesquisa e contribuir com o ensino da Língua Guató na Escola Indígena João Quirino De Carvalho – TOGHOPANAÃ. Posteriormente, pretende-se produzir um dicionário enciclopédico ilustrado bilíngue guató-português e português-guató, que poderá ser utilizado como material de apoio na Escola da comunidade. Será realizado um trabalho de Revitalização Linguística, que servem de auxílio para o ensino de todas as línguas, neste caso, a língua Guató como segunda língua, com o objetivo de fortalecer um dos seus maiores bens culturais: a língua de seu povo. Além disso, contribuir também para o ensino da língua guató na única escola da aldeia, por meio do estudo da organização de um vocabulário terminológico do campo semântico da culinária guató.

Desse modo, entende-se que revitalizar a Língua é resgatar a cultura de um povo, é reviver cada pedacinho de história que existe dentro de cada um, e assim, transmitir conhecimento para todas as gerações, desde as crianças até os anciãos da comunidade, através de gerações.

Atenciosamente



Danielle Urt Mansur Bumlai
Doutoranda UNESP-Araraquara
Matricula nº LLP180361

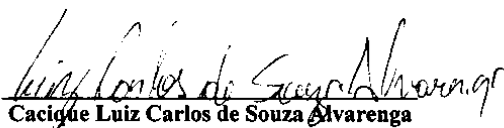
daniurt@hotmail.com (67) 99830-8908

APÊNDICE II– Autorização de Ingresso em Terra Indígena Guató**Autorização de ingresso em Terra Indígena Guató**

Eu, **Luiz Carlos de Souza Alvarenga**, Líder da Comunidade Indígena Guató, Aldeia Uberaba, sediada na Ilha Ínsua, **AUTORIZO** o ingresso em Terra Indígena Guató, que será realizado por **Danielle Urt Mansur Bumlai**, brasileira, inscrita no CPF nº 506.949.791-04 e RG nº 000687270 SSP/MS, residente à Rua Edu Rocha, nº 1630 – Bairro Aeroporto, na cidade de Corumbá/MS, Doutoranda pela Faculdade de Ciências e Letras – Câmpus de Araraquara – UNESP - (CNPJ 48.031.918/0026-82), a partir de maio de 2019 a maio de 2022, para realização de pesquisa relacionada à revitalização da língua Guató, com o objetivo de fortalecer um dos seus maiores bens culturais: a língua de seu povo, além disso, contribuir também para o ensino da língua guató na única escola da aldeia, por meio do estudo da organização de um vocabulário terminológico do campo semântico da culinária guató.

Sem mais,

Atenciosamente


Cacique Luiz Carlos de Souza Alvarenga

APÊNDICE III – Termo de Autorização para publicação de uso de material**TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO**

Eu, **Dalva Maria De Souza Ferreira**, brasileira, casada, dona de casa, inscrita no CPF/MF sob o nº 378997751-91, RG 2013506 SSP/MS, domiciliada na Rua 7 de Setembro, número 2970, bairro Cristo Redentor, Corumbá/MS, CEP 79300-000, pelo presente termo, autorizo **Danielle Urt Mansur Bumlai**, brasileira, solteira, Professora/ Pesquisadora, inscrito(a) no CPF/MF sob o nº 506949791-04, portador(a) da cédula de identidade nº 000687270 SSP/MS, domiciliado(a) na Rua Edu Rocha, 1630, bairro Aeroporto, Corumbá/MS, CEP 59000-000, a publicar o material linguístico coletado em meu caderno de campo e cedência de imagens (fotografias) para publicação de livro, tese de doutorado, e outros materiais de uso acadêmico ou escolar por esta organizada, cedendo-lhe, os direitos patrimoniais de autor do material presente no caderno de campo dele decorrentes.

Declaro que além da autorização feita acima, autorizo mais duas organizadoras para o material coletado: Cristina Martins Fargetti, Professora/ Pesquisadora da FCLAr/UNESP e Adriana Viana Postigo Paravisine, Professora/Pesquisadora da UFMS/CPAN.

Declaro que os materiais acima citados, cujos direitos patrimoniais foram cedidos, é de minha autoria e que assumo, portanto, a responsabilidade que me cabe pelo seu conteúdo, devendo, contudo, os Organizadores garantirem que os conceitos e o pensamento aí expressos permaneçam fiéis aos originais.

Declaro ainda estar ciente de que as publicações acima citadas serão submetidas ao Conselho Editorial do livro a ser publicado; a banca examinadora de defesa de tese de doutorado, e outros meios acadêmicos ou escolares, a quem caberá decidir sobre a viabilidade de sua publicação, estando, pois, a validade do presente documento condicionada à aprovação da publicação.

Por ser verdade, firmo o presente e dou fé.

Corumbá/MS, 13 de agosto de 2021.



Dalva Maria de Souza Ferreira

APÊNDICE IV – História de vida de Dona Dalva

Conhecendo Dalva Maria por ela mesma.

Aqui, algumas histórias contadas por dona Dalva referente aos dias de coleta de dados em sua casa, no município de Corumbá-MS. Os áudios foram gravados por meio do aplicativo de gravador para celular e transcritos manualmente. Dona Dalva faz a leitura de toda sua obra e fala em português e Guató, assim as palavras em Guató que retiramos do áudio foram conferidas com o material escrito da autora.

Dona Dalva e eu tivemos uma sintonia muito forte desde nosso primeiro encontro na Aldeia Uberaba, em 2019. Naquele dia, marcamos e organizamos como nos encontraríamos novamente para dar segmento a coleta de dados desta pesquisa. Depois de dois dias fui até a sua casa, bem cedo, para o café e para encontrar aquela simpática e sorridente senhora. Fui recebida com muito amor e pude ver em seus olhos o quanto a troca de experiências e a cedência e organização dos dados que ela continha era toda sua história, seus dias, sua caminhada, sua luta pelo seu povo, seu amor pelo esposo e toda sua família.

Iniciamos falando do projeto e de todas as mudanças ocorridas durante o trajeto. Assim, conversamos sobre comida, e dona Dalva nos contou como fazer peixe: “– coloca na panela uma camada de peixe, uma de mandioca, outra camada de peixe, daí abafa e não mexe com colher, somente sacode a panela, porque o peixe quebra todinho.” Ela explica que o peixe é a base da culinária Guató, e que comem capivara, que possui uma manta, que é a parte gorda da carne “-Essa parte gorda, salga ela e coloca no sol para secar, depois frita e come com farinha. Com jacuba de farinha – que é farinha com leite”.

Como não tem “quase” gado para tirar o leite, dona Dalva nos contou que na Aldeia mistura-se leite em pó na farinha e coloca água, mas precisam levar para a Aldeia leite em pó, farinha, pois antes eles tinham mais plantação, mas foi acabando, os únicos que ainda plantam mandioca são Severo, Wilson, Ney, Rosaldo (que é pai da nora de dona Dalva). Ela continua expondo que ninguém quer mais mexer com a roça, que agora só querem pescar, e as mulheres fazem somente o artesanato como meio de subsistência. Ela disse que antigamente as mulheres também plantavam, que a sogra dela plantava, pescava, caçava, fazia farinha, além dos afazeres domésticos.

Dona Dalva interrompeu que não precisava nem gravar o que estávamos conversando, que eu podia ir escrevendo, anotando como ela fez: “-faz um rascunho e depois passa a limpo. “É isso que eu faço sempre, quando eu tô conversando eu vou rascunhando, assim que eu fiz o meu caderno, eu conversava com as pessoas de mais de idade, os que falavam na língua,

porque eu não falo quase todas as coisas, eu falo bem pouquinho, né, mas eu tenho escrito. A minha sogra falava fluente, mas ela quase não tinha com quem quase conversar, aqui era eu e ela, nós duas, depois eu fui embora e ela não falava mais com ninguém. Porque quando eu ficava aqui, eu me sentava e ficava perguntando para ela, pegava meu papelzinho, ficava anotando. – Como que fala tal coisa? Mas, ela era brava, porque se você pedia duas três vezes ela falava “Parece burro, eu não sei ler nem fazer meu nome, tô falando e você não escreve direito” Dona Dalva dá risada e diz que deixava passar a zanga dela e perguntava de novo, assim seguia com as anotações e continua seu relato: “-Daí tinha seu João Quirino, finado, que é o patrono da escola, ele morou comigo, acho que uns 12 anos. E tudo isso eu ia escrevendo, perguntando para ele, ele falava. Eu tenho meu nome do idioma que ele que me deu. Meu nome é Matôdjárho que significa Flor Selvagem.”

Ela conta que seu João Quirino falava para ela “-você não nasceu na Aldeia, você não é Guató. E ela conta que é descendente de outro povo, que o pai dela era índio Aimoré, lá do estado de Minas Gerais, mas que não é guató, casou-se com Guató e assumiu a etnia e carregou o povo inteiro nas costas. Foi conselheira e representava os Guató, era chamada de Guató...pausa nesse momento “foram anos de luta!” Dona Dalva fica emocionada e segue empolgada: “-Meus pais vieram pra Corumbá...quando eles vieram não eram nem casados, minha mãe morava com os irmãos dela e meu pai deixou a primeira esposa lá em Minas, ele veio para trabalhar na construção da estrada de ferro Brasil/Bolívia. Eu nem existia ainda, minha mãe era jovem, ficou órfã e veio para cá. Eram duas irmãs. Minha mãe se casou com meu pai depois que veio para cá e minha tia com um italiano que trabalhava na construção da estrada de ferro também. Minha mãe conhecia já meu pai desde lá de Minas, a mulher dele morava na mesma cidade e já tinham duas filhas. Ele falou que ia para Mato Grosso e a mulher dele disse que não ia com ele pra esse lugar de gente grosso, - eu não vou pro lugar desse povo grosso não, sei lá o que vai acontecer pra lá (dona Dalva dá risada) e meu pai disse que precisava trabalhar. Nisso, ele veio e depois de 5 anos ficou com minha mãe. Não teve esse negócio de casamento, ficou ajuntado e pronto. Daí depois que acabou o trabalho na estrada de ferro, já tinha minha irmã mais velha e foi trabalhar na seringueira, para tirar borracha perto do Amazonas, foi aqui por água, por Cuiabá...eu nasci lá, divisa com Amazonas, no meio dos índios bravos lá, quase muito pouco civilizado. Nasci de noite, e no outro dia a primeira visita que tive foi de dois índios, que se comunicavam por meio de sinais, e pediu para levar a nenê pra eles verem. Minha mãe ficou apavorada, naquela época falava que índio comia gente – eles vão comer minha filha, esse povo bravo – daí meu pai me levou, eles me pegaram e levaram para fora, me levantavam apresentando pro sol, passaram para os

outros e voltaram e entregaram pro meu pai. Depois, levaram presentes e um monte de coisinhas.

Dona Dalva falou que nem o pai dela tinha falado que era indígena, que ela só foi saber depois que se casou, aí que ela foi saber que corria sangue indígena em suas veias. Do Amazonas ela e sua família foram para Cuiabá e de Cuiabá meu pai disse para minha mãe que ia voltar pra Minas: “-Eles foram de lá, pegaram avião, foram para o Rio de Janeiro, de lá pra Minas, só que chegaram lá e não se ambientaram mais a terra deles e voltaram e ficaram aqui em Corumbá, eu já estava com 5 ou 6 anos quando nós chegamos aqui. Daí criei aqui, estudei...estudei lá no grupo escolar no Luis Albuquerque, onde fica o ILA (Instituto Luis Albuquerque), depois no centro espírita ali na América, de lá vim para cá pro Duque de Caxias, e depois construiu o Octacílio Faustino (escola) eu passei pra lá. Fiz até o quinto ano, que era admissão, depois eu parei, fui trabalhar para ajudar meus pais, porque tinha os outros irmãos menores para estudar. E meu pai tratava roça e trabalhava na escola também. Meu pai plantava e eu colhia melancia, abóbora, saia vendendo, trabalhava mesmo para ajudar. Daí depois quando fui crescendo, me desenvolvendo mais, fui começar a trabalhar em casa de família, trabalhei na maternidade. Casei quando completaria dezenove anos, casamos em julho e ia completar dezenove em outubro. Dia 16 é meu aniversário e o dele é 15. Ele é de 1940 e eu sou de 47. Vai fazer 79 anos ele, eu vou fazer 72. Daí nos conhecemos, ele nasceu e criou pra lá, veio pra cidade com 15 pra 16 anos que ele veio lá da Aldeia. Entre namoro e noivado foram três meses, daí meu pai descobriu, porque Daniel é filho de Severo com a primeira mulher. Severo tem um casal e eu também tenho um casal, porém quando a filha dele tinha 3 anos, eu registrei no meu nome, registrei como minha filha, ela mora em Miranda. Dela eu tenho 3 netos e uma bisneta já, duas aqui do lado, foi criada aqui em Corumbá.

Nesse momento entra na casa de dona Dalva a filha caçula dela e ela nos apresenta dando risadas. Ela foi procurar a cunhada a Lenir, casada com Zaqueu, filho de dona Dalva. A filha mora na casa ao lado da casa de dona Dalva, os fundos da casa são abertos, tendo conexão entre as casas.

Dona Dalva continua...

“aí nós casamos, ele (Severo) já tinha arrumado casa tudo e nós fomos morar lá em Ladário. Eu já tinha tudo meus filhos quando mudei pra lá, essa aqui (filha caçula) já estava mocinha já. Nós fomos com uns vinte anos de casamento, agora esse ano fazemos 52 anos, mais de meio século...” (e dá muitas risadas). “É, verdade. Nós já passamos por muita peripécia e Severo fala que ele mais deu trabalho pra mim do que eu pra ele. Até hoje ele

ainda pensa e fala o que eu fiz com você, tirei você dos seios dos teus pais, depois levei você comigo, pra você sofrer agressões. Porque ele fala que tudo que aconteceu com a gente foi uma agressão né. Eu falo pra ele que passei e passaria de novo, porque não estou com você porque você é bonzinho, é santinho, porque tem dinheiro pra me dar, ou...não. Isso tudo é por amor, porque se não fosse por amor nós não estávamos juntos por 52 e poucos anos. Porque para suportar um casamento é só por amor, você vê que hoje em dia ninguém vive junto mais...o cara casa hoje, passa 2 dias já tá largando...então eu falo pra Severo, tudo que passei se tivesse que passar eu passaria de novo, porque eu estou junto com você (ela fala pra ele) não é porque você tem grande coisa para me ofertar, o que você tem é o amor que você me dá, meus filhos, meus netos, meus bisnetos. Hoje em dia as joias mais preciosas são eles, não abandonaria isso por nada no mundo. Nós estamos na Aldeia ainda porque lá está meu filho, meus netos nasceram e criaram ali. Mateus, está com 20 anos, meu neto mais velho, filho de Zaqueu. Nasceu e criou ali, isso tudo segura a gente. Eu falo pro meu filho – Nós, a nossa vida, nós vivemos por amor. As lutas, tudo que a gente já passou junto, sofrimento...a gente já passou fome viajando! Pela luta da terra ali, a gente passou fome junto. Nós chegamos na Aldeia e tinha umas cinco famílias, ninguém tinha nada, porque foi uma época que teve uma praga de tucura que acabou com a mandioca, comeu até o chão, não sobrou nada...Primeiro nós adquirimos o barco. Esse barco era pequeno, foi feito como barco de pesca. Mas, quando nós fomos, nós levamos comida, levamos roupa. Nessa época a FUNAI ainda tinha recursos, nós fizemos projetos e enviávamos.”

Perguntei a ela se as cinco famílias que estavam lá moravam isoladas?

“moravam três, uma para o lado de cá e outras duas para o lado de lá, na Bela Vista, na beira do rio Paraguai do outro lado. A mãe de Lenir (nora de dona Dalva) morava lá do outro lado e o outro era Rosalvo, o pai da Francisca” (é professora na escola da Aldeia, foi casada com Luis Carlos, cacique à época da Aldeia, e juntos tem um filho.

“Em 86 foi a primeira vez que fui lá, fui conhecer, fomos para ficar quinze dias e ficamos um mês, pois não tinha transporte e tivemos que esperar o barco boiadeiro, aqueles que carregam gado e passavam ali na Bela Vista. Eu sentava, ali na beirada do rio, perto de Porto Índio, sentava e chorava ali, e pensava que se eu soubesse nadar eu descia aquilo ali a nado.

Ela relatou que é contra o uso de bebida alcoólica que existe na Aldeia e diz que na época que Severo era o cacique não era permitido: “-Não é porque somos indígenas que vamos desrespeitar a lei, lei é lei, é para todos, para negro, branco, índio, não índio, para todo

mundo. A lei é uma só, onde começa teu direito terminar o meu, quando termina o meu começa o teu.” Dona Dalva sempre enfática em seu discurso.

Os netos de dona Dalva estão participando de nossa coleta, todos estão sentados prestando atenção. Ela segue feliz sem importar-se com o movimento da casa: “-Nós fomos lá em 86 e depois fomos correr atrás. A FUNAI já tinha feito a primeira viagem junto com Severo, fizeram levantamento do território, não só ali da ilha Ínsua, mas subiram o São Lourenço, fizeram o levantamento geral, dos que moravam aqui na cidade, dos que moravam na beira do rio, dos que estavam nas fazendas, de todo mundo. Por isso que tem o documentário 500 almas, eles falavam que os Guató terminavam em 500 almas.

Assim, fizeram todo o levantamento e perguntaram para seu Severo se ele queria lutar pelo seu território o qual tinha direito de lutar pela demarcação, homologação e registro. Nisso, a FUNAI de Brasília nomeou seu Severo como Cacique Guató e passaram um mês viajando.

Leopoldo, que mora ainda com dona Dalva, morava do outro lado da baía, no morro do pato. Ela conta que a baía não tinha fim, que passava o morro que ele morava e ainda tinha mais baía. Ali viviam somente Leopoldo e o pai dele. Seu Severo levou os dois para a Aldeia, mas somente depois de ter o barco Guató I, porque na hora ele não podia fazer nada e demorou uns anos, pois ainda era somente levantamento. Na volta seu Severo perguntou para dona Dalva sobre o futuro e ela perguntou se era isso o que ele queria e ele disse: “que ali era sua terra, seu povo.” Dona Dalva respondeu que se era aquilo que ele queria estava pronta para ajuda-lo. Dona Dalva contou que seu Severo disse que - ela era letra, sabia ler e escrever e que seria preciso ter essas habilidades. Ela terminou o ensino médio na escola da Aldeia, mas não lembra quando foi (e dá risadas). “Na época a Diretora nossa lá era Cilena. A escola começava com escolinha, desde 1995, porém nessa época era pelo município e a briga era mais dura ainda, porque eu vinha na prefeitura e cobrava mesmo, porque mais da metade de nossa merenda ía lá pra Porto Índio, porque as nossas crianças estudavam em Porto Índio. O convênio com a prefeitura não acabou e Cilena falou para pedirmos para o estado construir a escola. A escola existia, mas não era de alvenaria, era uma casinha de barro, um fogão a lenha no chão. Depois, a prefeitura deu um fogão a gás, eles davam o gás. Mas, a casinha era rústica mesma.”

Então, ela diz que na época que construiu a escola foi colocada a placa solar também. Que ela e seu Severo mandaram um documento para Minas de energia e que tiveram uma resposta positiva. Ela não lembra se foi em 2000, que foi entre 2000 e 2006 que a escola foi

construída, além da escola construiu duas casinhas para colocar a placa e um barco com motor 40 para escola também.

“Nisso passaram os anos. Nós estamos lá 23 anos já. Lá na Aldeia, Severo tem roça, tem mandioca, tem batata doce. Quando eu cheguei na Aldeia, tinha poucos falantes, os idosos. De lá não, era minha sogra que morava aqui em Corumbá. O nome dela era Josefina, dona Negrinha – irmã dela-, João Quirino, tinha seu Pedro – Seu Pedro estava no asilo, eu o tirei do asilo e trouxe pra morar comigo, daí quando nós fomos pra Aldeia eu o levei pra Aldeia. Seu João Quirino já era falecido.”

Dona Dalva afirma que na Aldeia não tinha nenhum falante da língua, que os que falavam moravam em Corumbá e diz: “-Isso que eu falo, tudo que eu tenho eu peguei na raça. Os Guató são bravo! São bravo na hora de conversar, já quer que você pega na hora. Falou uma vez duas vezes, você já tem que saber. E agora, só tem o Vicente, Vicentinho né, mora lá no São Lourenço. Lá era Vicentinho, dona Julia a mãe dele, o Zé e o Veridiano, todos eram falantes. Morreu todo mundo, só fico Vicente. Veridiano morou com a gente, lá na Aldeia, ele pediu pra morar e o aceitamos.”

Ela relata que a sina dela é cuidar de velhinhos. Primeiro foi João Quirino, depois Pedro e em seguida Veridiano. Que tiraram Pedro do asilo, e que lá tinha uma senhora que chamava Maria, mas ela não quis sair do asilo, era guató também e falava o idioma. Contou que quando dona Julia estava viva, que Vicente e ela só falavam entre eles no idioma e que perguntava para Vicente se ele não queria ir lá pra Aldeia e que brevemente ele respondia: “- eu não, não gosto de ficar amontoado, não sou bugiu (e dá risada) disque bugiu que fica amontoado.”

Dona Dalva aponta que tudo que eu está nos contando é sua história de vida, que foi muito difícil toda a caminhada. Que tinham amigos que os ajudaram muito, como o Conselho Missionário Indigenista, o CIMI. Em sua casa, antigamente, fazia reunião com 50 até 60 Guató, reunião entre dois e três dias e que convidaram o Bispo Dom José para reunião, assim seu Severo conversou com Dom José que disse para fazer um projeto para comprar um barco e enviar para o Ministério na Alemanha. Nisso, contaram todas as suas necessidades, principalmente a de construir um barco. Logo a resposta que o projeto tinha sido aprovado chegou e assim, fizeram uma Associação com o nome de Associação dos Índios Guató Canoeiros do Pantanal.

Assim, quando o barco ficou pronto, saiu a aprovação e eles subiram para a Aldeia. Antes, já tinham ido com outro barco, para fazer demarcação da terra, mas quando chegaram, o exército, o destacamento militar indagou a demarcação, não deixou fazer, porque eles

achavam que iam querer que eles saíssem de lá, porém, dona Dalva fala que não era viável que eles saíssem de lá, porque é faixa de fronteira: “-Antes os soldados vinham de Cáceres, aí depois com a divisão do estado que ficou pro Mato Grosso do Sul. Lá é divisa com Mato Grosso, lá tem um marco bem na Aldeia, uma parte está no Mato Grosso do Sul outro pedacinho no Mato Grosso. A Aldeia está dentro de dois territórios. Dali da Aldeia é mais longe de Cuiabá, do que da Aldeia pra Corumbá. Pra ir pra Cuiabá você tem que descer até na Barra de São Lourenço e pegar o rio Cuiabá. Tem outra Aldeia mais pra cima, na Baía dos Guató. Tem até um deles aqui, ontem ele estava aqui em casa, a mãe dele é liderança lá e chama Dalva também. Lá eles não falam a língua e ele falou que a única coisa que tem de alvenaria lá é só o postinho médico. E lá saiu a demarcação agora. Nós ficamos amigos no face tem 1 ano, mas ontem que conheci pessoalmente. Zaqueu o conheceu lá em Brasília, lá ele viu Zaqueu falando e foi perguntar se ele era Guató e também falou que era... a gente não agrada todo mundo, porque não pode agradar a Deus e o Diabo ao mesmo tempo né. Conhecemos as coisas de Deus, e sabemos que nem Jesus agradou a todo mundo e acabou morrendo na cruz. Eu agradeço a Deus, pelo tempo de luta! Agora tem o Walmir representando a FUNAI, mas antes não tinha, era eu que que fazia essa parte. Severo falava que fulano precisava de documento, daí eu sentava pegava todos os dados, levava lá pra eles e recebia o documento, assinava que recebia e entregava pro dono. A gente contou toda a trajetória no Ministério Público, eles perguntavam se ganhamos alguma coisa pra fazer esse serviço, e respondíamos que não, nunca ganhamos nada pra fazer. Porque a FUNAI tem funcionário pra fazer esse serviço.”

Perguntei para dona Dalva como foi feita a coleta do material e ela respondeu: “-de contato, contato pessoal.” Muito barulho externo. Estávamos sentadas do lado de fora da casa dela, na calçada. A filha dela leva água e café, nesse momento dá uma dispersada, mas ela continua: “-esse caderno aqui, ganhei de uma professora que trabalha lá, Josi. Ela encapou e me deu, um grande e um pequeno.” Dona Dalva abre o caderno. E diz que “está por ordem alfabética, em português né, mas aqui...” demora um pouquinho, enquanto folheia seu caderno. “esse aqui é só parte do corpo – corpo, seu corpo, meu corpo, corpo dele ou dela; pé - meu pé, pé pequeno, pé grande; mão – minha mão, sua mão, mão grande, nossa mão, mão boba; braço – meu braço, seu braço, braço fino, braço grosso; cabeça – minha cabeça, sua cabeça, cabeça grande, cabeça dele ou dela. Toda parte do corpo, pescoço – meu pescoço, seu pescoço, pescoço dele ou dela; perna – minha perna, sua perna; cores; meu olho, seu olho, olha azul, olho verde, olho preto, olhos grandes; orelha – minha orelha, sua orelha, orelha grande, orelha pequena; boca – sua boca, minha boca, sua boca grande, boca linda, boca

bonita. Eu escrevia e perguntava: como que fala? Como que fala boca bonita? Aí eu escrevia. Perguntava de novo: Como que é mesmo? Aí eu pensava: - tá faltando alguma coisa. Como que é mesmo que fala boca bonita? Aí corrigia lá, onde tinha anotado.” E ela continua: “- Barriga – minha barriga, sua barriga, barriga grande; nariz – meu nariz, seu nariz, seu nariz é grande, nariz fino; coração – meu coração, seu coração, coração grande, coração feliz; fígado – fígado doente, meu fígado, seu fígado, fígado inchado. Tem como perguntar: e meu fígado tá inchado?...Dedos – dedo da mão, dedo do pé, dedo cumprido, dedo grande, seu dedo; dedos do pé – dedo mínimo, dedo médio, dedo anular, dedo polegar. Aqui é do pé. Agora dedos da mão – polegar, indicador, anular, médio, mínimo; cabelo – meu cabelo, seu cabelo, cabelo cumprido, cabelo grande, cabelo preto, cabelo liso. Tudo que você tem no seu corpo. Rim – meu rim, seu rim, rim doendo; dente – dente branco, meu dente, seu dente; língua – sua língua, minha língua, língua grande, língua doce. Porque a língua do Guató ela é doce, a palavra que sai é doce. Falam que a língua Guató é doce, suave. É igual a música né, uma canção. É que nem postaram no face assim: uma foto com um nenê com olho arregalado e a música tocando: - se papai foi pra roça mamãe foi trabalhar. Aí o nene responde: - se papai foi pra roça mamãe foi trabalhar, quem está cantando???” E ela dá risada e dia que “Como que eu vou falar que a língua é doce se eu não souber pronunciar ela como é para ser pronunciada. Eu posso dizer que ela é doce, que ela é suave. Porque se eu falo para o meu esposo, o nome dele no idioma que é Magueco, eu vou falar com todo amor, porque é um nome que me dá satisfação de falar, me dá alívio, me dá prazer, me traz conforto, só de pronunciar o nome dele. Porque tem gente que fala porque ele chama Severo que ele é bravo. Não é não, ele é muito calmo, muito manso. E o meu é Matôdjárho flor selvagem. Foi o finado João Quirino que me deu esse nome, ele disse assim pra mim: - dona Dalva vou te dar um nome, não sei se você vai concordar com ele. Aí eu falei: - como que é? Ele disse: - dona Dalva você pra mim a partir de hoje você é Matôdjárho. Eu falei pra ele: - o que significa seu João. E ele: - Flor Selvagem. Porque você veio da selva. E eu vim do meio do mato, né. Onde eu nasci minha mãe dizia se gritasse só Deus ouvia. Meu pai que era índio e aventureiro.”

Dona Dalva lê algumas palavras e mostra as com y e indaga sobre o porquê de quererem trocar pelo i.

E dona Dalva segue explicando o caderno.

“caiu, anzol, costa...aqui já vem as palavras mais diversas, mamão, aqui é só nome de fruta, mamão, manga, melancia, goiaba, bocaiúva, banana, maracujá, ata ou plia – como o povo fala né, coco, caju, laranja, limão, lima, abacaxi, uva, tarumã, tamarindo, acuri, jatobá, maçã, pequi, mangavá, tucum, tucum preto, tucum branco - esses dois aqui são frutos do

mato. É uma frutinha que eles usam pra pesca. Aqui tá um juramento. Esse juramento eu fiz nos primeiros jogos indígenas. Eu fiz, eu falei todo esse juramento aqui no idioma – Ao vencer mais um desafio, na difícil caminhada...Não, esse daqui não, esse daqui é da escola. Juramento de formatura – De uma sociedade justa, livre, solidária, comprometo-me a contribuir, através da educação para formação de cidadãos críticos e comprometidos com a causa indígena.”

Perguntei para ela quem havia feito a tradução do material e ela me respondeu: “-Eu.” “E tem também o juramento...tá por aqui, tá pregado aqui. Aí tem os animais: cavalo, boi ou vaca, que boi ou vaca é o mesmo significado muvaká porque é com dois a, Kaa (esses dados não constam na obra manuscrita); cachorro Mavé -você pronúncia Mavé ou Mivé; onça pintada Mepagô; onça parda matxako; jacaré Mikôô; capivara Makô com acentoo primeiro o ; veado Medjavý; cervo – porque veado é um e cervo é outro, cervo é aquele que tem bastante galho Mytô; coelho Meky – miky; carneiro Mutcha; cabrito toguevagi; tatu miti; quati maradjarau; tamanduá bandeira mupýga; Guaxini bebe Marreti é que aqui está faltando um h para dar o som; cotia mutôô; queixada mapôdjarhô; lobo guará mungutô; sinimbu mykuarú é quase igual Kalango, quase igual lagarto, só que ele pula n’água, lagarto não pula n’água, ele é bem verdinho, e é para comer, é comestível. Eu nunca comi, mas o povo come. Eles sempre perguntam: - dona Dalva que come um sinimbu e eu digo que não (e dá risada). Diz que o ovo dele que é gostoso!”

Continuamos com toda energia.

“Aqui, lontra Mãëve; lagarto Myrhã, lagarto é aquele que dá no mato, igual jacaré, aqui nu fundo do quintal tem; cagado Motábo; porco mapôgary ou mapô yem duas pronúncias, põe uma e depois a outra; jaguatirica marôtxádjarhó essa aqui é jaguatirica né e o gato é Marotxa. Aí aqui óh é o gato do mato, tem o gato do mato Mýká. São três tipos de gato, tem o gato, tem a jaguatirica e tem o gato do mato. Cobra Mutxadjá; tamanduá mirim magûopigáe; anta maôô; macaco Mako - macô; bugio Mukuem; cobra coral mutxadjáguaraxô.

Em português, aves e pássaros, aí tem galinha, pato, tuiuiú, biguá, mutum, papagaio, periquito, periquito verde com amarelo, periquito papo branco, jacutinga, urubu, pomba, bem te vi, japuira, piritita, anu branco. Piritita é aquele anuzinho branco, a gente cria em casa. Tem o anu preto. Aí, anu branco, anu preto, anu azul – tem um meio azul, de tão preto ele chega a ser azul. Galo campina, João pinto, massabarro ou João de barro, coruja, jacu, jacucaca, rolinha...”

Dona Dalva incansavelmente continuou soletrando palavra por palavra na língua portuguesa e na língua Guató. Muitas palavras com notas explicativas e muitas histórias de vida. Anos de dedicação ao seu valioso material linguístico e com entusiasmo vibra por tudo estar indo no caminho que ela sempre sonhou. Ver seu material sendo estudado e organizado traz muita esperança para as novas e futuras gerações Guató. Ela diz que é apenas o início de novos tempos e espera que possamos seguir estudando, organizando e dando voz ao seu povo.

APÊNDICE V – Edição digitada (tipo Diplomática)

Edição digitada referente à coleta de dados acerca da Obra de dona Dalva Maria, disposto abaixo com a capa original do caderno, em ordem alfabética português/idioma, campo semântico e numerais, conforme seu manuscrito.



A

	PORTUGUÊS	IDIOMA
1	Anu Azul –	makurú
2	Anular (dedo)	yokôkákúymbó
3	Anzol	makiy
4	Ata (fruta)	maobutum
5	Abacaxi	mudýguadjycon
6	Acuri	mydý
7	Anta	maôô
8	Anu Preto	madýdjym
9	Arancuã (ave)	mykãna
10	Arara amarela	matôga
11	Ararinha	meevé
12	Arara azul	matáárha
13	Anhuma	matxuú
14	Andorinha	mutxabé
15	Azulão	maguadjýkôô
16	Ararinha cara preta	madárhú
17	Ararinha asa ponta amarela	maderý
18	Ararinha bico curto	marytum
19	Ave (pássaros)	myrégundjaé
20	Armal, peixe	ungô
21	Arroz	matxámo
22	Açucar	mabérhém
23	Alho	madórugatiaraia
24	Abóbora ou moranga	myté
25	Arco de flexa	magatia
26	Abanico (feito de palha de acuri)	matiancanato
27	Amarelo e cores claras	naratxó
28	Azul e verde (mesmo significado)	narapórhu
29	Acaiá (fruta)	matxum
30	Acurizeiro -	madedje
31	Acender fogo	Agopoégôta
32	Ânus	Maobu
33	Arara vermelha	matxága
34	Água	Magum
35	Árvore	modydjaorhamada
36	Até logo	ydyrhatxedjajo
37	Acabou	makuu
38	Arara vermelha e azul	mãraavy
39	Arco com bola de barro	madôgôpyinu
40	Abanos para fogo	tyacanáta
41	Abanos para mosquito	mapara
42	Arco íris	mypã

43	Arma de gato	Gatumakeu
44	Asas	masàà
45	Arara encarnada	Mâtôgamãs'ãga
46	Algodão	Muts'io
47	Alto ou altura	Toguéts'a
48	Agora	dygny
49	Aqui	gnekdjyny
50	Arco	magatia
51	Água pomba (fruta)	mapô
52	Andar ou caminhar	nakány
53	Algo ou alguma coisa	Era, ou hera
54	Até	Ydjyrhá
55	Amigos	Makuakuýr
56	Os	hayã
57	a	Aÿn
58	assar	byrhy
59	abandar	kauah
60	alegre	hyriguy
61	Antes	dékur
62	Auranhã	txogãny
63	Aterro	mahaborhô
64	Abano de mosquito	mapara
65	a noite	hamafy
66	até a volta	dekyadjayo
67	A tarde	mykoyé
68	Antes	dékyr
69	Amigo dos índios	Makuakuyr duny Makueu tscou

B

	PORTUGUÊS	IDIOMA
1	braço	mapó
2	braço fino	kadidjáviapó
3	braço grande	tafégarhôapó
4	boca	Madió ou (ma)ts'yó
5	boca grande	Atofégarogadyo
6	boca linda	nytovyndió
7	boca bonita	adjetogaruadió
8	barriga	Mypó - mypórho
9	barrica grande	toféypó
10	bunda	mafébu
11	bocaiúva	magueydje
12	banana	Ungudjá – mungudjá
13	boi – vaca	muvaká
14	biguá preto	Mytunhé
15	bentevi	Myvuu
16	biguatinga	mareem

17	beija-flor	myvé
18	bagre	myré
19	barbado peixe	maradákuadjá
20	bomba de tomar mate	matxukorhôyto
21	bacia	Mutotxévay - mátyókyr
22	banco para sentar	modykobadá
23	branco cor	Nakó – mákuó
24	banheiro privada	Maguafum
25	bola	mapá
26	boné	maokatxedafé
27	bolacha	matxarho
28	bocaiuveira	madeyguaydje
29	bôa noite	Ykovayú – orre – mafy - orrekyacoymum
30	bugio	Mukuem
31	bolo	magôrhéfortxaõ
32	bolinhas de barro (argila)	madogopyno
33	banquinho de madeira	mykyrbadá
34	bilhas de barro (pote para água)	Matũ
35	beber	Gogúgny – gogũgyny
36	braço do rio	joyáky
37	baia	magarhomurekum
38	barco grande	Mafeeruto - moytomouu
39	barco	Mánỹ
40	barco pequeno	moudynouu
41	barro	Mapiyno
42	boneca de pano	Mas'yovyr
43	baguari (pássaro)	mugá
44	baguari (outra espécie)	mãgueagã
45	borboleta	muboótá
46	borboleta (outras espécies)	mandaguntá
47	bonito	Nytuoavy - nytou
48	batata	mouká
49	baixo	diópada
50	branco (pessoa branca)	Makuó akuachou
51	bravo (sentido selvagem)	Nakêdza
52	banho	magoum
53	bom	nytoavy
54	bom dia	Tedefédytخورhê – macho –baracuatxô-orrê
55	boa tarde	Candyderédycayé – nykayé - nyrédy
56	boa noite	Orrekyracoymum – mady – ykováyu - orre
57	bananeira	madêguadjá
58	bico de seio	Yãfa – yũfa –
59	buscar	Hãryka - rhãryka
60	bater	nekéera
61	brigar	Ahedz'az'yng
62	bom dia	Oyheby - oyrheby
63	bigode	ykagá

64	bezerro	modyvaká
65	banho	magoum
66	banheira	maguakum
67	beijar x chupar	oferhy
68	brabo x triste	ykúro
69	brinco	hyravé
70	bom x bonito x gostoso	Odytovú
71	banha	maygyr
72	beira de morraria	makayhapó
72	barba	makuãbó
73	bom dia	nytoavytxadorhê
74	bisnetos	yngarhoỹ

C

	PORTUGUÊS	IDIOMA
1	Corpo	Itadjá
2	Corpo dela ou dele	raytadjá
3	Cabeça	Mundokuê – odokuê
4	Cabeça grande	Kayaféodokue
5	Cabeça dele ou dela	Djuodokuê
6	Coração	Macogô
7	Coração grande	toféguákôgô
8	Coração feliz	Macôgô nytovogayo
9	Cabelo	Makũ
10	Cabelo cumprido	Tovyanoaguakũm
11	Cabelo branco	Guakôdiaguakô
12	Cabelo preto	Nypédynguakô
13	Cabelo liso	Nakôdinguakô
14	Caiu	Matxingú
15	Costa	Ycodjavéru
16	Côco	Togueydje
17	Caju	Matôbupá
18	Cavalo	matodjyepago
19	Cachorro	Mavé
20	Capivara	Makôo
21	Cervo	Mytô
22	Coelho	Meky – miky
23	Carneiro	Metxudjedjavy
24	Cabrito	Dytodjedjavy
25	Caxinguele	Marredjy
26	Cotia	mutôõ
27	Caititu	Maguaripôo – maguaryphô
28	Cagado	Motábo
29	Cobra	Mutxadjá
30	Coruja	Macôô
31	Caburé	Mumbôo
32	Caracará (pássaro)	Makúu

33	Carão (pássaro)	matõo
34	Caramujeiro (pássaro que come caramujo)	Mararhó
35	Cardeal	marobikuo
36	Curimbá	myvô
37	Cascudo	Madũ
38	Cachara	Maphogurho
39	Catarina branca (peixe quase igual piranha)	Mutxedekuá
40	Catarina preta (peixe)	Mugorhu
41	Coxa de negro (peixe)	Mytxõ mikua
42	Caravaçu (peixe)	mybotxy
43	Cebola	madórhu
44	Café	dypémypékô
45	Colher	Maguévay
46	Copo	Matxuco
47	Caneco	Matxugogum
48	Chaleira	matyakopeigum
49	Concha (que dá no rio e que era usada para tomar sopa)	Maguá
50	Colher de pau	Maguadá (dá é de madeira)
51	Canoa	Manum - many
52	coberta	mavérhu
53	Chapéu de palha	Maokuo – maokuro
54	Casa	Movo - movyr
55	Cadeira	mykobadá
56	Criança pequena	Myty - mytxy
57	Caneta – lápis	Matyogoguaigua vedydy
58	Caderno – livro	maguafédydy
59	Comi peixe	Maotxa degunty
60	Comida	maotxa
61	Carne	Marum - marhum
62	Carne de peixe	Marhumgunty
63	Carne de vaca ou boi	marhunvaká
64	Carne com arroz	Gũruguedjedjatxamo
65	Chimbuva (árvore para fazer canoa)	manuvy
66	Cambara (árvore para fazer canoa)	mararhubynarabinum
67	Chico magro (árvore)	mudjii
68	Cambucá(árvore)	Mupádatxy
69	Carandá	mufôo
70	Canifisto	mytxiridá
71	Colhereiro	myratagá
72	Cachorra (Peixe)	maguegomighá
73	Comer carne de capivara	dytairogorhugokôo
74	Corpo humano	otadáganum
75	Criança feliz	mytynytovogayo
76	Criança pequena	Myty mitxi
77	Cobra coral	mutxadjáguaraxô
78	Coqueiro	togueydjeyrhô

79	Calça	mavaetá
80	Camisa	mafaé
81	Colar de sementes	madsahuag
82	Corda de arco	Mat'saagátyr
83	Corda de tripa de macaco	Guaryba
84	Cascara de abóbora	matuyéko
85	Cesto de folha de acuri	mundá
86	Chapéu de palha de acuri	márokuyr
87	Cola de peixe	madóko
88	Concha (espécie)	mãguãzípy
89	Concha (outra espécie)	Maguoë
90	Concha) outra espécie)	Myūry
91	Concha (outra espécie)	mutýdãgua
92	Comer	Guarôgany ou guárogn
93	Concha (com que as mulheres tomam sopa)	maguáa
94	colher de pau (com que os homens tomam sopa)	maguaadá
95	Chuva	Mavãë ou mavy
96	Cuia para tomar mate	Matônyéko
97	Cobra cascuda	Modjydjipao ou mojjjipao
98	Cobra cascavel	midjyiy
99	Cará (peixe)	Myboõtšy
100	Como é	dyruãdé
101	Comprimento (tamanho)	oyoheby
102	Correr	nyguoay
103	Cortar	Makumbá
105	Chamar	okãaye
106	Cantar	Mãrho ou mãho
107	Chorar	mánone
108	Cérebro	toory
109	Cotovelo	marópa
110	Coxa	Uvy - huvy
111	Cabo de machado	maundãko
112	Cesto trança de folha de acuri	mundá
113	Corneta para chamar	Mũpõ acento til no u
114	Castaneta de casco de animal	Máts'urubó
115	Cabo de arpão	Eyda - eida
116	Caminho	maouvy
117	Cachoeira	apowakou
118	Cascara de alho	maluyguiný
119	Chupar cana	arogueda
120	Cana de açúcar	maguida
121	Crepúsculo	Efagndanuvãë
122	Cinza	Moforáta = fogo de terra TÁ é do fogo
123	Capinzal	Madjo ou geo
124	Cigarro	matáhedjy
125	Céu	Muts'a
126	Chalana	Mypé dybérhum

127	Coberta	mavérho
128	Criança (criança maior)	macagidia
129	Cimimbu (lagarto verde fica na árvore e qualquer barulho pula na água)	mykuarú
130	Comprimentos	machô
131	Bom dia	tedefédytxáadorhê! Orre-Barakuachou
132	Bôa tarde	Candyderédjykkoyé – nykaié – nyrédy orre.
133	Bôa noite	Orrekyracoygum. Orre - mafy
134	Bom dia	Oyheby - oyrheby
135	Caderno	Maguá fédydí
136	Café quero	mypéykô
137	Cajueiro	matugôpá
138	cagar	takúuyu
139	Cimimbú	mykuarú
140	Caixote	utxeadá
141	Côco	mygê
142	Copo de vidro	matxékôrha
143	Cafezinho Pássaro	Mytxy (nome do neto de dona Dalva na língua Guató zaquelzinho)
144	chá	Matxyatxã
145	caçar	GarhôtXú
146	chapéu	mérhokuyr
147	Chicha	mukôdá
148	Chicha de bocaiuva	Mukôdá magueydje
149	Copo com água	matxeogogum
150	Cachimbo	Mathedje - matedje
151	canôa pequena	Mũdymantum
152	criancinha	mobe x moembué
153	cumbuca	matuyékô
154	calor	mapoyr
155	conversa	Poegã
156	Como é o nome	dydjeny
157	comprido	kyruiyr
158	cuspe	kyrũp
159	Caldeirão	mikyvay
160	Cadeira	mykomabadá
161	cuidar	haregãny
162	cozinha	maotxeguy
163	cansaço	marakayo
164	cochilar	edjykuyny
165	cair	otxygui
166	cuida	Torhegany
167	cuspir	torrekyrho
168	coisa	rekô
169	cavar	wãféogã

Nota: a autora enumera as alinhas, com isso, algumas palavras ultrapassam uma linha e seguem para a próxima com outro número, porém com a mesma palavra. Ela ao final coloca o número total de palavras (145), contudo foram 169.

D

	PORTUGUÊS	IDIOMA
1	dedo	Mutxyadarhó
2	dedo da mão	atyarárho
3	dedo do pé	otyadabó
4	dedo comprido	tokyatxedararhó
5	dedos do pé = dedos grandes	tofédetxadarhá
6	dedo polegar	otoabá
7	dedo indicador	Yokoka togobó
8	dedo anular	Yokoka kuýmbó
9	dedo mínimo	Ycyimbó
10	dedo mindinho	Yokuabó
11	dedos da mão	
12	dedo polegar	Otogora-ru
13	dedo indicador	Okuyora-ru
14	dedo anular	yokokyvayo – kuyrá-ru
15	dedo médio	Ogyvakara -ru
16	dedo indicador	Ogyobygivara-ru
17	dente	makuá
18	dente branco	makumakuó
19	dourado (peixe)	macujá
20	domingo = dia da semana	nakuadetxó
21	dançar – cantar	Agatxã ou vãgããts'a
22	Deus	ochewekum
23	duro	notõ
24	diabo	moukelenguy
25	dormir	Natacanil - odákuany
26	dente de onça	Makúadjepago (nome de zaqueu filho de dona Dalva)
27	dente de jacaré	maguêkô(nome de seu Severo esposo de dona Dalva)
28	dia	Machuo- matxuo
29	deitar	Okũgua
30	dormir, versão 2	adákuany
31	dá licença	magoxôvadedégno
32	de novo - outra vez	namarha
33	de novo	Vyrmara
34	dar	Odomarhy - adomahy
35	defecar	Kéragũkũ
36	doente	okoay
37	dansar	vãgaãtsa
38	dor	Ardorhyen
39	desenho de pedra	Maguare-kú
40	desenho pintado	Egwary

41	dar-me	tukiatrixou
42	dar-a você	tukydomaha
43	de manhã	barhakuatrixou
44	de dia	matxon x uhatxou
45	deitar-se	mayékurhé
46	deitar	Okũgua Mayékur
47	dente dele	uykuyvãe
48	doença	Napôya x mapôyada
49	dormir x sono	edutákony
50	descomprometida	morhadja
51	dança	magatxã

E

	PORTUGUÊS	IDIOMA
1	Eu	oyo
2	Escola	maguarhodjuarho
3	entende	yguararu
4	escroto	opãнку
5	esteira de acuri	Mádaakútsky
6	esteira de junco (planta)	Myró
7	espirrar	Matsya – aletxyan - Aterhyan
8	esposa	Mauâdsy – mourhadjadsy
9	esquilo	maréiye
10	ema	Matũũ
11	escuro	Aguary
12	Estrela da noite	Mabogafy - mobomafyi
13	Estrela	mabo
14	estou de pé	dytogany
15	estou engasgado	Nakyo
16	Eu não quero	Egoetoco - ygoeteko
17	Enxada ferramenta	madjevay
18	Espora de galo	yobumbõ
19	Embáuva (árvore)	mamáadã
20	Eu ando	Okany
21	Estar alegre	Atarũdjou
22	Ela chora	aouny
23	Este aqui ou aqui	Gyne ou djyne
24	Estar doente	Nákũvê
25	Escravo de João pinto (Nota: passarinho podendo ser bico de prata)	Makũũrhe
26	Espatula p/ sopa	-----
27	Estrela Dalva	Mutobõo
28	Erva Mate	Marhoytô
29	Erva que serve come	Marhõdjyto = marhõdjuto
30	Estou	
31	“-Esta fazendo canoa de cambara”	na-numagonũgo robynũ
32	Eu gosto de dançar	Aretõvomanygaguatxa
33	Ele dorme	Enakuyduny x Nakyny

34	Égua	evytodyepago
35	Ele cozinha	maotxeguyvy
36	Ele sabe	neyoquiny
37	Escuro	maguadjery
38	Estragado	magotxe
39	Estomago	marhapé
40	Eu pesco	oyomakyo
41	Esse	Manỹ

F

	PORTUGUÊS	IDIOMA
1	Fígado	Mapé – y'pé
2	Fígado doente	Maguapé nakoré – guapé nakoré
3	Fígado inxado	Narakuguapé
4	Feijão	Myparyoká - parioká
5	Farinha	maty
6	Faca	matxévay
7	Facão	matotxévay
	fogão	marhetá
8	Flexa	Maxê
9	Foice	Macogu
10	Fogo	Matha
11	Folha	makuadár
12	Fígado de boi ou vaca	Mapévakáa
13	Feliz	nitovogayo
14	Fígado de capivara	Mapékôo
15	Fazer	onõhonã
16	Fumaça	magy'
17	Fumar	Guahegy
18	Floresta	Modjão
19	Ferrão de arraia	Mos'ybáku
20	Filho	bé – Atora
21	Filha	yó - moudjohadjá
22	Frango d'água	máguãato
23	Formiga	mãrômô
24	Formiga espécie	Mufãra
25	Formiga carregador	Mukuyr
26	Formiga tocanguira	Mus'iebyr
27	Flor	Matoadár
28	Fruto de tucum	Matakúuvets'e
29	Forno d'água (Nota: planta que dá flor conhecida como vitória régia, comestível – faz canjica dela)	Mỹguãtã
30	frio	Nakarákuayo
31	feio	Myfau
32	festa	Maferyto
33	fumo	Mabó

34	flor branca	Matoadá akó
35	figo	Majeoká
36	flor selvagem	Matôdjárho (Nota: nome dona Dalva dado por seu João Quirino)
37	folha	Macujé segunda ponúncia
38	flor	matuadáa
39	foice	Macoogu
40	falar	Mouteu
41	febre	Apoudjá
42	fronte (Nota: da cabeça)	boory
43	flechas para pássaro	tauats'y
44	flôr do campo	matogagodjogúm
45	flôr verde	borhútô
46	flôr que ilumina ou alumia	Guarytô-Biga
47	flôr do Pantanal	matũdjarho
48	fritar	magorhé
49	fruta	mydjé
50	fugir	mybum
51	fundo	akatzum
52	foca	motxevahy
53	fome	Otxokákyo
54	fino	ytady

G

	português	idioma
1	Goiaba	Magundjá
2	gato	Marotxa
3	gato do mato	Mýká
4	galinha	Magarydjáé
5	galo campina	Mutakú
6	garça	Mycú
7	gavião	Matogoué
	ganso	Mavôga
8	garfo	Mutxádaguévay
9	gamela (nota: panela de madeira)	Moxadá
10	gameleira (árvore)	Morhé
11	ginipapo (nota: árvore frutífera)	mató
12	guanandi (nota: árvore)	Maguarubynum
13	garrafa de pinga	matxãpôkãã
14	garganta	Yotonyto - yotoryto
15	grande	tôofaé
16	galho	Ykiryabó x matabó
17	gente	masyrvuyr
18	golfinho ou peixe porco	méiky
19	garça cinzenta	mãaguaha
20	gaivota	mãanguana
21	gralha	tomatê

22	gavião espécie	Mêdz'aha
23	gavião espécie	Marôdz'ekana
24	gavião espécie	Maguykyngua
25	gavião espécie	Mũtãkorãape til no u
26	grilo espécie	Tomoye'êié
27	grilo espécie	Movyrcú
28	grilo espécie	mãkôdyé
29	grilo espécie	maiyéhe
29	Guapé (Nota: planta aquática que usa para artesanata)	mudãda
30	Gêmeos (Nota: humano)	dytxitenevyaum
31	Goiabinha (Nota: do mato, para pescar pacu – cozinha antes na água quente para colocar no anzol)	myguá
32	Garanhão	
33	gritar	
34	grosso	
35	guerra	
36	gole	
37	gordo	

Nota: número 29 repete duas vezes, porém com palavras diferentes. O número 32 ao 37 foram somente escritos na língua portuguesa. Número 07 pula uma palavra, passando para o número 08, o que faz que sejam 38 entradas.

H

	Português	Idioma
1	homem casado = marido	Ma"dãẽ
2	homem	madé
3	homenzinho	mudjydé
4	hoje	gatxôny

I

	português	idioma
1	Irmão	Adunyguru
2	Irmã	aryagevoru
3	Ilha	Guatoyéky
4	Iara	maguayu
5	Ingá (Nota: árvore frutífera)	Mykuy
6	Ingazeiro	Myrádz'a
7	Índio pantaneiro	matxevérquakãa
	Índio	Matxevér
8	Índios raíses	Magueu'chou – magueu'txou
9	Irmão mas velho	Ts'yna
10	Irmã mas velha	Dydáhur
11	Irmão da mãe	Kuyr
12	Irmã da mãe	Mé

13	Irmão do pai	kuyr
14	Irmã do pai	pá
15	Índio (Nota: outra versão)	Makueu-txou
16	Índio Guató	Matxuvanárhō
17	Ir	yrdekuradjá
18	Ir embora	yratxedjá
19	Isso	yendekua

J

	Português	Idioma
1	Jatobá (Nota: para colar flecha e sua ceiva usada para remédio)	Mukú
2	Jacutinga	Maguaykãna
3	Jaguatirica	marôtxádjarhō
4	Japuira (Nota: pássaro preto e amarelo, ele imita todos os passarinhos, é um imitador)	magonum
5	João pinto (Nota: tem o seu escravo)	matáabý
6	João de barro ou massa barro	Mypába
7	Jacucaca (Nota: pássaro grande, para comer como a jacutinga)	matodjykana
8	Jaú peixe	Maguatxa – mýpéz e gũty
9	Jatobá mirim (Nota: árvore menor)	Madeukũu
10	Jacaré	mykôo
11	Jacú (Nota: pássaro)	matodjé
12	Jaburu (Nota: pássaro)	Nyéko
13	Jacutinga espécie	Mãhu
14	Joelho	marôga
15	Jogo	makayno
16	Jenipapo (Nota: árvore com fruto para comer, fazer pintura indígena, pescar)	matô
17	Jaguar	mafaédyépagō
18	Jovem	nybotyguy

L

	Português	Idioma
1	Língua	Matxádió, chagy, Txagỹ
2	Língua grande	toféytxadió
3	Língua doce	otxádiobérhem
4	Laranja	matxyadá
5	Limão	Morymão
6	lima	matotxyadá
7	Lobo guará	mungutôo
8	Lambari	mutãna
9	Lamparina	Matóy
10	Limoeiro	madeydjolimão

11	Laranjeira	Madeytxyadá
12	Lua	Múpyna, upyna
13	Lança x zagaia (Nota: uma lança com ponta de ferro para caçar onça)	Madz'ur
14	Lenha	Mo'kué
15	Lago	Magárho
16	Lontra	Mãeve
17	Lagarto	myrhã
18	Largatixa	Mybêrêku acento no e til
19	Limpo	Mýs'ia
20	Livro	maguafédydi
21	Lapis	Matyagoguay guavédydi
22	Leve	Nytõãm
23	Laranjinha (Nota: fruta usado para pesca)	makodjê
24	Limão com açúcar	ygydjabé
25	Lagarto espécie	Mypêery
26	Lagarto espécie	Mybêrêku
27	Limpar	Êguãrhadja
28	Lançar	guãyrha
29	Lábios	yguaýoo
30	Lá ou aqui	hany ou any
31	Lá	Hy, rhy
32	Lavar	Kuafúwaafé
33	Ligadura para colocar nas pernas	Matsurobó
34	Lágrimas	nagary
35	Lua x mes	Ópynahy
36	Lingua Idioma	Gotythũ
37	Leite	magundjáká

M

	PORTUGUÊS	IDIOMA
1	Meu corpo	ytadjárho
2	Meu pé	Abórho
3	Minha mão	Ararho, mateyára
4	Mão	Marha
5	Mão grande	tovyanoyrha
6	Meu braço	Apórho
7	Minha cabeça	adokuerho
8	Meu pescoço	ydarytôo
9	Minha perna	avyrho
10	Meu olho	Arérho
11	Minha orelha	Arérho
12	Minha boca	Adyórho
13	Meu nariz	atararhõ
14	Minha barriga	ypórho

15	Meu coração	Acogorho
16	Meu fígado	Apérho
17	Meu dedo	obygararhò
18	Mínimo	yçuimbó
19	Médio	Yokuabó
20	Meu Cabelo	Acúrho
21	Meu rim	Otyrho
22	Meu dente	Aquárho
23	Minha língua	otxadyórho
24	Mamão	Momamão
25	Manga	matxiopatxyada
26	Melancia	mãguadjycom
27	Maracujá	Matôrhô
28	Maça	mypákúy
29	Mangava (Nota: fruta)	madeydjagundjá
30	Macaco	Mako - macô
31	Mutum	makanã
32	Macarrão	mobydatxamo
33	Milho	Madjerho
34	Maxixe	mudjyguadjykum
35	Milho de pipoca	Madjerhoká
36	Mosquiteiro	matxerevá
37	Machado	makôo
38	Mulher	gevôamorhadjá
39	Menino	mudydé
40	Menina	mudyorhadjá
41	Me dá comida	Tukimaoxa
42	Mulher bonita	Morradjaadytôrha
43	Meu pai	akunrho
44	Meu irmão	Adunyhyro
45	Minha irmã	aduny
46	Minha filha	Atorhadjevoru , djoyó, jyó
47	Meu filho	atorharo
48	Minha mulher	Adjevorhu
49	Minha mãe	Adjyrho
50	Mulher velha	mevôtuiguy
51	Mangueira	matxiopatxyáda
52	Mãe	Agirho
53	Mamãe	Mémé
54	Mocotó	Mabôvaká
55	Mate	Marôdjytô
56	Mingau de milho	morhôdjerho
57	Me dá uma pinga	tukymapôkãa
58	Mandioca	mámáa
59	Mosca	Mayé
60	Morro	Marápô
61	Marido	Madãẽ, matay, homem casado
62	Mãe do marido e mãe da esposa	gyorha

63	Mulato	Neopyaego chou
64	Macaco espécie	Máku
65	Macaco espécie	Maepo
66	Macaco espécie pequena	Ma' sãary
67	Macaco boca d'água	Maguá arhu
68	Morcego	Muts''yga
69	Marreco	magvêbo
70	Mosca espécie	Madz''yrho
71	Mutuca	Myvóotá, nyvóotá
72	Mosquinha	mārôrê
73	Manduri espécie abelha	manõpynõ
74	Marimbondo espécie	Maguárha
75	Mel	Mápágua
76	Mosquito	Maká
77	Madeira	Madar
78	Mangava ou mangave bicho	mararytá
79	Muito longe	okuóheya
80	Mau ruim	Nykura
81	Manso calmo	Manyndê
82	Mãe da mãe (avó)	Kũngvuyr
83	Mãe do pai (avô)	Kungvãẽyo
84	Mulher branca	morradja guakó
85	Mato	madjarhó
86	Meleca de nariz	napyry ygundjatiga
87	Mulher negra	morradjagypé
88	Moça	Myda
89	Mancha	Yguaridave
90	Meu patrão	Ahekaru
91	meu pé está sujo	nyrói abórho
92	minha mão está suja	nyrói araru
93	minha irmã	aduny hygevuro
94	mulherzinha bonita	dydjavoadytôoga
95	mulher bonita segunda pronúncia	marhadja odjygaradjá
96	massa barro esp (Nota: espécie de passarinho)	maguanÿpabá
97	mosca espécie	mayé
98	matar	Kêrãgãgũgu
99	morder	Etã - Eta
100	morrer	Vãts'ógã
101	medo	moutaguagagátu
102	muito	toapũ
103	mergulhar	afeuguá-guá, verbo que vem da água
104	matar	negung
105	mesmo	Õbýgakú
106	minha pressa	Orhékahũ
107	mulher casada	Gevô
108	marido dela	mãbutxa
109	minha neta	Akarú

N

	PORTUGUÊS	IDIOMA
1	Nossa mão	djyotxyadarha
2	não têm	Bydjá
3	não quero mais	Mutxarho
4	não quero	Iveférho
5	não	Adégo, ego igo
6	nós	G'okô
7	neto – neta	Yngá
	ninho	mãgunyitso
8	nossa casa	Ochyovyr, movyr casa
9	nuvem	Mukyátayr
10	noite	Mafy x nayty
11	nunca mais	nyaniaeso
12	nariz	Matxyóga ytaga
13	nariz fino	aydjyféatagaró
14	nascer do sol	napetxa nuvé
15	negro (Nota: pessoa)	mybaya-txou
16	nadar	Naafúruyúgu
17	não índio (Nota: pessoa branca)	mugarhé
18	na	nÿra
19	não quero	ygobydja
20	nariz x bico	ytaga
21	navalha	nykévay
22	no colo	nadabôny
23	novo	ebynekuy
24	nunca	yrhagó

O

	PORTUGUÊS	IDIOMA
1	Olho	Maré:y, raé
2	Olho azul	Opórhoyré
3	Olho verde	Napórhuyré
4	Olho preto	ypéyré
5	Olho grande	toféyré
6	Orelha	mavé
7	Orelha grande	Matofégarhomavé
8	Orelha pequena	matodyféavy
9	Onça	mepago
10	Obrigado	madjarho
11	Ovo de galinha	makogaryfaé
12	opinar	ókyra
13	Onça grande	matõõfaé
14	O que	uãgua
15	Ombro	Yúkuyahu, yúkuyarhu
16	Orelha de Gamela	mutxavé

17	ou	Ouñn
18	ontem	makué
19	O baile acabou	maku manygofetá
20	Olhar x procurar	heyré
21	O	hũ
22	osso	morhôdjavy
23	Onça parda	matxako
24	ouvir	makũyr
25	ovo	makodjé
26	ouvido	mavétxavy

P

	Português	Idioma
1	pescoço	matôo
2	pescoço dela e dele	atxarhytô
3	perna	muvy
4	(de pé) polegar	otôabó
5	pênis	matxô
6	peido	myntxé
7	pequi	mykuadjá
8	porco	mapôgary=mapô
9	pato	mybó = mymbó = pata myvô
10	papagaio	mykũ
11	piriquito verde	mytaba
12	piriquito papo branco	mytô; myttô
13	pomba	mykũ = mykyrha = mykym
14	piririta = anu branco	makôrharhô
15	peixe	megunty
16	pacu	muguaká
17	piranha	muthôa ou mũt''yr
18	pinhé (Nota: gavião)	maguakúy
19	piavussú (Nota: peixe)	marhadegunty
20	pacúpeva (Nota: peixe)	mupá
21	piraputanga	matxyadada
22	piava (Nota: peixe)	muthorha magugué
23	piquira (Nota: isca de peixe)	muthorha
24	peixe cachorro	maguego mygho
25	pimenta	marobadjé
26	pimentão	myturubadjé
27	prato	mutxá
28	panela	mykovay
29	pegar chaleira	dydoriyunvyvay
30	panela de barro	mykopino
31	picareta (Nota: ferramenta)	teta aku
32	penacho	maparaédjy = myparédycy

33	preto côr	nypé
34	primo	Adiarédyru
35	prima	adunydiarédjyru
36	perto	Nypéyo = 2ª opção Orapé
37	pai	akunrho
38	papai	bapá
39	pão	makumatxáro
40	piquiseiro (Nota: árvore de pequi)	madeydjykuadjá
41	pé	mabó
42	pé grande	toféroybó
43	pintado	mapôo, maphôo
44	pá (Nota: para pegar lixo formato coração)	atioguafo
45	peru	mytxyatinga
46	piriquito verde ponta asa amarelo	Mýrüdõ
47	pinga	mapôkãa
48	passarinho ou pássaro do campo	txadyrõtxa
49	pássaro campeiro pequenino	txodydjyakã
50	pássaro pequeno baio	tandjôbodôo
51	pato do mato	membóó
52	papo de bugio	mymbotôkuẽm
52	piriquito prateado	guygupê
53	pai da mãe (avô)	ts'ávuyr
54	primo mais velho	ts'yna
55	prima mais velha	adunts'yna
56	pai do marido	dẽêtê
57	pai da esposa	dẽêtê
58	primo mais novo	dydáhuyr
59	paca	Mytsiãvyz''iyto
60	pássaro	madjahé
61	pombo	mabôo
62	picapau	mytũmbavy
63	papavento	mytãmũhã
64	piolho	mapaguá
65	pequeno	dzavy - djydvavy
66	pesado	ytavo
67	podre	eyguaoraêa
68	prima mais nova	adundáyr
69	pai do pai – avô	tôvãêyo
70	peneira (Nota: para farinha de mandioca)	ugôágoma
71	porta	apeoya
72	povoação	thadjou
73	prata	Maráhe , marharhe
74	pedreira	voýgukuárygaku
75	pequeno rio	moudjyekuem
76	ponta ou proa de barco	epygagá
77	pele de onça	mafaédypagô
78	pele de veado	mafaétyr

79	pedra	mākú, ma-kú
80	pele	mafaé
81	por isso	yruadeye, raaye
82	pote de barro = ou bilha	matú
83	por do sol	napô
84	Pantanal	magatum
85	pega meu pinto	oguyaxó
86	poê meu pinto na boca	madió txó
87	pega	ógu
88	pássaro bonito	gôogóotôaga (Nota: nome de Veridiano que morava na aldeia)
89	ponta de osso para flecha	Yubu
90	paudalho (Nota: árvore que tem o cheiro de alho)	põõgadã
91	provavelmente, prender	oouterhay, ooutehay
92	Perguntar	derhogn'ma (o ma ela pergunta- verbo perguntar)
93	pássaro	madjãhe
94	perna, parte da canela	Mucupana - muvy
95	planta do pé, ou seja sola do pé	Mates'aabó
96	prato de barro	Mús'ã
97	prato de madeira	Mús'aadá
98	para	garhakũ
99	pescar	garhõkúyr
100	passar	madjayr
101	parentes	kuyrmékuyr
102	peito	Arapé - Arhapé
103	Pega - ou pegar	Ogu
104	papel	guafédjydy
105	parir	hégыр
106	pensar bem	hãgarhén
107	pernilongo	kuarapanã
108	pessoa má	ytáfuny
109	pintinho	modêgahodjaé
110	planta	makuyr x maguy
111	plantar	guyr
112	povo	otxeuvy
113	por que	dagwoguká
114	pessoa ruim	ynfynty
115	pesca	nakyo
116	preguiçoso	meyguahala
117	prôa	neopygaga
118	puxar	kuey

Q

	PORTUGUÊS	IDIOMA
1	quati	maradjarau

2	queixada	mapôdjarhô
3	quero quero	mirudjy
4	quiabo	matxiarho
5	quarta dia da semana	Etxumo
6	quinta dia da semana	Éreka
7	quer café	kira djypé
8	quer água	kyragogum
9	quer comer	Kyratoroganho ou atarhoganho
10	quer caçar comigo	kyragorhoku
11	quero dormir no braço	kyranataconhôguapô
12	quer tomar café	kyragokô djypé
13	quer comer torresmo	kyragokorheokaphô
14	Quero (Nota: pergunta se quer e a resposta é ynrhem)	Nakáryo, ynrhem x bydjá
15	quer caçar comigo	natybodyrétodomaré - quero
16	quer ser meu cunhado	nakáryogaratxé - quero
17	quer esquentar fogo	nakáryo mubá mathá
18	quer caçar comigo	nakáryo aytaguadeoro - não
19	quente	naapyr "apeulala
20	quer	naveféyo
21	queimar	navyrayo
22	quer ser meu cunhado	Guatanytxerry-i - não
23	quer mijar	kyratapynéya
24	Queixo	Ebo
25	quando	navaée
26	quero	ynrhem
27	quanto	depó
28	quebrar	ytaya
29	queimar	bôkuérhy
30	queimar-se	boukuéhury

R

	PORTUGUÊS	IDIOMA
1	rim	moty
2	rolinha	mytô
3	remo	makûm ou makûng
4	rede de dormir	mapãã
5	roncador- árvore	maguadô
6	rabo	ypanãa
7	rato	myts`áky
8	raiz	matána
9	rancho festivo	mafeerhýtô
10	relâmpago	mokÿãtar - mok vyãtar
11	rio	guadãkã
12	rabo de peixe	ypanãagunty
13	rapadura	mabénrherô
14	raiz (Nota: família)	madábudjy

15	rir	guãkuãhu - guakuânru
16	remar	oyógã
17	raminhos de penas para orelha (Nota: brinco)	máaravy
18	rio Pequeno	madz'eékũ gũ
19	ralador de mandioca	mateúkumá
20	remédio	-----
21	Relógio	Matxyahógahóy(o)
22	reto	kaday
23	rolar	rolar
24	rio	rio
25	rachar	matxya
26	raio	mátay
27	raiz	hytãna
28	rancho	makúdjy
29	rapaz	matôdary
30	rasgar	guayáha
31	remédio	murxetyara
32	resfriado	hũdeytxyga
33	rir	kuahogum
34	roubar	punky
35	rato	matxuvaky

S

	PORTUGUÊS	IDIOMA
1	seu corpo	yguaytadjá
2	seu pé	guabó
3	sua mão	guará
4	seu braço	guapó
5	sua cabeça	guadokuê
6	seu pescoço	atorhu – (atohu)
7	Sua perna	guanuvy
8	Seu olho	guaré
9	Sua orelha	guavy
10	Sua boca	guadió
11	Seu nariz	guatága
12	Seu nariz é grande	atofégaroguataga
13	sua barriga	guipó
14	seu coração	guakôgô
15	seu fígado	guapé
16	seu cabelo	guakôo
17	seu rim	goty
18	seu dente	guakuá
19	sua língua	guatxádió
20	sariema	mutyga
21	sardinha peixe	muguapé
22	sauá (Nota: peixinho)	muteryo

23	segunda dia da semana	butúgotxá = (butgoyá)
24	sexta dia da semana	étorrerá
25	sábado dia da semana	motorru = (mytorro)
26	saram	magoká
27	seu dedo	guatadarha – (guatadaha)
28	sucuri	mykuary
29	sapo	myturhô
30	sol	enuvé – nuvé
31	saliva	napyary ygundjaio
32	sentar	maguageu agâhãgỹ
33	sabão	mateoguavé
34	sal	mavé
35	sua casa	guahyovir (movir = casa)
36	sangue	múnguaha
37	sopa de banana	mãrhôdz'nô
38	sapo espécie rã	õpỹgadz'ênye
39	sapo espécie	mãntrogua
40	sapo rã espécie	mãdôvy
41	sapo espécie	mãaguãreté
42	sentar	ãngahãgy, naguageu, agarhadjỹ
43	saber	eguatx'yr
44	sim	ỹi
45	sombrancelha	Agotouru
46	sugar	uyriry
47	segurar	Eдорhy
48	sentar	makuãny
49	sera	yvidy
50	sua roça	gygiguarhô
51	sujo	myohy
52	socó boi	mykuo
53	socózinho	matxédjy
54	soprou	maguéhy
55	saber	inadjuarha
56	saber x aprender	djuáha
57	seco x vazio	yguahadjá
58	sede	ykôganho
59	semente	mapayn

T

	Português	Idioma
1	tucunzeiro preto (Nota: árvore pescar e comer)	mytadjaku
2	tangerina	maguéto
3	tarumã	madóó

4	tamarindo	mutxyakua
5	tucum preto (Nota: fruta doce do tucunzeiro)	mutadjá-kúe
6	tucum branco (Nota: não se come, somente para pesca)	maguêto
7	tatu	mypi
8	tamanduá bandeira	mupýga
9	tamanduá mirim	magũopigáe
10	tuiuiú	marhô
11	tucano	matôgoyé
12	tucaninho	maguatogoyé
13	traíra peixe	myphy
14	tuvira isca	matyogá
15	trigo	mafotxamo
16	toma café	runguadjypé
17	terça dia da semana	édũny
18	tarimba espécie cama	mynkô
19	tio	disté
20	tia	dymé
21	toma o prato	rungua mutxa
22	tucunzeiro branco	maguétho
23	tô cheio	nyporhuyponho = mutxarho
24	torresmo	maorheokapho
25	tô com frio	nykarakayo
26	terra	marfó
27	telhado	Okuégu
28	trovão	Mâtary - mâtary
29	touro	matodevaká
30	tá cheio barriga	Pyuo pôró
31	Tatu canastra	mussodjypy
32	tempero	Odhóro
33	ter	guy
34	Ter medo	Othágutxy
35	tesoura	matayevaé
36	tigelas	mutxatum
37	tocar	garhó
38	trabalhar	amenũgum
39	travesseiro	mỹbayguy
40	Trazer pra ele	nunkuá – trazer - ydókuy
41	Trazer pra ela	nunkuyr
42	trigo	marfotxamo
43	Toma o prato	Rungua mutxá
44	Tua casa	Guaryrhovyr (movyr casa)
45	Toucinho banha de porco	Magũmpo
46	Tigela de couraça de jacaré ou crocodilo	Mybãêkô -kó verbo que vem do jacaré
47	Tua casa	Guahyovir, ovyr verbo vem de casa
48	Tua mãe	Guagy, guadgy
49	Tu andas	eguãvá

50	trazer	hôdokyã
51	tem	nykó

Nota: do número 43 ao 51 estavam na página seguinte. Foram trazidas para cá para sequência alfabética.

U

	PORTUGUÊS	IDIOMA
1	Urubu	Mõgú = mugu
2	Uva	madápy
3	Uva	Mugúu
4	Urutau (Nota: pássaro)	mabarhó
5	Unha de gato (Nota: planta do mato cheia de espinhos)	Mákugubó-txá
6	Urinar	Ypinar
7	Unhas dos dedos das mãos	máteyara
8	Unhas dos dedos dos pés	matéz'abó
9	Urubu espécie	mats'ygaú
10	Usar	matóbhárha
11	Um	txene
12	Uma	txeneã
13	umbigo	ytúmũ

V

	PORTUGUÊS	IDIOMA
1	Vagina	Madô
2	Vaca x boi	Muvaká
3	Veado	Medjavy
4	Vela	Maguntóy
5	Vermelho	Nopy
6	Vamos pescar	Kyrago-kyguntý (peixe meguntý)
7	Vamos namorar	Kyragarou
8	Vamos tomar mate	kyragokôroyto
9	Vamos caçar capivara	kyragarhakú
10	Vamos dormir juntos	Kyragokonydjyn
11	Vamos tomar banho	Kyragofum
12	Vamos trabalhar	Kyraganunygany
13	Vamos comer tô com fome	kyranatuyakuyo
14	Vamos comer peixe	Kyragogoguntý
15	Vitória régia	Mÿguatá
16	Vamos	kyra
17	Vamos caçar lontra	kyragarhogio
18	Vamos caçar capivara de canoa	kyragarhokugagogunum
19	Vamos esquentar fogo	kyragarhogotá

20	Vamos espiar peixe	Kyragarhé egunty
21	Vamos namorar segunda versão	Tado erre y
22	Vamos comer	Kyra garogany
23	Vamos tomar café	Kyragokodjypé
24	Vamos lá	Kyra gotega gonaym
25	Vamos lá na lancha	Kyra gotega girhobonum
26	Vamos fazer amor	Kyra gatoty gany
27	Você	Orhê – orrê
28	Vestido	Matxegafy ou matxegafé
29	Vamos tomar chimarrão	Kyragogokoroyto
30	Vovô	Tovéyo
31	vovó	Kunfuê
32	veludinho (fruta casca parece veludo)	makaryguá
33	vamos cozinhar	Kyragaxegany
34	vamos pescar segunda opção	Kyragaky
35	vamos comer torresmo	kyragokomaorheokapho
36	vai cagar	kyratakuyu
37	velho ou velha	Meou
38	viajar	kyraugõhnegn
39	vamos embora	gúterakyradjya
40	ver	Guats'yr
41	você viu	Guats'yr-yr
42	vamos embora	kyragúteradja
43	visitar	Ũngôrhê
44	você tá fazendo canoa pra ir pescar	Ohena – gwanũgo –nũ - marygwákyhe
45	vou	ykũgayo
46	vir	dekydjá
47	virgem	hydjá
48	vivo	ydény
49	voar	Kar x yduá
50	vaamos pra la	kyramarhunguerhé

X

	PORTUGUÊS	IDIOMA
1	Ximburé(peixinho isca)	madyóo

Z

	PORTUGUÊS	GUATÓ
1	Zinga	madjeãdã

POR CAMPO SEMÂNTICO

ALIMENTOS

PORTUGUÊS	IDIOMA
arroz	Matxamo
feijão	Mypanyoká (1) Parioká (2)
macarrão	Mobydatxamo - mobydamatxamo
açúcar	Mabér, rhém - bérhém
trigo	Mafortxamo - Fortxamo
milho	Madjêrho
farinha de mandioca	Matymamá
rapadura	Mabénrrérhu - mabénrrém
cebola	Madórhu
alho	Madórhugatyorhaya
pimenta	Marobádjé
abóbora – moranga	Myté
quiabo	Matxyarhó
maxiche	Mudyguadjycom
pimentão	Muturubadjé
café	Djýpé - ypéykôo
mate	marôdjyto
tomar café	mungodjypé
farinha de milho	Matydjêrho
farinha	maty
farinha de bocaiúva	Matygueydjê
comida de cervo	Marhôtô

ANIMAIS X BICHOS

PORTUGUÊS	IDIOMA
cavalo	Matodjeypago
boi x vaca	Muvakáa
cachorro	Mavé – myvé
gato	Marôtxa
Onça pintada	Mepagôo
Onça parda	Matxako
Jacaré	Mykôô
Capivara	Makôô
Veado	Medjavy
Cervo	Mythô
Coelho	Myky
Carneiro	Mutxydjedjavy - mutyedjavy

Cabrito	mutodjedjavy
Tatu	Mypy
Quati	Marhadjarhau
Tamanduá bandeira	Muphina
Caxinguele	Marédjy (Anísio Alves – indígena falecido, nasceu no porto conceição)
Cotia	Mytôo
Caititu	maguarypôo
Queixada	mupodjarhó
Lobo guará	Mungutôo
Morcego	Mapó
Ariranha	Mevé
Sinimbu (Nota: lagarto)	Mytuarhu
Lontra	Myúu
Lagarto	Mybúkôo
Lobinho	Mukuá
Cágado	Motábo
Porco	Mapôgary - mapô
Jaguaririca	Marotxadjárho
Gato do mato	mykárhôtxa
Cobra	Mutxadjá
Irara	Magayu
Tamanduá mirim	Magũopygáa
Anta	Mao
Macaco	Mako
Bugio	Mukuém
Cobra coral	mutxádjaguarhtxo

ÁRVORES

PORTUGUÊS	IDIOMA
piuva	matadjyu
chimbuva	manuvy
cambará	marharubymarhabynum
chico magro	mudjy
acaia	matxum
tarumã	madóoy
ingá	mukúy
pimenteira	mutxyguadá
roncador	maguádó
gameleira	morhé
cambucá	mupadatxy
jatobá	madeykú
saboneteira	mabóyavy
sarã	magotá

ginipapo	mató
figueira	mudôô
mangueira	matxiopatxyadá
limoeiro	madeydjolinão
laranjeira	madeytxadá
pequizeiro	madeydjekúadjá
margaveira	madydjágundjá
morcegueiro	matôô
tucunzeiro preto	mytodjakú
tucunzeiro branco	maguétô
carandazeiro	mufôô
acurizeiro	madeydje
bocaiuveira	madeygueydje
canifisto	mytxy
guanandizeiro	maguarubynum

AVES X PÁSSAROS

PORTUGUÊS	IDIOMA
Galinha	magarydjaé
Pato	mybó
Tuiuiu	marhão
Biguá preto	mytunhé
Mutum	makãna
Papagaio	mykú
Piriquito verde	mytadá
Piriquito verde c/ amarelo	mýrũdo
Piriquito papo branco	myttôo
Jacutinga	maguaykãna
Urubu	mungúú
Pomba	myku
Bentevi	myvyu
Japuira	magunum
Piririta – anu branco	makararhô
Anu preto	madjym
Anu azul	macúurhu
Galo campina	mutáku
João pinto	matáaby
Massa barro=João de barro	mypába
Coruja	macôô
Caburé	mubôô
Biguátinga	mauém
Garça	mykúy

Peru	mytxyatinga
Arancuã	mykána
Jacú	matôdjy
Jacúcaca	matôdjykãna
Rolinha	mytô
Tucano	matôgoyé
Tucaninho	maguatoguoyé
Gavião	matôdjaé
Arara amarela	matôga
Cará cará	makúíú
Ararinha	mavée
Arara azul	matarhá
Arara vermelha	matxága
Ema	mathúm
Sariema	mutyga
Ainhuma	matxúú
Carão	matôô
Beija flor	myvé
Jaó	mufájarhó
Andorinha	mutxabé
Azulão	maguadjycô
Quero quero	myrudjy
Ganso	mavôga
Ararinha cara preto	madáruhu
Ararinha Ponta da asa amarela	maderý
Ararinha bico curto	marytũm
Pinhé	magakú
Caramujeiro	mararhó
Urutãu	mabarhó
Cardeal	morobýcon
Ave	myrégumjaé
Colhereiro	myratága

CÔR

PORTUGUES	IDIOMA
Vermelho	nypý
branco	nakó
preto	nypé
amarelo	naratxó
azul	narapórhu
verde	-----
roxo	-----

rosa	-----
Preto e branco	Nypé nakó
vermelho e azul	nypýnarapórhu
amarelo e verde	-----

DIAS DA SEMANA

PORTUGUÊS	IDIOMA
domingo	nukuadetxó
2ª feira	butógatxó
3ª feira	éduny
4ª feira	étxumo
5ª feira	éreka
6ª feira	étorherá
sábado	mytorhu

DIVERSAS

PORTUGUÊS	IDIOMA
homem	madé
mulher	djevômorhadjá
menino	mudydé
menina	mudyorhadja
criança	mytiy – mytxy
não tem	bydjá
não quero mais	mutxarho
não quero	yveférho
não	Adjego – ygo – ego
Obrigado	Madjarho
Escola	manguarhodyuarho
Caneta x lápis	matxyogoguayoguavédydíy
Caderno x livro	maguafédydiy
fogo	mathá
vou deitar	ukuguayo
banheiro	maguafúm
quero	navéféyhô
comi peixe	maotxadegunty
quer café	kyragokôdjypé
quer água	kyragogogúm
comida	maôtxa- maôxa
entende	uguararhu
carne	marhúm

carne de peixe	marhúndjegunty
água	magúm
bola	Máãpá
boné	Maôkotxedafé
me dá comida	Tokymaotxá
quer comer	Atarhogarho
criança feliz	mytynyto vogayo
quer caçar comigo	Kyragarhokú
vamos pescar	Kyragoky
comer carne de capivara	dytoyrhogorhakú
mulher bonita	Morhadjáadythôrha
vamos namorar	Kyragarhou
ovo de galinha	Makogarydjaé
meu pai	akunrho
meu irmão	Oduny
minha irmã	Aduny
minha filha	atorodjadoyrhadjá
pai	Akunrho
mãe	Agiiyrho
primo	adyarhéguyiru
prima	Adynidyarhéguyiru
irmão	Adunygyru
irmã	Aryagevoru
nós	Gokô
eu	Oyo
você	Orhêe
meu filho	Atorharo
minha mulher	Adjtevoru
minha mãe	Adjyrho
tio	Dysté – dyté
tia	Dymé
pão	Makũmatxárho
bolacha	matxárho
rabo	Ypanãa
perto	Arapé
tarimba	Mynkã
boa noite	Ytaváyo
pássaro do campo	Txadyrôtxa
toma o prato	Rungua mutxa
rabo de peixe	Ypanãgunty – megunty peixe
carne com arroz	Gũrugadjedjatxamo
mulher velha	Mevôtuyguy
vamos tomar mate	Kyragokorôytô
quero dormir no braço	Natakonhóguapó
rede	Mapanãa

vela	Maguntoy
lâmpada	Matoy
mosquiteiro	Matxerevá
papai	Bapá
mamãe	mémé
coberta	mavérho

PARTES DO CORPO HUMANO

PORTUGUÊS	IDIOMA
Corpo	ytadjá
Seu corpo	yguaytadjá
Meu corpo	ytaydjárhô
Corpo dele ou dela	raytadjá
Pé	mabô
Meu pé	Abórhô
Seu pé	Guabó
Pé pequeno	guabodedjávy
Pé grande	toféroiybó
Mão	Marhã
Minha mão	Ararhó
Sua mão	Guarhá
Mão grande	toviaoyrha
Nossa mão	guyotxyadarha
Mão gorda	Tadynayrha
Braço	gaMapô
Meu braço	Apórho
Seu braço	Guapo
Braço fino	Kadydjáviapó
Braço grande	Tofégarhoapó
Cabeça	Mundohuê x odoquê
Minha cabeça	Odoquerho
Sua cabeça	Guadokuê
Cabeça grande	Kayoféodokuê
Cabeça dele ou dela	Djyodokuê
Pescoço	Matôo
Meu pescoço	ydarytôo
Seu pescoço	Atórhũ
Pescoço dele ou dela	Atxarhytô

Perna	Muvy
Minha perna	Ovyrho
Sua perna	Gunuvy
Olho	Maré
Meu olho	Arérho
Seu olho	Guaré
Olho azul	Apórhoyré
Olho verde	Napórhoyré
Olho preto	Ypeyrhé
Olhos grandes	Toféyré
Orelha	Mavé
Minha orelha	Avérho
Sua orelha	Guavy
Orelha grande	Atôfégaromavé
Orelha pequena	Todyféavy
Boca	madyó
Sua boca	Guadyó
Minha boca	Adyórho
Sua boca grande	Atofégarhoguadyó
Boca linda	Nytovyndyó
Boca bonita	adjétogarhoguádyó
Barriga	Mypó
Minha barriga	Ypórho
Sua barriga	Guapó
Barriga grande	toféypó
Nariz	Matoaga
Meu nariz	Atágarho
Seu nariz	Guatága
Seu nariz é grande	atofégarhoguatága
Nariz fino	aydjéféatarha
Coração	Macôgô
Meu coração	Aeôgorhô
Seu coração	Guakôgô
Coração grande	Toféguákôgô
Coração feliz	macôgônýtovoguyo
Fígado	Mapé
Fígado doente	guapénacorhé

Meu fígado	Apérho
Seu fígado	Guapé
Fígado inxado	narakuguapé
Dedo	mutxyadárho
Meu dedo	Obygarhárhó
Dedo da mão	Otyárharho
Dedo do pé	otyadábó
Dedo comprido	tokyatxedarhárhó
Dedo grande	tofédetxadárhá
Seu dedo	guatadarha
Dedos do pé	
Dedo mínimo	Ykũymbótil no u
Dedo médio	yokuabó
Dedo anular	yokokakuviyimbó
Dedo indicador	yokokatogobó
Dedo polegar	Otoabó
Dedos da mão	
Dedo polegar	Otôgorha-rhú
Dedo indicador	Obygarha -rhú
Dedo abular	Yokokwayokũyrha-rhú
Dedo medio	Aguakarha-rhú
Dedo minimo	Okũyorha-rhú
Cabelo	Makú
Meu cabelo	Akûrho
Seu cabelo	guakôo
Cabelo cumprido	Tavyanoaguakũ
Cabelo branco	guakôdyaguanakóó
Cabelo preto	Nypédynguakô
Cabelo liso	nakôdynguakô
Rins	moty
meu rim	Otyrho
Seu rim	Goty
Rim doente	motynakoré
Dente	Mukuá
Dente branco	Mukuánakó
Meu dente	aquárho
Seu dente	mukúanakó

Língua	matxádyó
Sua língua	Guatxádyórho
Minha língua	Otxadyórho
Língua grande	toféytxádyórhó
Língua doce	otxádyóberhém
Pênis	Matxô
Vagina	Madô
Bunda	Mafébu
Escôtro	Opankú
Anús	Maobú
Peido	Myntxé
caiu	matxungo
anzol	makyỹ
costa	ykodjovérhú

FRUTAS

Português	Idioma
Mamão	Momamão
Manga	matxyopátxyadá
Melancia	Maguadjycom
Goiaba	Magundjá
Bocaiúva	Magueydje
Banana	Unguadjá
Maracujá	matôrhô
Ata ou pinha	maobutum
Côco	toгуêyджê
Caju	matobupá
Laranja	Mateyadá
Limão	Morymão
Tangerina	Mudydatxyadá
Lima	Mototxyadá
Abacaxi	Mudyguadjycom
Uva	Madapý
Tarumã	Madóo
Tamarindo	Mutxyakua
Acuri (fruta)	Mydy
Jatobá	Mukũ
Maça	mupákúú
Pequi	Múkuadjá
Mangava	Madeydjágundjá
Tucum preto	Mytadjacú

Tucum branco	Maguêto
--------------	---------

JURAMENTO DE FORMATURA ESCOLAR

Ao vencer mais um desafio na difícil caminhada para construção de uma sociedade justa, livre e solidária, comprometo-me a contribuir, através da Educação para formação de cidadãos críticos e comprometidos com a causa indígena.

Idioma

Makũ ogokum txene natayve, vey odjoká okane okuogum, guanumgavotxene apadegune nápágũn yguykuaro txenynguaro tederhegono dadomatyru através¹⁷ horodjoara okuagum tedéguarã madê netagu tederugo nugu veyopapatxy metxevodjarhõ.

PEIXES

PORTUGUÊS	IDIOMA
Peixe	megunty
Pacú	Mũguakuá
Pintado	Maphõo
Piranha	Muuthõ
Piavussú	Marhadegunty
Pacupeva	Mupã
Dourado	macudjá
Sardinha	Muguapé
Piraputanga	Matxyadá
Curimba	Myvõ
Bagre	Myrhée
Cascudo	Madũ
Ximburé (isca)	madyoó
traíra	Maphy
Tuvira (isca)	Matxyogá
Mussum (isca)	Murhé
Lambari (isca)	Mutãna
Jaú	Maguatxa
Armau	Ungo
Barbado	Maradakudjá
Cachara	Maphogurho

¹⁷ A palavra “através” na língua portuguesa não teve equivalência para o Guató. Dona Dalva disse que tentou formar uma palavra com proximidade no Guató, porém não encontrou, “deixando misturado português e Guató”.

Catarina preta	Muxedekua
Catarina branca	Mugorho
Piava	Maguagué
Coxa de negro	Mytxômykuá
Saua (isca)	Mutéryo
Piquira(isca)	Mutôno
Peixe cachorro	Magueygo ou myguyo
Caravassu	mybotxy

VASILHAS E UTENSÍLIOS

PORTUGUÊS	IDIOMA
Panela	Mykôvay
Prato	Mutxá
Garfo	mutxádaguévay
Colher	Maguévay
Faca	Matxêvay
Facão	matôtxévay
Copo	Matxuco
Caneco	Matxugogum
Bomba de mate	matxukorhoyto
Chaleira	Matyakopeygum
Pegar chaleira	dydoyumyvay
Panela de barro	Mÿgopÿno-vay
Bacia	mutôtxévay
Concha	maguá
Colher de pau	Maguadá
Gamela	Matxôda
Fogão	Marhétá
Canoa	Manũm
Remo	Makũm
Barco	Myrobonũm
Arco e flecha	magatyá
Rede	Mapãã
Flecha	Matxê
Coberta	Mavérhu
Tarimba	Mynko
Mosquiteiro	Matxerevá
Lamparina	Matoy
Vela	Maguntoy
Foice	Makôgu
Picareta	Tetaáku
Chapéu de palha	Maokuo
Casa	Movôõ
Cadeira	Mykôbadá

Banco	Modykôbodá
Abanico	Matyãncanato
Penacho	Maparédecy
Machado	Makóou
pá	Atyoguafo

NUMERAIS¹⁸

	PORTUGUÊS	IDIOMA
1.	um	Txene
2.	dois	Duny
3.	três	Txumo
4.	quatro	Reka
5.	cinco	Torrera
6.	seis	Txene kakayra
7.	sete	Duny kakayra
8.	oito	txumo kakayra
9.	nove	Reka kakayra
10.	Dés*	Kynuyra
11.	onze	Txeneybó
12.	doze	duneybó
13.	treze	Txumoybó
14.	quatorze	Rekaybó
15.	quinze	Kavyibó
16.	Dezeseis*	Txene detxuabó
17.	Dezesete*	Duny detxuabó
18.	dezoito	Txumo detxuabó
19.	dezenove	Reka detxuabó
20.	vinte	Kuayimbó
21.	vinte e um	Kuayimbó txeneya
22.	vinte e dois	Kuayimbó dunya
23.	vinte e três	Kuayimbó txumoya
24.	vinte e quatro	Kuayimbó rekaya
25.	vinte e cinco	Kuayimbó torrera
26.	vinte e seis	Kuayimbó txeneya kakayra
27.	vinte e sete	Kuayimbó dunya kakayra
28.	vinte e oito	Kuayimbó txumoya kakayra
29.	vinte e nove	Kuayimbó rekaya kakayra
30.	trinta	Kuayimbó kydjera
31.	trinta e um	Kuayimbó kydjera txeneya
32.	trinta e dois	Kuayimbó kydjera dunya
33.	trinta e três	Kuayimbó kydjera txumoya

¹⁸ Os numerais na obra de Dona Dalva vão até número cardinal 1000. Nesta pesquisa foram transcritos até o número 270. A continuidade poderá ser realizada em estudos futuros e encontram-se disponibilizados no material *fac-simile cedidos pela autora, dispostos nos apêndices desta pesquisa.*

34.	trinta e quatro	Kuayimbó kydjera rekaya
35.	trinta e cinco	Kuayimbó kydjera torrera
36.	trinta e seis	Kuayimbó kydjera txeneya kakayra
37.	trinta e sete	Kuayimbó kydjera dunya kakayra
38.	trinta e oito	Kuayimbó kydjera txumoya kakayra
39.	trinta e nove	Kuayimbó kydjera rekaya kakayra
40.	quarenta	dunykedakuáybó
41.	quarenta e um	Dunykedakuáybó txeneya
42.	quarenta e dois	Dunykedakuáybó dunya
43.	quarenta e três	Dunykedakuáybó txumoya
44.	quarenta e quatro	Dunykedakuáybó rekaya
45.	quarenta e cinco	Dunykedakuáybó torrera
46.	quarenta e seis	Dunykedakuáybó txeneya kakayra
47.	quarenta e sete	Dunykedakuáybó dunya kakayrá
48.	quarenta e oito	Dunykedakuáybó txumoya kakayrá
49.	quarenta e nove	Dunykedakuáybó rekaya kakayrá
50.	cinquenta	Dycerokuá
51.	cinquenta e um	Dycerokuá txeneya
52.	cinquenta e dois	Dycerokuá dunya
53.	cinquenta e três	Dycerokuá txumoya
54.	cinquenta e quatro	Dycerokuá rekaya
55.	cinquenta e cinco	Dycerokuá torrera
56.	cinquenta e seis	Dycerokuá txeneya kakayrá
57.	cinquenta e sete	Dycerokuá dunya kakayrá
58.	cinquenta e oito	Dycerokuá txumoya kakayrá
59.	cinquenta e nove	Dycerokuá rekaya kakayrá
60.	secenta*	Dycerokuá kynuyrá
61.	secenta e um*	Dycerokuá kynuyrá txeneya
62.	secenta e dois*	Dycerokuá kynuyrá dunya
63.	secenta e três*	Dycerokuá kynuyrá txumoya
64.	secenta e quatro*	Dycerokuá kynuyrá rekaya
65.	secenta e cinco*	Dycerokuá kynuyrá torrera
66.	secenta e seis*	Dycerokuá kynuyrá txeneya kakayrá
67.	secenta e sete*	Dycerokuá kynuyrá dunya kakayrá
68.	secenta e oito*	Dycerokuá kynuyrá txumoya kakayrá
69.	secenta e nove*	Dycerokuá kynuyrá rekaya kakayrá
70.	setenta	Dycerokuá kuayimbó
71.	setenta e um	Dycerokuá kuayimbó txeneya
72.	setenta e dois	Dycerokuá kuayimbó dunya
73.	setenta e três	Dycerokuá kuayimbó txumoya
74.	setenta e quatro	Dycerokuá kuayimbó rekaya
75.	setenta e cinco	Dycerokuá kuayimbó torrera
76.	setenta e seis	Dycerokuá kuayimbó txeneya kakayrá
77.	setenta e sete	Dycerokuá kuayimbó dunya kakayrá
78.	setenta e oito	Dycerokuá kuayimbó txumoya kakayra
79.	setenta e nove	Dycerokuá kuayimbó rekaya kakayrá
80.	oitenta	Dycerokuá kuayimbó kydjera
81.	oitenta e um	Dycerokuá kuayimbó kydjera txeneya

82.	oitenta e dois	Dycerokuá kuayimbó kydjêra dunya
83.	oitenta e três	Dycerokuá kuayimbó kydjêra txumoya
84.	oitenta e quatro	Dycerokuá kuayimbó kydjêra rekaya
85.	oitenta e cinco	Dycerokuá kuayimbó kydjêra torrera
86.	oitenta e seis	Dycerokuá kuayimbó kydjêra txeneya kakayrá
87.	oitenta e sete	Dycerokuá kuayimbó kydjêra dunya kakayrá
88.	oitenta e oito	Dycerokuá kuayimbó kydjêra txumoya kakayrá
89.	oitenta e nove	Dycerokuá kuayimbó kydjêra rekaya kakayrá
90.	noventa	Dycerokuá dnykedákuáybó
91.	noventa e um	Dycerokuá dnykedákuáybó txeneya
92.	noventa e dois	Dycerokuá dnykedákuáybó dunya
93.	noventa e três	Dycerokuá dnykedákuáybó txumoya
94.	noventa e quatro	Dycerokuá dnykedákuáybó rekaya
95.	noventa e cinco	Dycerokuá dnykedákuáybó torrera
96.	noventa e seis	Dycerokuá dnykedákuáybó txeneya kakayrá
97.	noventa e sete	Dycerokuá dnykedákuáybó dunya kakayrá
98.	noventa e oito	Dycerokuá dnykedákuáybó txumoya kakayrá
99.	noventa e nove	Dycerokuá dnykedákuáybó rekaya kakayrá
100.	cem	Txeneguaterre
101.	cento e um	Txeneguaterre txeneya
102.	cento e dois	Txeneguaterre dunya
103.	cento e três	Txeneguaterre txumoya
104.	cento e quatro	Txeneguaterre rekaya
105.	cento e cinco	Txeneguaterre torrera
106.	cento e seis	Txeneguaterre txeneya kakairá
107.	cento e sete	Txeneguaterre dunya kakayrá
108.	cento e oito	Txeneguaterre txumoya kakayrá
109.	cento e nove	Txeneguaterre rekaya kakayrá
110.	cento e des*	Txeneguaterre kynuyrá
111.	cento e onze	Txeneguaterre txenyibó
112.	cento e doze	Txeneguaterre dnyyibó
113.	cento e treze	Txeneguaterre txumoyibó
114.	cento e quatorze	Txeneguaterre rekaybó
115.	cento e quinze	Txeneguaterre kavyibó
116.	cento e dezeseis*	Txeneguaterre txene detxuabó
117.	cento e dezeseite*	Txeneguaterre dny detxuabó
118.	cento e desoito*	Txeneguaterre txumo detxuabó
119.	cento e dezenove	Txeneguaterre reka detxuabó
120.	cento e vinte	Txeneguaterre kuayimbó
121.	cento e vinte e um	Txeneguaterre kuayimbó txeneya
122.	cento e vinte e dois	Txeneguaterre kuayimbó dunya
123.	cento e vinte e três	Txeneguaterre kuayimbó txumoya
124.	cento e vinte e quatro	Txeneguaterre kuayimbó rekaya
125.	cento e vinte e cinco	Txeneguaterre kuayimbó torrera
126.	cento e vinte e seis	Txeneguaterre kuayimbó txeneya kakayrá
127.	cento e vinte e sete	Txeneguaterre kuayimbó dunya kakayrá
128.	cento e vinte e oito	Txeneguaterre kuayimbó txumoya kakayrá
129.	cento e vinte e nove	Txeneguaterre kuayimbó rekaya kakayrá

130.	cento e trinta	Txeneguateerre kuayimbó kydjêra
131.	cento e trinta e um	Txeneguateerre kuayimbó kydjêra txeneya
132.	cento e trinta e dois	Txeneguateerre kuayimbó kydjêra dunya
133.	cento e trinta e três	Txeneguateerre kuayimbó kydjêra txumoya
134.	cento e trinta e quatro	Txeneguateerre kuayimbó kydjêra rekaya
135.	cento e trinta e cinco	Txeneguateerre kuayimbó kydjêra torreraya
136.	cento e trinta e seis	Txeneguateerre kuayimbó kydjêra txeneya kakayrá
137.	cento e trinta e sete	Txeneguateerre kuayimbó kydjêra dunya kakayrá
138.	cento e trinta e oito	Txeneguateerre kuayimbó kydjêra txumoya kakayrá
139.	cento e trinta e nove	Txeneguateerre kuayimbó kydjêra rekaya kakayrá
140.	cento e quarenta	Txeneguateerre denekedákuáybó
141.	cento e quarenta e um	Txeneguateerre denekedákuáybó txeneya
142.	cento e quarenta e dois	Txeneguateerre denekedákuáybó dunya
143.	cento e quarenta e três	Txeneguateerre denekedákuáybó txumoya
144.	cento e quarenta e quatro	Txeneguateerre denekedákuáybó rekaya
145.	cento e quarenta e cinco	Txeneguateerre denekedákuáybó torreraya
146.	cento e quarenta e seis	Txeneguateerre denekedákuáybó txeneya kakayrá
147.	cento e quarenta e sete	Txeneguateerre denekedákuáybó dunya kakayrá
148.	cento e quarenta e oito	Txeneguateerre denekedákuáybó txumoya kakayrá
149.	cento e quarenta e nove	Txeneguateerre denekedákuáybó rekaya kakayrá
150.	cento e cinquenta	Txeneguateerre dycerokuá
151.	cento e cinquenta e um	Txeneguateerre dycerokuá txeneya
152.	cento e cinquenta e dois	Txeneguateerre dycerokuá dunya
153.	cento e cinquenta e três	Txeneguateerre dycerokuá txumoya
154.	cento e cinquenta e quatro	Txeneguateerre dycerokuá rekaya
155.	cento e cinquenta e cinco	Txeneguateerre dycerokuá torreraya
156.	cento e cinquenta e seis	Txeneguateerre dycerokuá txeneya kakayrá
157.	cento e cinquenta e sete	Txeneguateerre dycerokuá dunya kakayrá
158.	cento e cinquenta e oito	Txeneguateerre dycerokuá txumoya kakayrá
159.	cento e cinquenta e nove	Txeneguateerre dycerokuá rekaya kakayrá
160.	cento e secenta*	Txeneguateerre dycerokuá kynuyrá
161.	cento e secenta e um*	Txeneguateerre dycerokuá kynuyrá txeneya
162.	cento e secenta e dois*	Txeneguateerre dycerokuá kynuyrá dunya
163.	cento e secenta e tres*	Txeneguateerre dycerokuá kynuyrá txumoya
164.	cento e secenta e quatro*	Txeneguateerre dycerokuá kynuyrá rekaya
165.	cento e secenta e	Txeneguateerre dycerokuá kynuyrá torreraya

	cinco*	
166.	cento e secenta e seis*	Txeneguaterre dycerokuá kynuyrá txeneya kakayrá
167.	cento e secenta e sete*	Txeneguaterre dycerokuá kynuyrá dunya kakayrá
168.	cento e secenta e oito*	Txeneguaterre dycerokuá kynuyrá txumoya kakayrá
169.	cento e secenta e nove *	Txeneguaterre dycerokuá kynuyrá rekaya kakayrá
170.	cento e setenta	Txeneguaterre dycerokuá kuayimbó
171.	cento e setenta e um	Txeneguaterre dycerokuá kuayimbó txeneya
172.	cento e setenta e dois	Txeneguaterre dycerokuá kuayimbó dunya
173.	cento e setenta e três	Txeneguaterre dycerokuá kuayimbó txumoya
174.	cento e setenta e quatro	Txeneguaterre dycerokuá kuayimbó rekaya
175.	cento e setenta e cinco	Txeneguaterre dycerokuá kuayimbó torreraya
176.	cento e setenta e seis	Txeneguaterre dycerokuá kuayimbó txeneya kakayrá
177.	cento e setenta e sete	Txeneguaterre dycerokuá kuayimbó dunya kakayrá
178.	cento e setenta e oito	Txeneguaterre dycerokuá kuayimbó txumoya kakayrá
179.	cento e setenta e nove	Txeneguaterre dycerokuá kuayimbó rekaya kakayrá
180.	cento e oitenta	Txeneguaterre dycerokuá kuayimbó kydjêra
181.	cento e oitenta e um	Txeneguaterre dycerokuá kuayimbó kydjêra txeneya
182.	cento e oitenta e dois	Txeneguaterre dycerokuá kuayimbó kydjêra dunya
183.	cento e oitenta e tres*	Txeneguaterre dycerokuá kuayimbó kydjêra txumoya
184.	cento e oitenta e quatro	Txeneguaterre dycerokuá kuayimbó kydjêra rekaya
185.	cento e oitenta e cinco 19	Txeneguaterre dycerokuá kuayimbó kydjêra torreraya
186.	Txeneguaterre dycerokuá kuayimbó kydjêra txeneya Kakayrá	
187.	Txeneguaterre dycerokuá kuayimbó kydjêra dunya kakayrá	
188.	Txeneguaterre dycerokuá kuayimbó kydjêra txumoya kakayrá	
189.	Txeneguaterre dycerokuá kuayimbó kydjêra rekaya kakayrá	
190.	Txeneguaterre dycerokuá dnykedákuáybó	
191.	Txeneguaterre dycerokuá dnykedákuáybó txeneya	
192.	Txeneguaterre dycerokuá dnykedákuáybó dunya	
193.	Txeneguaterre dycerokuá dnykedákuáybó txumoya	
194.	Txeneguaterre dycerokuá dnykedákuáybó rekaya	
195.	Txeneguaterre dycerokuá dnykedákuáybó torreraya	
196.	Txeneguaterre dycerokuá dnykedákuáybó txeneya kakayrá	
197.	Txeneguaterre dycerokuá dnykedákuáybó dunya kakayrá	
198.	Txeneguaterre dycerokuá dnykedákuáybó txumoya kakayrá	
199.	Txeneguaterre dycerokuá dnykedákuáybó rekaya kakayrá	
200.	dnyguaterre	
201.	Dnyguaterre txeneya	
202.	Dnyguaterre dunya	
203.	Dnyguaterre txumoya	

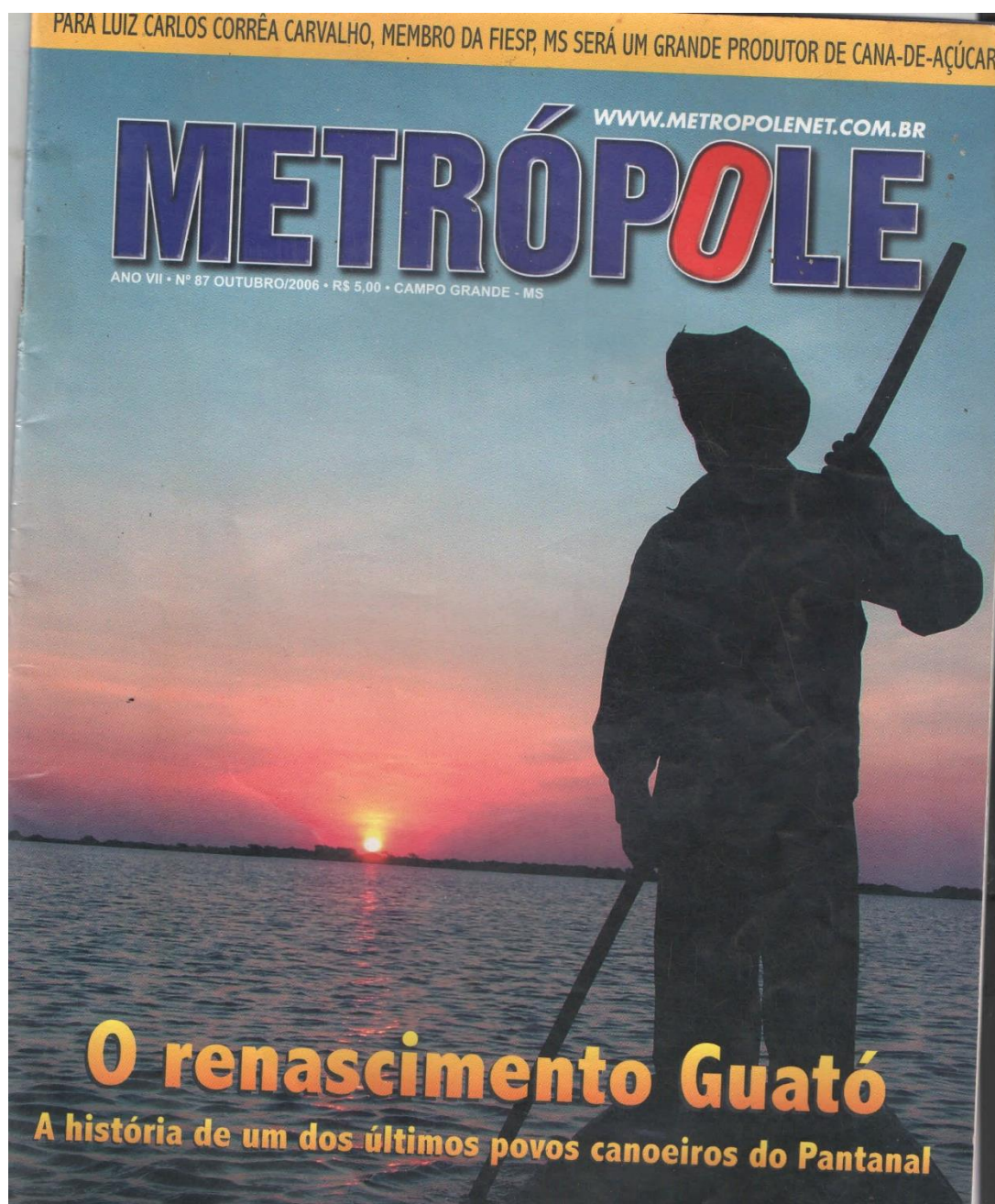
¹⁹Do número 1 a 185 a autora faz a numeração dos números cardinais e por extenso, após isso ela coloca somente os em número e não em palavras.

204.	Dunyguafterre rekaya
205.	Dunyguafterre torreraya
206.	Dunyguafterre txeneya kakayrá
207.	Dunyguafterre dunya kakayrá
208.	Dunyguafterre txumoya kakayrá
209.	Dunyguafterre rekaya kakayrá
210.	Dunyguafterre kynuyrá
211.	Dunyguafterre txenyibó
212.	Dunyguafterre dunyi bó
213.	Dunyguafterre txumoyibó
214.	Dunyguafterre rekayibó
215.	Dunyguafterre kavyibó
216.	Dunyguafterre txenedetxuabó
217.	Dunyguafterre dundydetxuabó
218.	Dunyguafterre txumodetxuabó
219.	Dunyguafterre rekadetxuabó
220.	Dunyguafterre kuayimbó
221.	Dunyguafterre kuayimbó txeneya
222.	Dunyguafterre kuayimbó dunya
223.	Dunyguafterre kuayimbó txumoya
224.	Dunyguafterre kuayimbó rekaya
225.	Dunyguafterre kuayimbó torreraya
226.	Dunyguafterre kuayimbó txeneya kakayrá
227.	Dunyguafterre kuayimbó dunya kakayrá
228.	Dunyguafterre kuayimbó txumoya kakayrá
229.	Dunyguafterre kuayimbó rekaya kakayrá
230.	Dunyguafterre kuayimbó kydjêra
231.	Dunyguafterre kuayimbó kydjêra txeneya
232.	Dunyguafterre kuayimbó kydjêra dunya
233.	Dunyguafterre kuayimbó kydjêra txumoya
234.	Dunyguafterre kuayimbó kydjêra rekaya
235.	Dunyguafterre kuayimbó kydjêra torreraya
236.	Dunyguafterre kuayimbó kydjêra txeneya kakayrá
237.	Dunyguafterre kuayimbó kydjêra dunya kakayrá
238.	Dunyguafterre kuayimbó kydjêra txumoya kakayrá
239.	Dunyguafterre kuayimbó kydjêra rekaya kakayrá
240.	Dunyguafterre dundykedákuaybó
241.	Dunyguafterre dundykedákuaybó txeneya
242.	Dunyguafterre dundykedákuaybó dunya
243.	Dunyguafterre dundykedákuaybó txumoya
244.	Dunyguafterre dundykedákuaybó rekaya
245.	Dunyguafterre dundykedákuaybó torreraya
246.	Dunyguafterre dundykedákuaybó txeneya kakayrá
247.	Dunyguafterre dundykedákuaybó dunya kakayrá
248.	Dunyguafterre dundykedákuaybó txumoya kakayrá
249.	Dunyguafterre dundykedákuaybó rekaya kakayrá
250.	Dunyguafterre dycerokuá
251.	Dunyguafterre dycerokuá txeneya

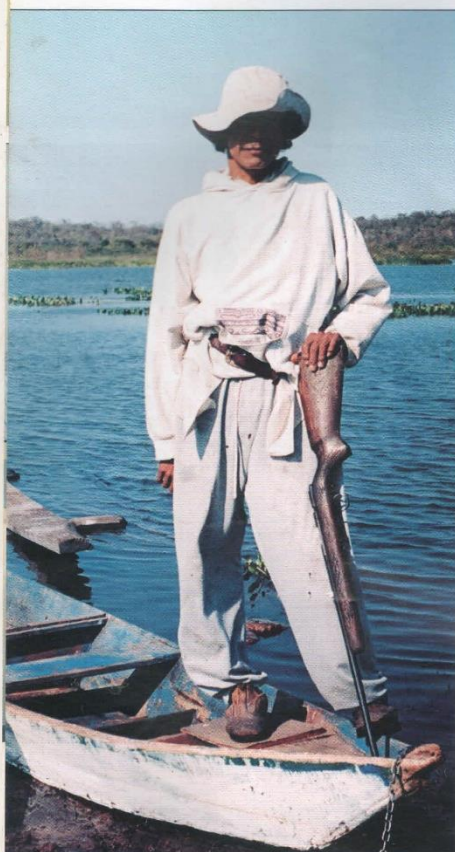
252.	Dunyuaterre dycerokuá dunya
253.	Dunyuaterre dycerokuá txumoya
254.	Dunyuaterre dycerokuá rekaya
255.	Dunyuaterre dycerokuá torrera
256.	Dunyuaterre dycerokuá txeneya kakayrá
257.	Dunyuaterre dycerokuá dunya kakayrá
258.	Dunyuaterre dycerokuá txumoya kakayrá
259.	Dunyuaterre dycerokuá rekaya kakayrá
260.	Dunyuaterre dycerokuá kynuyrá
261.	Dunyuaterre dycerokuá kynuyrá txeneya
262.	Dunyuaterre dycerokuá kynuyrá dunya
263.	Dunyuaterre dycerokuá kynuyrá txumoya
264.	Dunyuaterre dycerokuá kynuyrá rekaya
265.	Dunyuaterre dycerokuá kynuyrá torrera
266.	Dunyuaterre dycerokuá kynuyrá txeneya kakayrá
267.	Dunyuaterre dycerokuá kynuyrá dunya kakayrá
268.	Dunyuaterre dycerokuá kynuyrá txumoya kakayrá
269.	Dunyuaterre dycerokuá kynuyrá rekaya kakayrá
270.	Dunyuaterre dycerokuá kuayimbó

ANEXO

ANEXO I - Reprodução de matéria feita com Dona Dalva Maria



EDITORIAL



SUKI OZAKI

A matéria de capa deste mês retrata a saga dos Índios Guatós, um dos últimos povos canoieiros do Pantanal. Durante séculos, os constantes conflitos de terra na região do Paiaguás fizeram com que os indígenas se dispersassem pelas cidades ao longo do Rio Paraguai até serem dados como extintos na década de 1950 pelo governo brasileiro. Graças à descoberta de um artesanato tradicional na Casa do Artesão de Corumbá, no final dos anos 70, os Guatós “ressuscitaram” e empreenderam uma longa luta para reaver suas terras e serem reconhecidos como nação.

Espremidos entre dois mundos, sofrendo preconceito mesmo entre seus pares, a determinação dos últimos Guatós em reivindicar sua cultura é exemplo de perseverança. O questionamento que muitos fazem sobre se ainda são ou não índios é o mesmo que se pode ter com relação aos milhares de imigrantes brasileiros que vivem no Japão ou em outros países. Nem por isso perdem o sentimento de nacionalismo que tanto nos caracteriza e os Guatós, o orgulho de pertencer a uma das etnias mais antigas do Brasil.

Na editoria de Cidade, a construção da pista tátil e direcional para deficientes visuais, patrocinada pela empresa MSGás, não somente facilita a vida dos cegos da capital, como também coloca Campo Grande como a terceira capital do Brasil a respeitar as normas de acessibilidade dos portadores de necessidades especiais.

O jornalista Edson Moraes, no especial para a Revista MetrÓpole, desenha o cenário pós-eleição para o presidente Lula e para o governador eleito André Puccinelli.

Nesta edição, lamentamos a ausência dos jornalistas André Assis e Érica Franzon, que trouxeram um novo olhar para a Revista MetrÓpole e para o jornalismo de Mato Grosso do Sul, através da seriedade, da ética e responsabilidade que caracterizam seus trabalhos. Também nos deixa o fotojornalista Edemir Rodrigues, que integrará a equipe da Secretaria de Cultura do Estado. A todos, nossos sinceros agradecimentos.

expediente

www.metropolenet.com.br



REVISTA METRÓPOLE - é uma publicação da MILAS & CIA Ltda. - CNPJ 337.821.370/0001-02
 Direção, Redação e Depto Comercial: Rua Paissandú, 136
 CEP 79005-070 - Bairro Amambal - Campo Grande/MS
 IMPRESSÃO - Graficom - Tel.: (67) 3313-5555
 CIRCULAÇÃO - Todos os 78 municípios de Mato Grosso do Sul, Distrito Federal, Cuiabá (MT), Porto Velho (RO) e São Paulo (SP)
 AS MATÉRIAS, ARTIGOS ASSINADOS OU MATERIAL DE ORIGEM DEFINIDA SÃO DE INTEIRA RESPONSABILIDADE DE SEUS AUTORES. OS ORIGINAIS, MESMO QUANDO NÃO PUBLICADOS, NÃO SERÃO DEVOLVIDOS.

METRÓPOLE NET

EMÍDIO MILAS
Diretor ExecutivoSUKI OZAKI
JornalistaVALMIR MORAES
Editor Gráfico

Fale conosco - (67) 3313-5562

REDAÇÃO: editorgeral@metropolenet.com.br | COMERCIAL: comercial@metropolenet.com.br | ARTE: arte@metropolenet.com.br

GUATÓ

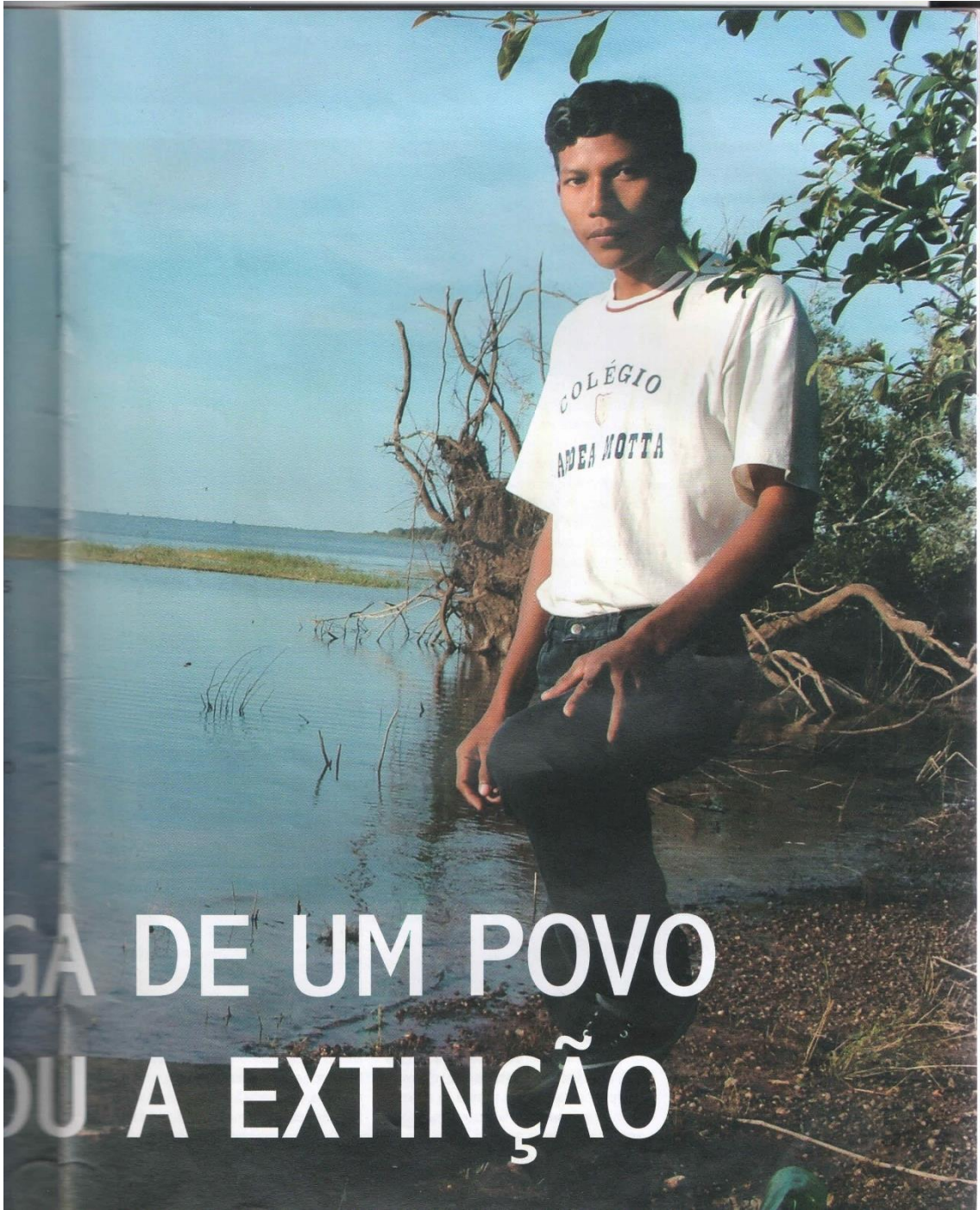
POR SUKI OZAKI

SUKI OZAKI

Eles moram em uma ilha em pleno Pantanal, na divisa da Bolívia com o Mato Grosso, distante 350 quilômetros de Corumbá via rio Paraguai. Acessível apenas por barco ou avião, a região surpreende por seus encantos e a receptividade de seus 230 habitantes. Garças, capivaras, jacarés completam a paisagem.

Antes de obter a posse da terra, muitos guatós nunca tinham colocado os pés na Ilha Insua, que pertenceu a seus pais e avós. Outros viveram grande parte de suas vidas em meio urbano, nas periferias de Corumbá ou Cáceres, tendo apenas recordações de infância do lugar. Quase todos negavam a ascendência indígena por medo das represálias e do preconceito que os fizeram emigrar há cerca de 50 anos.

GUATÓ, A SAGA QUE RECUSOU



GA DE UM POVO
DU A EXTINÇÃO



CAPA

Hoje, formam a Aldeia Uberaba, localizada próxima a lagoa do mesmo nome, em homenagem a uma antiga fazenda. O pequeno vilarejo reagrupa cerca de sete famílias e outras 28 estão espalhadas nos 9.550 hectares de terra da tribo dos Guatós e mais 1.986 hectares de área alagada do Pantanal. O que torna singular e fascinante essa história é o movimento inverso das outras tribos espalhadas em Mato Grosso do Sul. Eles deixaram a periferia da cidade, voltando a repovoar a aldeia e reivindicando a identidade indígena, aprendendo com os últimos anciãos a falar a língua ancestral, o Guató, e a ensiná-la na escola local. A primeira vista, eles não lembram em nada as tribos criadas no imaginário popular. Usam roupas, falam português, são evangélicos, têm antena parabólica, TV e DVD, mas o espírito, que os fez deixar o conforto na cidade e habitar um lugar tão distante, está presente nos gestos, na roda de conversa ao cair da tarde em frente da casa do cacique, na maneira de se manter em pé para remar nas pequenas canoas feitas de um tronco só de ximbuva, no jeito tímido e simples de viver em harmonia com a natureza. O que para muitos pode parecer "preguiça", por não almejarem produzir além do que consomem, faz parte da cultura a qual reivindicam pertencer: a Guató, os últimos canoeiros do Pantanal.

Era cerca de nove horas da manhã quando o cacique Severo Ferreira me convidou para buscar lenha. Junto com outros membros da comunidade, subimos no grande barco azul Guató I e nos dirigimos para o começo da ilha, cerca de quatro quilômetros da aldeia.

Ele me explica que vão naquele lugar porque se encontra a melhor madeira para fazer lenha e também para preservar a mata perto das casas, assim "a floresta tem tempo de se recuperar", explica. O corte é seletivo, apenas árvores secas são abatidas com a moto-serra.

Durante o retorno, enquanto conduz o barco, começo a perguntar sobre a história do povo Guató. Com seu jeito simples, o cacique começa seu relato.

— "Tinha 15 anos quando meus pais deixaram a ilha e foram morar em Corumbá. Nessa época cerca de 50 famílias moravam na ilha. Era o ano de 1951". Segundo ele, até então, viviam sem maiores conflitos com os donos da Fazenda Bela Vista, situada no começo da ilha. A fazenda fora formada há algumas décadas e passada de pai para filho. Próximo dali, um destacamento do Exército também se instalou em Porto Índio por ser área de fronteira.

— "Quando a filha do fazendeiro se casou, o marido passou a administrar a Bela Vista. Um dia, ele mandou um engenheiro agrimensor medir toda a ilha, disse que tinha comprado e quem quisesse continuar morando aqui, tinha que trabalhar para ele. Meu pai, junto com outros moradores que nunca tinham trabalhado de empregado preferiram ir embora", relembra o cacique. Apenas cinco famílias ficaram.

— "Mais tarde, soubemos que o Exército tinha arrendado as terras", explica.

José Marino da Costa, o seu Zequinha, 73 anos, um dos que resistiram ao êxodo, relembra o tempo em que as famílias viviam na aldeia. "Quando meu avô formou a Fazenda Bela Vista, vindo de Cáceres, junto com o Inocêncio da Rocha, aqui só tinha Guató". Mais tarde o avô vendeu sua metade, mas continuou a morar na ilha, assim como seus pais e ele próprio, apesar de negar a ascendência indígena.

— "Tinha acabado de construir minha casa aqui nesse lugar, quando o capataz veio avisar que teria de trabalhar na fazenda se quisesse continuar morando aqui. Fui embora, mas voltei quatro meses depois a pedido de meu genro, para ajudá-lo a abrir uma estrada de nove quilô-

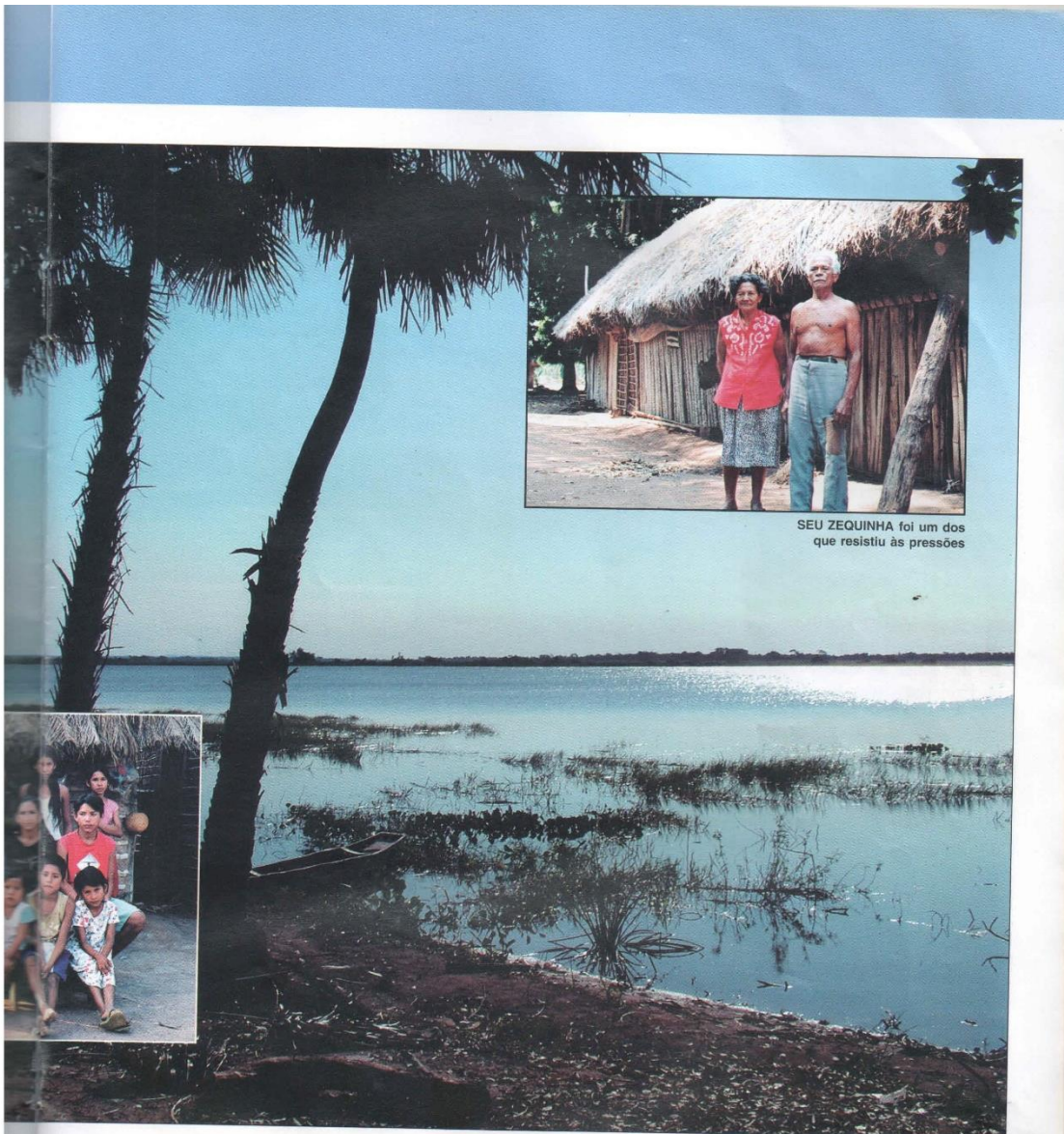
BIRKI COZANI



ROSAURO MENDES chegou a sofrer ameaça de morte

metros". Zequinha explica que o capataz advertiu que assim que terminasse o serviço, teria que ir embora, mas graças à proteção de um sargento do Exército locado na guarnição, pôde ficar.

Outro que relembra as pressões sofridas para deixar a terra é Rosauro Mendes, 59 anos.



SEU ZEQUINHA foi um dos que resistiu às pressões

Durante 32 anos morou na divisa da fazenda e chegou até a sofrer ameaça de morte. "Sentíamos medo, mas não tínhamos para onde ir", relembra. Os pais de Rosauro vieram de Cáceres. A mãe era Guatô e falava o idioma, ele nasceu e cresceu na ilha. Casado com Maria Arminda

Vasques, tiveram 12 filhos.

— "Há cerca de três anos viemos para mais perto da aldeia por causa da escola das crianças", conta Rosauro. As filhas mais velhas, seis no total, já estão casadas e moram próximas de sua casa. Ele planta banana, tem uma roça de

mandioca e batata, caça e pesca para complementar a cesta básica que recebe do Programa de Segurança Alimentar do Governo Federal.

— "Compramos apenas o que não podemos fazer aqui", explica. Os poucos recursos são frutos do artesanato vendido esporadi-



CAPA

camente a turistas.

Eles moram em uma casa típica guató, feita de taipa (argila e madeira) coberta com palha. Seu Rosauro sabe tratar o couro e com ele faz sandálias e bolsas. Dona Maria confecciona cestas de raízes de água-pé, que nem mesmo sabe explicar como aprendeu. —“Tirei do meu pensamento”, murmura timidamente. Esse artesanato tradicional “ressuscitou” os Guatós.

O RENASCIMENTO E A LUTA — “Por mais de 40 anos moramos em Corumbá e mantivemos o contato com outras famílias de guatós que também estavam instaladas lá”, conta Severo.

—“Eu e minha família nunca passamos necessidades porque tinha minha oficina, consertava bicicletas, sapato, espingarda. Todo dia ganhava meu dinheiro, mas muitos conterrâneos não tinham um ofício”, explica.

No final dos anos 70, segundo Dalva Maria de Souza Ferreira, esposa de Severo, a irmã Ada Gambarotto descobriu na casa do Artesão em Corumbá, um tapete fabricado com raízes de água-pé, mesma técnica usada na confecção de cestas fabricadas artesanalmente por Maria Arminda.

Conhecedora das culturas indígenas do Estado, irmã Ada reconheceu as características do estilo Guató.

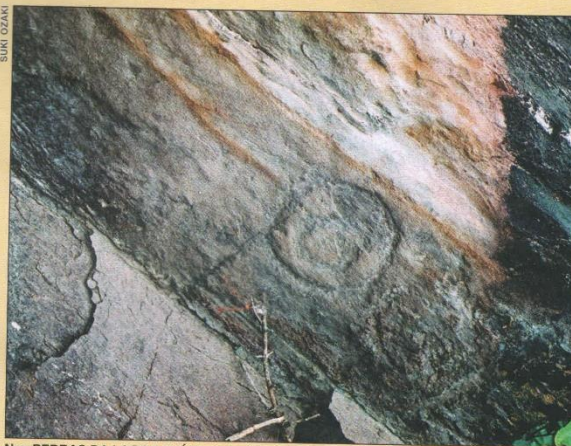
—“Um espanto, mais do que surpresa” explica Dalva, pois ela sabia que tinham sido dados como extintos. Desta maneira, ela descobriu Dona Josefina, mãe de Celso Alves Ribeiro e do cacique Severo. A partir desse momento, desencadeou um processo, junto com outros padres salesianos, pelo reconhecimento dos Guatós desaldeados que moravam em Corumbá. Celso fazia a ponte entre a Fundação Nacional do Índio (Funai) pesquisadores, antropólogos e os Guatós espalhados pelo Pantanal, até ser assassinado em 20 de fevereiro de 1982 por contrabandistas de pele de jacaré.

Com a morte do irmão, Severo Ferreira foi procurado pela Funai entre o final de 1983 e começo de 1984.

—“Mandaram saber de nós, os que ainda tinham o pensamento de índio, se queríamos reaver as terras que tinham sido reconhecidas como sendo terra indígena”, relembra.

—“Perguntei para minha mulher, se ela me ajudaria e juntos começamos à luta”. Segundo ele, foi difícil convencer os guatós a voltarem,

SUKI OZAKI



Nas PEDRAS DA LAGOA GAÍVA ainda é possível ver inscrições rupestres

O PASSADO GUATÓ — Segundo o professor e arqueólogo da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), Jorge Eremites de Oliveira, há relatos da presença do povo Guató na região do Pantanal há mais de 500 anos, citados pela primeira vez nos Comentários do conquistador espanhol Alvar Núñez Cabeza de Vaca já em 1543. Porém, dados arqueológicos levantados na região do Morro do Caracará, no Mato Grosso, levam a crer que já estivessem na região há mais de 800 anos. Hoje, ainda é possível ver inscrições rupestres nos paredões rochosos da Lagoa Gaíva, próximo da Lagoa Uberaba.

Vivendo em famílias nucleares, os Guatós chegaram a ocupar grande parte do Pantanal. Essa característica, segundo Oliveira, os distingue de outras etnias, como os Terenas ou Caiuás, que se organizam em grandes aldeias. Isso possibilitou também que não fossem extintos quando foi descoberto ouro em Cuiabá pelos bandeirantes, na primeira metade do século XVIII, escapando das doenças e dos massacres propagados pelos conquistadores. Outra particularidade apontada pelo pesquisador, é que os Guatós não tinham a figura do cacique. Nômades, se adaptavam ao ciclo das enchentes pantaneiras.

Durante a guerra do Paraguai, muitos guatós chegaram a participar do lado do exército brasileiro, mas com a chegada das fazendas de gado no começo do século XX, foram forçados a deixar cada vez mais seu território tradicional. Oliveira explica que havia uma lei de 1820 que protegia os territórios indígenas, mas que não foi respeitada, passando muitas terras para as mãos de fazendeiros. Nesse caso, a opção era dada: ou trabalhavam nas fazendas ou deixavam suas terras.

Muitos foram morar na periferia de cidades como Corumbá, Cáceres, Poconé e Cuiabá, sendo dados oficialmente como extintos pelo governo brasileiro na década de 1950. Um “etnocídio à esferográfica” para Oliveira, pois não houve na época nenhum levantamento demográfico que comprovassem seu desaparecimento, fato também que ocorreu com outras etnias.

...muitos já estavam acostumados a vida urbana, "a comer pão todos os dias", explica. Mas, havia outros que passavam necessidades pois "é preciso ter dinheiro na cidade", completa, já na aldeia o alimento é assegurado pela pesca e pelas plantações.

Dona Dalva relembra esse tempo. "Foram quase dez anos de luta. Nem sabíamos por onde começar". Segundo ela, foi graças a Marta Guarani, presidente do Kaguatoka, Associação dos Índios Desaldeados, que os Guatós aprenderam a se organizar.

"Ela nos ensinou a lutar, a participar de manifestações, a brigar por nossos direitos", conta, fazendo uma pequena pausa como se quisesse buscar na lembrança a imagem da amiga. Marta Guarani era sobrinha do líder indígena Marçal de Souza, assassinado em 1983 por fazendeiros.

Outra ajuda preciosa, segundo Dalva, foi do Conselho Indigenista Missionário (Cimi), que viabilizou, através de um projeto a construção do barco que pertence à comunidade até hoje e que trouxe os guatós de volta à ilha.

"A Funai já tinha feito levantamento. O Exército não deixava a gente retornar. Quem tava dentro da ilha, podia ficar e quem tava fora não podia entrar. Mesmo que quiséssemos, não tínhamos condução", completa Severo.

É bem verdade, pois são necessários dois dias e duas noites para chegar à Aldeia Uberaba nos barcos de turistas. De voadeira (bote de alumínio) com um motor de 40 Hp, o trajeto é feito em oito horas, quando não há vento.

Com a ajuda do Kaguatoka, Cimi e da Funai, Severo e Dalva tomaram sobre si a responsabilidade e encabeçaram a luta dos Guatós. "Fomos para Campo Grande, Brasília, para tudo quanto é canto. Até em manifestações de sem-terra chegamos a levar nossas reivindicações. A gente corria e lutava. Só nós dois", recorda Dalva.

Luta árdua, não somente pela posse da terra, mas também para serem reconhecidos novamente como povo. Até mesmo dentro da comunidade indígena, sofreram o preconceito e a discriminação.

"Durante um encontro em Brasília, uma líder Terena recusou-se a compor a mesa junto comigo, dizendo que os Guatós não existiam, era uma invenção nossa", relembra. "Então, outra Terena, disse que nos reconhecia como nação e tomou o assento", completa.



Depois de secas, as raízes de água-pé são trançadas e usadas para fazer tapetes e cestas. Na foto, MARIA ARMINDA confecciona uma bolsa

Finalmente, quase uma década depois, a Ilha Ínsua foi reconhecida como área indígena tradicional e homologada em fevereiro de 2003 pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva.

A MAIS GUATÓ DOS GUATÓS — Dona Dalva é mestiça. De mãe negra e pai descendente de índios Aimorés de Minas Gerais, nasceu em um seringal nas bandas do norte da Amazônia. Olhos vivos e jeito manso de falar, está casada com o cacique há quase quatro décadas. Pequena, cabelos grisalhos, tem a fibra das grandes mulheres que não abandonaram a

luta junto de seus homens.

O respeito e o carinho com os quais o cacique lhe trata é recompensado pela mesma deferência, por reconhecer nela uma companheira de todos os momentos. A humildade do casal é do tamanho de sua bondade. Juntos sustentam dois anciãos, tratados com carinho: Veridiano, mais de 90 anos, está com Mal de Parkinson. Viviu com outros dois Guatós puros, também de idade avançada no morro do Caracará. Sempre visitados pelo cacique, um dia resolveu aceitar o convite e veio morar na aldeia.

Outro, que brigou com o irmão e não tinha



CAPA



VERIDIANO porta um "penacho", feito da palmeira acuri, usado para espantar mosquitos. Ele é um dos últimos Guatós a falar fluentemente a língua.

para onde ir, é Leopoldo, 70 anos. Ele sempre morou na ilha. A antiga casa do casal abriga os velhinhos e Bartolomeu Rondon, 49 anos, que não tem família. Ele veio de Cáceres até a Aldeia Uberaba em uma canoa, navegando 800 quilômetros durante cinco dias.

— "Trabalhei em Cáceres até juntar dinheiro e

poder comprar a canoa e vim descendo o rio", relembrando a façanha.

Há alguns anos, Severo e Dalva já tinham cuidado de outro ancião, João Quirino de Carvalho, tio-avô do marido. Graças a ele, Dalva pode elaborar um mini-dicionário com vocabulários e frases em Guató, coletados durante os

dez anos em que morou com o casal, até morrer aos 116 anos.

Hoje, as crianças aprendem a língua na escola, onde dois professores se revezam nessa tarefa. Os Guatós entenderam que a única maneira de resgatar parte de sua identidade perdida através dos êxodos, é pela educação.

O RETORNO, VOLTANDO A SER ÍNDIO — "Parecia a arca-de-noé. As famílias trouxeram porco, galinha, cabrito, mantimentos e os poucos pertences no barco da comunidade", relembra Dalva.

— "Todos estavam muito animados, cheios de esperança em ter um pedaço de chão, era como voltar para a terra prometida", explica Dalva, enquanto aponta para onde está a igreja.

— "Não tinha nada aqui. Os homens cortaram as madeiras e montamos os primeiros barracos com lonas", prossegue.

Mas, para quem passou grande parte da vida na cidade, chegar em um lugar sem o mínimo conforto foi um difícil começo.

— "Muitos voltaram após algum tempo, sou um dos poucos que restaram dessa primeira viagem", conta Valeriano Caetano da Silva, 65 anos, chamado de "caboclo" pelos amigos. O período de chuvas e de muitos mosquitos foi um dos empecilhos que dificultou a readaptação, segundo ele.

O pai de Valeriano era Guató puro e a mãe mestiça, de pai negro e mãe Guató, chamada de Dona Negrinha, uma das últimas a falar a língua e que preferiu ficar em Corumbá.

— "Minha mãe contava que na região do Acuzal, a tribo fazia suas festas. Trabalhei muito tempo como peão em fazendas. Voltei em 1994, pois nunca tinha esquecido a ilha", afirma. Ele casou há cerca de três anos com a viúva Cecília de Souza da Silva, Guató pura, nascida na fazenda Bela Vista, onde foi criada pelo fazendeiro.

Encontrei-a confeccionando cestas com raízes de água-pé e de fibra da bananeira, perpetuando a tradição. Eles vivem do que plantam e pescam e do artesanato produzido. Na ilha, os homens fabricam pequenos objetos em madeira, como cinzeiros, canoas, colheres de pau e chaveiros, vendidos quando vão a Corumbá ou aos raros turistas que aparecem na região.

Três filhos do cacique moram na ilha. As filhas não quiseram deixar a cidade, inclusive uma mora em Campo Grande, junto com a mãe. Um

deles, Zaquel, é professor da língua Guató na escola da aldeia. Casou com Elenir Assunção Ferreira, nativa da ilha, com quem tem três filhos. Filha de uma das cinco famílias que resistiram ao êxodo, estudou até a 5ª série em Corumbá. Apesar de ser jovem, diz que não quer sair de lá.

— "Já me acostumei. Minha prioridade é voltar a estudar e dar aula na escola", garante Elenir. Os únicos luxos que não abre mão são a televisão e o DVD, que toca o dia todo músicas evangélicas.

Os Guatós casam-se entre si. Muitos irmãos de uma mesma família acabam casando com as filhas de outra. O risco de consangüinidade existe, inclusive uma família das 35 que moram na ilha tem dois filhos com necessidades especiais.

CONFORTOS DA CIVILIZAÇÃO — Graças a persistência do cacique e de sua esposa, a luz solar chegou a aldeia há dois anos, através do Programa Luz para Todos do Governo Federal. Apenas, o núcleo perto da escola é beneficiado. A água encanada também é recente e atinge cerca de 50% das famílias. Uma das reivindicações do cacique é que seja estendida a todas as casas da ilha.

— "Se todos quisessem morar aqui perto seria mais fácil colocar água e luz para todos, mas



BARTOLOMEU remou cinco dias em sua canoa até chegar na ilha



CACIQUE SEVERO ao lado da esposa **DÁLVA** mostrando o registro da ilha

eles preferem o isolamento. Eu gosto de ter minha gente perto de mim, nunca gostei de solidão", lamenta.

Ele relata um pequeno incidente quando foi instalada a água.

— "Dois engenheiros mandaram buscar água no destacamento militar. Perguntei porque ele não bebia da água que acabava de instalar. Ele me respondeu que a água não era potável e lhe faria mal. Pois disse a ele, que só sairiam da aldeia quando a água pudesse ser bebida por todos", conta.

Um pequeno posto de saúde foi construído recentemente e recebe a visita da equipe de médicos da Fundação Nacional de Saúde (Funasa) uma vez por mês. Quando é necessário remover algum doente até Corumbá, uma voadeira vem buscá-lo.

Um barco coberto, adaptado a essas emergências, também é um pedido antigo da comunidade.

Ele também está pleiteando casas em alvenaria.

— "Pelo menos trinta, pois quiseram nos dar



CAPA

somente 15, mas não aceitei... não é justo " defende Severo.

A escola foi construída há cerca de três anos. Duas classes atendem a comunidade até a 4ª série do Ensino Fundamental. Está sendo implantado um projeto de dois anos para atender de 5ª a 8ª série. A maior dificuldade é contratar professores que queiram encarar o isolamento e a distância, pois os professores dependem da generosidade dos barcos de turistas que passam perto da Lagoa Uberaba, pois não há transporte especial que faça o trajeto com eles.

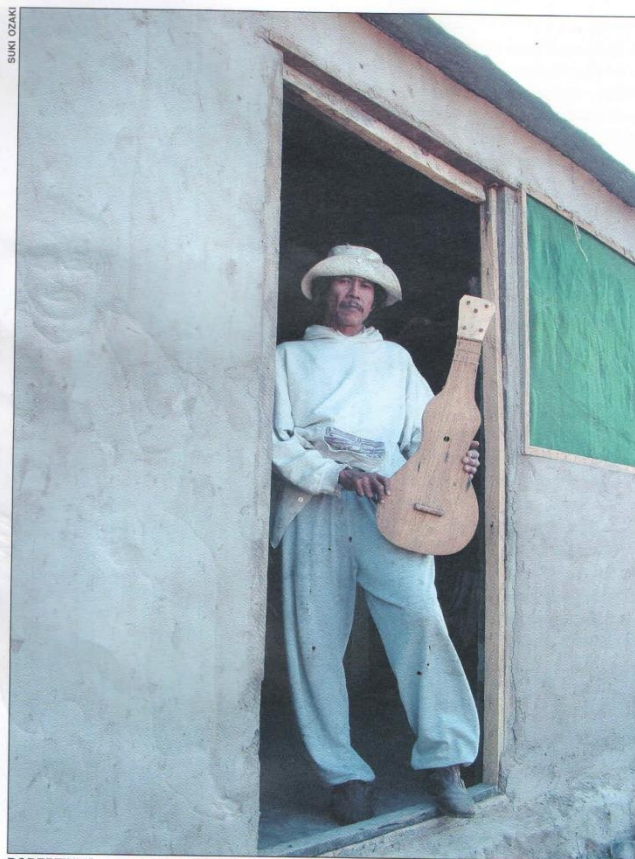
A importância dada à escolarização é algo que não se pode deixar de observar. Dalva e Severo são os maiores incentivadores, junto com Cilena Pinto, diretora da escola, pois reconhecem a urgência e a importância em formar pessoas da comunidade para ocupar postos essenciais dentro da aldeia. O programa de alfabetização, (Movimento de Alfabetização de Jovens e Adultos — Mova) segundo Cilena, foi muito bem recebido, ficando apenas cerca de cinco pessoas sem saber ler nem escrever por terem idade avançada ou sofrerem de necessidades especiais.

Como em toda sociedade, sempre há conflitos e interesses latentes. Pude perceber algumas críticas com relação ao cacique e sua família, mas nada que perturbe a convivência pacata da comunidade.

— "Sempre aparece alguma encrenca, pessoas que pensam de outra maneira, alguns pensam que ganhamos dinheiro em cima disso, mas os convencemos com nosso trabalho, porque eles vêem os resultados", desabafa o cacique, que sente o peso dos anos e das responsabilidades.

GUATÓ E EVANGÉLICOS — Pode parecer paradoxo, um povo reivindicar e tentar resgatar suas raízes indígenas e adotar uma religião. No caso dos Guatós, eles são evangélicos. O cacique, sua esposa e cerca de 10 famílias pertencem a denominação Assembleia de Deus. Construíram uma pequena igreja pintada em azul na entrada da aldeia onde, todas as noites, um culto é realizado. Cerca de 30 pessoas participam. Algumas andam mata adentro para se congregarem. De longe se ouve o louvor, animado por um violão. Cada noite, um membro é designado para ministrar o ofício. Homens e mulheres têm a palavra para contar um acontecimento do dia ou ler um versículo da Bíblia.

SUKI OZAKI



ROBERTINHO aprendeu a fabricar a viola de cocho com a mãe guató

Esse momento é uma forma de união da comunidade, que tem espaço para poder se manifestar. Como quase todos são alfabetizados, não hesitam em levantar e ler em voz alta. Nesse instante pode-se notar um certo orgulho quando o fazem.

Nas pregações do cacique, é enfatizada a importância das boas relações e do respeito para com o próximo. Também ele prega sobre o tratamento cordial que tem que ser dado às esposas.

— "Antigamente, vários homens judiavam da mulher, brigavam, batiam e eu comecei a mostrar

que não é assim. A mulher não é uma empregada, é uma companheira nossa. Já expliquei muito para eles, inclusive para todos que bebem", enfatiza.

Algumas mulheres confirmaram que depois que passaram a frequentar a Igreja, a relação com os maridos melhorou.

Outro fator positivo é que na comunidade não há o problema de alcoolismo observado em outras aldeias do Estado. Os convertidos não bebem e os que não o são, têm poucas oportunidades de adquirir a bebida, visto a distância para adquiri-la.

— "Como não bebo, não trago e nem com-

SUKI OZARI



Vista parcial da ALDEIA UBERABA. Ao fundo o Posto de Saúde e a Escola. No detalhe, acima, igreja local onde são realizados cultos diários

pro bebida para ninguém", afirma Severo. Essa posição radical lhe trouxe algumas inimizades, mas ele é inflexível.

— "Tenho que dar o exemplo como cacique".

OS CANOEIROS DO PANTANAL — Ao observar a destreza dos Guatós remando em pé, na proa de suas pequenas canoas feitas de um tronco só de ximbuva, notamos a latência de uma cultura que nunca morreu, não obstante as perseguições e êxodos que marcaram sua história.

Apesar da intensa convivência em meio aos não-indios, eles souberam preservar o sentimento de harmonia com o meio-ambiente em que vivem. A pesca e a caça são fartas, mas os animais são abatidos conforme as necessidades das famílias. Um incêndio na reserva há dois anos, dizimou centenas de animais. Desta maneira, os Guatós partem longe quando precisam caçar, para "preservar" os que estão se

reproduzindo.

A lenha usada para os fogões, também é escolhida a dedo, alguns quilômetros da aldeia. Apenas as árvores secas são abatidas. O lixo é enterrado e o orgânico é dado aos porcos.

Alguns pais ensinam seus filhos a fazer suas próprias canoas, enquanto as mulheres ensinam as filhas a confeccionar cestas e redes. As casas são amplas e limpas. Nas mais caprichadas, um pequeno jardim com flores completa o quintal.

Os partos são feitos por duas "parteiras" tradicionais, seguindo um curioso ritual. Durante quatro dias a mulher não pode sair de dentro de sua casa, bebem uma bebida quente feita de ervas. No umbigo do bebê é colocado um curativo feito da raiz de mandioca.

A vida simples, sem maiores ambições, faz parte do cotidiano da Aldeia Uberaba, onde a natureza ainda guarda seus encantos. Os jovens que já estão casados, não pretendem mais

deixar a ilha, mesmo os que viveram em meio urbano, como Sílvia, Zaquel, Adilson. Já os adolescentes sentem vontade de conhecer outras paisagens, como José Ataíde Filho, 15 anos, que quer conhecer "o mundo" e depois voltar para ver a família.

Os mais velhos nem cogitam sair de lá.

— "Lá escolhi onde quero ser enterrado" fala com determinação o cacique, como se sentisse o peso dos anos. Seu olhar se estende pelas margens da aldeia. Era fim de tarde.

Ele aponta para uma árvore perto do rio e prossegue:

— "A primeira coisa que temos de ter é a humildade. O cacique é um general, tem autonomia para fazer, falar, mandar, mas quem é de Deus não pode agir assim, porque se não ele vai entristecer o seu semelhante. Então, a gente não pode usar a força, temos que ter humildade para viver feliz. Deus é o dono de tudo". ■